UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE INTEGRAÇÃO DA AMÉRICA LATINA

DANIEL LADEIRA DE ARAÚJO

Diálogos do simbólico:

[Re]construção de imaginários sobre Brasil e Argentina em
matérias jornalísticas

São Paulo

2015

DANIEL LADEIRA DE ARAÚJO

Diálogos do simbólico:

[Re] Construção de imaginários sobre Brasil e Argentina em
matérias jornalísticas

Tese apresentada ao Programa de Integração da América Latina da Universidade
de São Paulo para a obtenção do título de Doutor em Ciências

Área de concentração:
Comunicação e cultura

Orientador:
Prof. Dr. Renato Braz Oliveira de Seixas

São Paulo

2015

Nome: ARAÚJO, Daniel Ladeira de

Título: Diálogos do simbólico: [Re] construção de imaginários sobre Brasil e Argentina em matérias jornalísticas

Tese apresentada ao Programa de Integração da América Latina da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutor em Ciências.
Área de concentração: Comunicação e cultura

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof.(a) Dr.(a):

Julgamento:

Instituição:

Assinatura:

Prof.(a) Dr.(a):

Julgamento:

Instituição:

Assinatura:

Prof.(a) Dr.(a):

Julgamento:

Instituição:

Assinatura:

Prof.(a) Dr.(a):

Julgamento:

Instituição:

Assinatura:

Prof.(a) Dr.(a):

Julgamento:

Instituição:

Assinatura:

Dedico este trabalho para a minha linda esposa, Carolina.

Bdubi.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus, por estar comigo em todos os momentos da vida.

Aos meus familiares e amigos, especialmente aos meus pais José Otávio e Edith, por compreenderem a minha ausência durante a produção desta pesquisa.

Às queridas Camila Ladeira de Araújo e Jéssica Tamires dos Santos, por todo apoio.

Aos professores e amigos Egberto Gomes Franco, Enio de Moraes Júnior, Maria Elisabete Antonioli e Miguel Valione Júnior, por todos os conselhos, observações e comentários.

Às professoras Cremilda Medina e Maria Cristina Gobbi, por todas as contribuições feitas na banca de qualificação da pesquisa.

Ao meu professor Renato Seixas, pela dedicação despendida durante o período de orientação.

À Universidade de São Paulo, pela oportunidade de realização do doutorado.

Tecendo a manhã

*Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito de um galo antes e o lance a outro;
e de outros galos que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.
E se encorpando em tela, entre todos, se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo (a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo que, tecido, se eleva por si:
luz balão.*

João Cabral de Melo Neto, *A educação pela pedra*

RESUMO

ARAÚJO, Daniel Ladeira de. **Diálogos do simbólico: [Re] construção de imaginários sobre Brasil e Argentina em matérias jornalísticas**. 2015. 173 páginas. Tese (doutorado). Programa de Integração da América Latina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

Esta pesquisa propõe uma reflexão sobre como matérias jornalísticas, veiculadas no Brasil e na Argentina, abordam as relações entre os dois Estados. O principal problema de pesquisa consistiu em investigar se o conteúdo selecionado para estudo contribui para a (re)construção de imaginários sobre como Brasil e Argentina se veem reciprocamente. Como problema subsidiário motivador da pesquisa, pretendeu-se identificar e analisar quais são os elementos simbólicos presentes para realizar tal (re)construção de imaginários. A pesquisa parte da hipótese de que as narrativas e discursos contidos nas matérias selecionadas para estudo são poderosos instrumentos para a (re)construção de imaginários do Brasil em relação à Argentina e vice-versa. O objetivo central da pesquisa foi, portanto, verificar se nas matérias escolhidas para estudo estavam presentes elementos simbólicos capazes de possibilitar a (re)construção de imaginários entre Brasil e Argentina e, além disto, examinar como tais elementos foram articulados para que tais imaginários constituam aspectos das identidades coletivas de brasileiros e argentinos. A partir disso, a pesquisa tem natureza exploratória e de estudo de casos, que constituem amostra não probabilística. Usa o método indutivo para, a partir dos casos estudados, verificar se é possível encontrar tendências mais gerais que contribuam para a referida (re)construção de imaginários. O repertório de matérias foi extraído das seguintes mídias: o jornal Folha de S.Paulo, O Estado de S. Paulo, portal G1, Revista Veja, portal Extra On-line, jornal La Nación, portal Canchallena, jornal Clarín, portal Ñ-Revista de Cultura, portal ARQ, em publicações ocorridas no ano de 2014. A análise foi feita com técnicas de leitura cultural e de análise de discurso. As fontes primárias da pesquisa são as matérias selecionadas para análise. Como fontes secundárias, recorreu-se à literatura indicada ao final desta tese. A escolha das matérias foi feita com base na qualidade de cada uma, conforme apresentassem, em comparação com outras matérias, mais elementos simbólicos correlacionados com o objetivo da pesquisa. Em seguida, a pesquisa lança luz sobre a instância de produção do produto midiático, seus atores e as intencionalidades com as quais as narrativas e os discursos são tecidos. Admite-se como premissa que o jornalista é um ator fundamental, protagonista na produção de narrativas e discursos contidos nas matérias estudadas. Por isso, realizamos uma reflexão teórica sobre o papel desse ator e a importância de aliar a sensibilidade e empatia à prática jornalística. A partir desses diferentes aspectos abordados na pesquisa, considera-se que os imaginários do Brasil em relação à Argentina e vice-versa, assim como os elementos simbólicos com os quais esses imaginários são (re)construídos, são forjados pelo jornalista num amplo e complexo processo dialógico.

Palavras-chave: Integração; Leitura Cultural; Análise de Discurso; América Latina; Brasil; Argentina.

RESÚMEN

ARAÚJO, Daniel Ladeira de. **Diálogos del simbólico: [Re] construcción de imaginarios sobre Brasil y Argentina en artículos periodísticos**. 2015. 173 páginas. Tesis (doctorado). Programa de Integração da América Latina (Programa de Integración de América Latina), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

Esta investigación propone una reflexión sobre cómo los artículos periodísticos, transmitidos en Brasil y Argentina, analizan las relaciones entre los dos países. El problema principal de la investigación fue examinar si el contenido seleccionado para estudio contribuye a la (re)construcción de imaginarios sobre la manera como Brasil y Argentina se perciben recíprocamente. El problema subsidiario que motiva la presente investigación tiene como objetivo identificar y analizar cuáles son los elementos simbólicos existentes para llevar a cabo tal (re)construcción de imaginarios. La investigación parte de la hipótesis de que las narrativas y discursos contenidos en los artículos seleccionados para el estudio son herramientas poderosas para la (re)construcción del imaginario de Brasil en relación con Argentina y viceversa. El objetivo principal de la pesquisa fue, por lo tanto, determinar si en los artículos elegidos para estudio estaban presentes elementos simbólicos capaces de permitir la (re)construcción de imaginarios entre Brasil y Argentina y, además, examinar cómo estos elementos fueran articulados de forma que tales imaginarios sean aspectos de las identidades colectivas de brasileños y argentinos. A partir de esto, la investigación es de naturaleza exploratoria y de estudios de casos, que son una muestra no probabilística. La investigación utiliza el método inductivo para, a partir de los casos estudiados, ver si se puede encontrar tendencias más generales que contribuyan a la dicha (re)construcción de imaginarios. El repertorio de artículos fue extraído de los siguientes medios de comunicación: el diario Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, el sitio web G1, Revista Veja, sitio web Extra On-line, diario La Nación, portal Canchallena, diario Clarín, sitio web Ñ-Revista de Cultura, sitio web ARQ, en publicaciones transmitidas en 2014. El análisis se realizó con técnicas de lectura cultural y de análisis del discurso. Las fuentes principales de esta investigación son los artículos elegidos para el análisis. Como fuentes secundarias, se utilizó la literatura indicada al final de esta tesis. La elección de las materias periodísticas se basó en la calidad de cada una de ellas, caso presentasen, en comparación con otras materias, más elementos simbólicos correlacionados con el objetivo de la investigación. A continuación, la investigación desbrava la instancia de producción del producto mediático, sus actores y las intenciones con las cuales las narrativas y los discursos son producidos. Se acepta como premisa que el periodista es un actor clave, un protagonista en la producción de las narrativas y discursos contenidos en las materias periodísticas estudiadas. Así, se realizó una reflexión teórica sobre el papel de dicho actor y la importancia de combinar la sensibilidad y la empatía con la práctica periodística. A partir de estos diferentes aspectos abordados en este estudio, se considera que el imaginario de Brasil en relación con Argentina y viceversa, así como los elementos simbólicos con los cuales éstos imaginarios son (re)construidos, se forjan por el periodista en un grande y complejo proceso dialógico.

Palabras-clave: Integración; Lectura Cultural; Análisis del Discurso; América Latina; Brasil; Argentina

ABSTRACT

ARAÚJO, Daniel Ladeira de. **Dialogues of the symbolic: [Re] building imaginary about Brazil and Argentina in journalistic articles**. 2015. 173 pages. Thesis (PhD). Integration program in Latin America, University of São Paulo, São Paulo, 2015.

This research proposes a reflection on the way journalistic articles are built, conveyed in Brazil and Argentina, discuss relations between the two states. The main research problem was to investigate whether the content defined to this study contributes to the (re) construction of imaginary about how Brazil and Argentina see each other. As a motivating subsidiary research problem, it was intended to identify and analyze what are the symbolic elements to conduct such (re) construction of imaginary. The research starts from the point that the narratives and discourses contained in the articles selected for this study are powerful tools for (re) construction of imaginary about Brazil in relation to Argentina and vice versa. The main objective of the study was therefore to determine if there are, on the articles chosen for study, symbolic elements capable of enabling the (re) construction of imaginary between Brazil and Argentina and, in addition, examine how these elements were linked to constitute such imaginary aspects of collective identities of Brazilians and Argentines. From this point, the research has exploratory and case studies, which are non-probabilistic sample. It uses the inductive method to, starting from the studied cases, check if you can find more general trends that contribute to that (re) construction of imaginary. The articles were taken from the following media: Folha de S.Paulo newspaper, O Estado de S. Paulo, portal G1, Veja Magazine, portal Extra Online, newspaper La Nación, Canchallena portal, Clarín newspaper, portal N- Journal of Culture, ARQ website, in publications occurred in the year 2014. The analysis was done with cultural reading techniques and discourse analysis. The primary sources of the research are the subjects selected for analysis. As secondary sources, we used the literature indicated at the end of this thesis. The choice of materials was based on the quality of each, as presented, compared to other materials, more symbolic elements correlated with the research objective. Then, this research approaches communication companies, its agents and their intentions with which narratives and discourses are built. It is accepted as a premise that the journalist is a key actor, starring in the production of narratives and discourses contained in the materials studied. Therefore, we conducted a theoretical reflection on the role of the actor and the importance of combining sensitivity and empathy to journalistic practice. From these different aspects addressed in this study, it is considered that the imaginary of Brazil in relation to Argentina and vice versa, as well as symbolic elements with which these are imaginary (re) constructed, are forged by the journalist in a large and complex dialogic process.

Keywords: Integration; Cultural Reading; Discourse Analysis; Latin America; Brazil; Argentina

Sumário

Introdução	11
1. Conceitos fundamentais: narrativas, análise de discurso e leitura cultural	18
1.1 Considerações sobre narrativas e leitura cultural	18
1.2 Considerações sobre a análise de discurso	22
1.3 A importância do contexto e da intertextualidade à análise de discurso e na leitura cultural	36
1.4 Considerações sobre a análise de discurso no jornalismo	41
2. Organismo midiático	51
2.1 A instância da arquitetura do produto midiático	53
2.2 Intencionalidades e Efeitos	56
2.3 Os atores do lugar de produção	60
3. A construção do produto midiático	67
3.1 O artesão: um debate sobre o papel do jornalista	70
3.2 O artesão-mediador social da realidade	76
4. Ponderações sobre as relações entre o Brasil e a Argentina	82
5. [Re]construção de imaginários sobre Brasil e Argentina em matérias jornalísticas	93
6. Considerações Finais	120
Bibliografia	125
Anexos	133

Introdução

O **tema** central desta pesquisa é a proposta de uma reflexão sobre como as matérias jornalísticas abordam as relações entre o Brasil e a Argentina. A nossa reflexão se dará com base no processo de integração da América Latina, entendendo que a integração é construída a partir do fortalecimento dos laços políticos, econômicos, sociais e culturais. Desta forma, a análise dos processos comunicacionais é importante para compreendermos como tais laços são abordados dentro da própria região através de matérias jornalísticas.

Com isso, a investigação gira em torno de como os elementos culturais, presentes no conteúdo midiático analisado, contribuem para a construção, reconstrução e manutenção do imaginário que os brasileiros formam a respeito de argentinos e vice-versa.

Assim, este trabalho pretende colocar em pauta, no âmbito acadêmico, o debate sobre o processo de integração entre o Brasil e a Argentina, a partir da leitura cultural e da análise dos discursos que emergem nas matérias jornalísticas dos dois países.

A partir da concepção de Maingueneau e Charaudeau (2014), quando afirmam que a palavra diálogo pressupõe a ideia de troca construtiva, compreendemos que matérias jornalísticas compõem um diálogo. Nele, diversos atores como, por exemplo, os veículos de comunicação, jornalistas, leitores, governos e até mesmo anunciantes, contribuem para a produção de sentidos.

De acordo com Candeas (2010), a relação diplomática entre os dois países transitou por momentos de rivalidade e de cooperação e, a partir da redemocratização dos dois Estados, na década de 1980, foi possível a superação progressiva da rivalidade pela lógica da amizade e integração. Além disso, para o referido autor, a construção dessa parceria estratégica é fundamental para os interesses dos dois países.

Desta forma, esta pesquisa se **justifica** por ser uma tentativa de contribuir na análise sobre o papel das matérias jornalísticas no processo de (re)construção de imaginários e nas relações entre Brasil e Argentina. De acordo com Lago e Benetti (2010), o jornalismo é um lugar de produção e circulação de sentidos. Por esse motivo, utilizamos como *corpus* tal conteúdo.

Foi justamente a partir da reflexão dos impactos dessas trocas construtivas que surgiu o **problema** central desta pesquisa. Podemos sintetizá-lo na seguinte indagação: Como matérias jornalísticas contribuem para a (re)construção de imaginários sobre como o Brasil e a Argentina se veem?

A partir dessa problemática principal, questões secundárias emergiram, como: Quais são os elementos simbólicos presentes para realizar tal (re)construção de imaginários? Como a alteridade inerente à construção identitária é tratada nas matérias jornalísticas selecionadas para análise?

Nossa **hipótese** básica é de que os elementos culturais, presentes nas matérias jornalísticas analisadas, se constituem em importantes vetores para a (re)construção do relacionamento entre o Brasil e a Argentina, e para a percepção que o povo de cada um desses países forma a respeito do povo do outro país.

Temos como **objetivo** principal verificar, nas matérias jornalísticas escolhidas para o estudo, a presença de elementos culturais capazes de possibilitar a (re)construção de imaginários entre Brasil e Argentina. Além disso, examinar como tais elementos foram articulados para que tais imaginários constituam aspectos das identidades coletivas de brasileiros e argentinos.

Utilizamos como aporte **metodológico** a pesquisa exploratória e de estudos de casos, que constituem amostra não probabilística. Usamos o método indutivo para, com base nos casos estudados, verificar se é possível encontrar tendências mais gerais que contribuam para a referida (re)construção de imaginários.

Selecionamos o conteúdo jornalístico que foi veiculado durante o ano de 2014. Analisamos somente as matérias que expõem a assinatura do jornalista autor, em veículos de comunicação nas quais um país se refere ao outro.

Como esta pesquisa se propõe à análise qualitativa, a partir da leitura de mais de 250 matérias veiculadas no período, a seleção do *corpus* teve como base a amostragem aleatória em veículos como o jornal Folha de S.Paulo, O Estado de S. Paulo, portal G1, Revista Veja, portal Extra On-line, jornal La Nacion, portal Canchallena, jornal Clarín, portal Ñ-Revista de Cultura, portal ARQ. Ressaltamos que analisamos as matérias desses veículo. No entanto, somente as que apresentaram mais elementos culturais sobre os dois países foram analisados em profundidade e citados nesta tese.

A análise deste material coletado foi feita com técnicas de leitura cultural juntamente com as técnicas de análise de discurso. As fontes primárias da pesquisa foram as matérias selecionadas para análise. Como fontes secundárias, recorreremos à literatura indicada ao final desta tese.

Além disso, com base no método de levantamento bibliográfico interdisciplinar, debatemos tópicos como os dos segmentos listados abaixo:

i) Análise de discurso e leitura cultural. Para o processo de investigação das hipóteses propostas, utilizamos a Análise de Discurso (AD) como ferramenta metodológica em conjunto com as técnicas de leitura cultural. Para tal, tivemos como referenciais teóricos, Patrick Charaudeau, Michel Pêcheux, Mikhail Bakhtin, Authier-Revuz, Émile Benveniste, Renato Seixas, Roseli Fígaro, Helena Nagamine Brandão, Néstor García Canclini, Laurence Bardin, Guillermo Orozco, Maria Elisa Cevasco, Homi Bhabha, Claudia Lago e Marcia Benetti.

ii) Contextualização histórica sobre a relação entre Brasil e Argentina. Trata-se apenas de um breve levantamento de dados para contextualizar alguns momentos de tensão e de integração entre os dois Estados. Para tal, contamos com a contribuição de autores como Celso Lafer, Moniz Bandeira, Tulio Halperin Donghi, Maria Cristina Gobbi, Roberta Brandalise, Ariel Palacios e André Luís Nery.

iii) Sobre a instância de produção midiática. Entendemos que a produção de matérias jornalísticas está exposta a fatores condicionantes e/ou limitantes em diversas etapas que necessariamente percorrem desde a reunião de pauta até a edição e veiculação do produto midiático. Por esse motivo, buscamos investigar qual é a relação dos veículos de comunicação e seus diversos atores com a produção do conteúdo midiático. Para subsídio teórico, contamos com autores como Pierre Bourdieu, Cremilda Medina, Dominique Maingueneau e Malena Contrera.

iv) Sobre o papel do jornalista na tecitura das matérias jornalísticas. Consideramos que o jornalista é o ator fundamental na produção do conteúdo referente à (re)construção de imaginários entre Brasil e Argentina, por isso, buscamos entender a prática jornalística. Contamos com autores como Roland Barthes, Tzvetan Todorov, Martin Bauer, Luís Mauro Sá Martino, Enio Moraes Júnior, Luiz Gonzaga Motta, Carlos Eduardo Sandano e Cremilda Medina.

Como já citamos, estabelecemos como **recorte temporal** as matérias veiculadas somente no ano de 2014. Escolhemos esse recorte, de um ano, a partir da reflexão de Charaudeau (2013), quando diz que a situação de comunicação, e todo seu valor simbólico, está intimamente ligada com o contexto. Por esse motivo, consideramos apropriado analisar os discursos dentro do contexto social, econômico, político e cultural vigente.

Como esta pesquisa é essencialmente qualitativa, não realizamos um levantamento quantitativo e exaustivo de todas as matérias veiculadas com a temática proposta. Trata-se de uma pequena amostra que consideramos relevante para a investigação do problema e das hipóteses da pesquisa.

A partir da leitura cultural e da análise dos discursos contidos nas matérias jornalísticas divulgadas pelos veículos selecionados foi possível compreender como as representações simbólicas, que contêm elementos de cooperação e/ou conflituosidade, atuam no processo de (re)construção de imaginários entre Brasil e Argentina.

Nesta pesquisa buscamos ressaltar a importância das matérias jornalísticas no processo de integração regional. Como afirma Charaudeau (2013, p.29) quando evidencia o papel do analista:

O papel do analista é o de observar a distância, para tentar compreender e explicar como funciona a máquina de fabricar sentido social, engajando-se em interpretações cuja relatividade deverá aceitar ou evidenciar. Apresentar como verdade absoluta uma explicação relativa e acreditar nela seria arrogância. Fazê-lo sem acreditar seria cinismo. Entretanto, entre arrogância e cinismo, há lugar para uma atitude que, sem ignorar as convicções fortes, procure compreender os fenômenos, tente descrevê-los e proponha interpretações para colocá-los em foco no debate social.

Foi a partir desse pensamento de Charaudeau que entendemos como necessário um aprofundamento teórico sobre o papel do analista de discurso. Para contribuir no processo de análise das matérias jornalísticas desta tese, buscamos estabelecer, no capítulo seguinte, uma revisão da literatura a respeito dos conceitos de narrativa, análise de discurso e leitura cultural.

Referências bibliográficas desta Introdução

- BARTHES, R. et al.. **Análise estrutural da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 1971.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: EDUFMG, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. 14. ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. A influência do jornalismo e os jogos olímpicos. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **Brasil, Argentina e Estados Unidos: conflito e integração na América do Sul (da tríplice aliança ao Mercosul), 1870 – 2007**. 3. ed, rev. e ampl.. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- BRANDALISE, Roberta. **A televisão brasileira nas fronteiras do Brasil com o Paraguai, a Argentina e o Uruguai**. Tese de Doutorado. São Paulo: ECA/USP, 2011.
- CANDEAS, Alessandro. **A integração Brasil-Argentina: história de uma ideia na visão do outro**. Brasília: FUNAG, 2010.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2013.
- FIGARO, Roseli(org).**Comunicação e Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2012.
- LAFER, Celso. **A identidade internacional do Brasil e a política externa brasileira: passado, presente e futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- LAGO, Claudia, BENETTI, Marcia (orgs.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- MAINGUENEAU, Dominique; CHARAUDEAU, Patrick. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2014.
- MARQUES, Fabrício R.; CREUZ, Luis Rodolfo Cruz; DRIUSSO, Marcelo. **O peso da redemocratização no processo de integração entre Brasil e Argentina**. Cadernos do PROLAM/USP – Brazilian Journal of Latin American Studies, Ano IX, número 17, v.2, Editora: Maria Cristina Cacciamali, 2010.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. **Comunicação & identidade: quem você pensa que é?**. São Paulo: Paulus, 2010.
- MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano**. São Paulo: Summus, 2003.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

_____. **Narratologia, teoria e análise narrativa**. Brasília: Casa das Musas, 2005.

NERY, André Luís. **Preconceitos e rivalidade futebolística entre Argentina e Brasil: análise da cobertura dos jornais Folha de S.Paulo e Clarín nas Copas do Mundo de 1986 a 2002**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PROLAM/USP, 2007.

OLIVEIRA DA SILVA, Marconi. **A notícia como narrativa e discurso**. Estudos de jornalismo e mídia. Vol. IV, n.1. Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2200/2053>> Acesso em: 14 agos. 2014.

PALACIOS, Ariel; CHACRA, Guga. **Os hermanos e nós**. São Paulo: Contexto, 2014.

1. Conceitos fundamentais: narrativas, análise de discurso e leitura cultural

Ao longo deste capítulo, realizamos uma revisão da literatura a respeito dos conceitos fundamentais desta tese. Abordamos aspectos teóricos da leitura cultural, que de modo complementar à análise de discursos, contribui à identificação e análise dos elementos culturais encontrados nas matérias jornalísticas analisadas nesta pesquisa. Nos sub-capítulos abaixo, buscamos entender as diferenças conceituais entre narrativa e discurso, bem como investigamos do ponto de vista metodológico como as técnicas de análise de discurso são utilizadas. Para tal, utilizamos parte do *corpus* da pesquisa para exemplificar o processo de análise de discurso de matérias jornalísticas. Ressaltamos que a análise das matérias em profundidade, com base na análise de discurso e na leitura cultural, está presente no Capítulo 5 desta pesquisa.

1.1 Considerações sobre narrativas e leitura cultural

Barthes (1971) diz que a narrativa é uma representação, por meio da linguagem, de acontecimentos que podem ser factuais ou fictícios. Medina (2003) ressalta que a narrativa é uma organização humana do caos, pois o ser humano é capaz de produzir sentidos narrando o mundo. Esse processo organiza o caos e a complexidade da vida, da humanidade, do universo e dos mistérios que a ciência ainda busca desvendar.

Medina (2003, p.48) diz que ao narrar a realidade, o ser humano constitui uma nova realidade “[...] a simbólica”. Motta (2013, p.19) também ressalta a importância desse processo humano de narrar a realidade ao nosso redor. Para esse autor, é nesse processo vivo de construção simbólica que estamos, como coletivo, “[...] nos constituindo, construindo nossa moral, nossas leis, nossos costumes, nossos valores morais e políticos, nossas crenças e religiões, nossos mitos pessoais e coletivos, nossas instituições”. (*ibid*).

A partir dessas observações podemos afirmar que narrar o mundo é uma atividade inerente ao ser humano e, por isso, presente também na produção midiática. De acordo com Seixas (2008, p.118), a narrativa constitui uma realidade nova, “[...] por meio da qual reorganizam e dão sentido aos elementos culturais arquetípicos, lidertípicos e osmotípicos com que reconstruirão sua própria identidade cultural e a de seu grupo social”. Considerando-se que narrar é um processo de construção simbólica, pode-se analisar as narrativas com as técnicas da leitura cultural. Para tal, procuramos explorar os conceitos de elementos culturais arquetípicos, lidertípicos e osmotípicos.

Os elementos culturais arquetípicos, de acordo com Seixas (2008), estão em rituais sociais e/ou individuais e estão presentes tanto no inconsciente individual como no coletivo. Elementos culturais arquetípicos são “[...] compostos por fatores biogenéticos, pelos mitos, símbolos, imagens e pelas narrativas que fixam a origem de uma certa sociedade” (*ibid*, 2008.p.97).

Os elementos culturais lidertípicos são aqueles que, conforme as considerações de Seixas (2008), são manipulados e difundidos por setores dominantes de uma determinada sociedade. Essa difusão autoritária e hierarquizada é realizada a partir dos interesses dos que exercem poder, e procura gerar para os integrantes da sociedade a noção de que tais elementos são legítimos. Assim, os integrantes da sociedade passam a construir sua identidade cultural também a partir de tais elementos.

Já os elementos culturais osmotípicos são aqueles que nascem a partir da relação de culturas diferentes. De acordo com Seixas (2008, p.110):

Os movimentos de mutação do indivíduo, da sociedade em que ele vive e das próprias estruturas e instituições no mundo globalizado determinam, por um lado, a inafastável interação cultural, verdadeira osmose cultural, que resulta em culturas híbridas formadas com elementos de identificação cultural provenientes de todas as partes do mundo; por outro lado, os mesmos movimentos de transformação desencadeiam processo dialético muito mais intenso, em que se contrapõem as culturas locais e não locais (sejam hegemônicas ou não), numa luta simbólica em que cada cultura quer se afirmar perante as demais.

Assim, a estrutura cultural osmotópica nasce da interação multidimensional de elementos culturais de diferentes grupos. Para realizarmos as análises propostas nesta tese, a leitura cultural contribui para a identificação das relações entre o texto analisado e a sociedade. É com base na leitura cultural e na identificação das estruturas acima mencionadas que conseguimos lançar luz sobre como os elementos culturais estão representados nas matérias jornalísticas. Partimos do pressuposto de que a cultura é, de acordo com Bhabha (1998), uma forma de representação a partir da produção de ícones, símbolos, mitos e metáforas. Assim, a leitura cultural contribui para analisarmos como as identidades estão representadas nos textos selecionados.

De acordo com Motta (2005), as narrativas midiáticas, tanto as fáticas, que envolvem notícias, reportagens e documentários; como as fictícias, como, por exemplo, as telenovelas, videocliques, filmes e peças publicitárias, traduzem o conhecimento objetivo e subjetivo do mundo. Revelam ou representam o conhecimento sobre a natureza física, as relações humanas, identidades, crenças, valores, mitos, entre outros. Para o autor, é a partir dos enunciados narrativos que somos capazes de colocar as coisas em relação umas com as outras e elaboramos a nossa própria compreensão do mundo:

A narratologia é a teoria da narrativa. Abarca também os métodos e os procedimentos empregados na análise das narrativas humanas. É, portanto, um campo e um método de análise das práticas culturais. Como a concebemos aqui, a narratologia é um ramo das ciências humanas que estuda os sistemas narrativos no seio das sociedades (MOTTA, 2005, p.22).

O estudo das narrativas possibilita a análise sobre como nos referimos a nós mesmos, como representamos o mundo, como essa representação muitas vezes procura organizar a cronologia dos eventos em perspectiva de um tempo real ou mítico. O método de leitura cultural, portanto, tem por objetivo identificar os diversos elementos simbólicos contidos na narrativa e relacioná-los uns com os outros, sempre considerando o repertório cultural dos atores que intervêm nesse processo.

Assim, o leitor cultural coloca como eixo norteador da leitura as representações culturais. Para tal, é necessário a identificação de como os elementos culturais estão representados no texto e a análise das relações entre o texto, o contexto e a sociedade.

Ao utilizarmos a leitura cultural como técnica, optamos por uma leitura sensível aos elementos culturais. Assim, a partir da leitura cultural, o analista pode identificar como diferentes identidades são representadas no texto analisado. Martino (2010, p.11) ressalta que as narrativas “[...] comunicam uma representação de nós mesmos”. A partir dessa premissa, entendemos que tais narrativas contribuem de modo relevante na construção e manutenção das identidades.

O ser humano é um ser que narra. Todos os acontecimentos de nossas vidas são constantemente narrados, como considera Motta (2013, p.17):

Todos os povos, culturas, nações e civilizações se constituíram narrando. Construimos nossa biografia e nossa identidade pessoal narrando. Nossas vidas são acontecimentos narrativos. O acontecer humano é uma sucessão temporal e causal. Vivemos as nossas relações conosco mesmos e com os outros narrando. Nossa vida é uma teia de narrativas na qual estamos enredados.

Acreditamos ser muito precisa e feliz a expressão metafórica explícita na citação acima, que afirma que nossa vida é composta por uma teia de narrativas. Motta (2013, p.18) vai além em sua linha de pensamento ao afirmar que as “[...] nossas narrativas tecem nossas vidas [...]”. Assim, narrativas pessoais são responsáveis pela organização dos acontecimentos da maneira como o indivíduo as quer organizar. A tecitura da vida pessoal, a partir de narrativas autorais, é a recriação, a reorganização de eventos passados, presentes e a perspectiva do futuro. Esse sistema vivo de significações e representações tem importância não apenas na configuração da identidade individual, mas também da identidade coletiva e na reconfiguração dessas identidades. Narrar é uma forma de dar sentido à vida, não apenas do ponto de vista individual, mas também coletivo.

A concepção de Medina (2003), sobre a construção de uma realidade simbólica a partir das narrativas, se coaduna com a concepção de Motta (2013, p.19) quando o

autor diz que “através das narrativas recobrimos nossas vidas de significação [...]” que “[...] legitimam e estabilizam o mundo”. Compartilhamos dessa visão exposta por Barthes, Medina, Martino e Motta, e ressaltamos, a partir delas, a importância dos estudos relacionados às narrativas midiáticas, para a (re)construção de identidades individuais e coletivas.

1.2 Considerações sobre a análise de discurso

Neste momento, realizamos uma revisão da literatura referente à análise de discurso que entendemos como relevantes para esta pesquisa. Buscamos, também, ressaltar a importância de aliar de modo complementar à análise de discursos as técnicas da leitura cultural.

Embora não sejamos especificamente adeptos da análise de discurso da linha francesa, entendemos como relevante ressaltar alguns aspectos em função da contribuição de diversos pesquisadores dessa vertente a esta pesquisa.

Durante a década de 1960, na França, havia uma inquietação no cenário político-social. Um exemplo desse cenário de inquietação foi que em 1968, em seu ápice, estudantes universitários foram às ruas pedindo reformas no ensino do país. Foi nesse contexto que os pesquisadores buscaram analisar os discursos midiáticos produzidos no período.

Para Lago e Benetti, a análise de discurso da linha francesa é um método de pesquisa “[...] especialmente produtiva para dois tipos de estudo no jornalismo: mapeamento das vozes e identificação dos sentidos” (2010, p. 107). Já Brandão (2012) ressalta o caráter interdisciplinar da análise de discurso de orientação francesa. Para a referida autora, a análise de discurso está numa linha de fronteira tênue entre diversas áreas das ciências humanas, como, por exemplo, a História, a Psicanálise e a Sociologia. Por esse motivo, procuramos investigar as contribuições de pensadores como Michel Pêcheux, Ferdinand de Saussure, Jacqueline Authier-Revuz e Oswald Ducrot.

Para Figaro (2012), Ferdinand de Saussure traçou um longo caminho rumo à consolidação do caráter científico da linguística. Durante seus estudos, embora reconhecesse a fala como elemento importante e digno de análises aprofundadas, elegeu

como objeto da linguística a língua. É importante contextualizar que no momento de suas pesquisas sobre linguística o método Cartesiano e a filosofia Positivista, de certa forma, conferiam valor científico apenas ao que poderia ser sistematizável – algo diferente da fala, por sua infinidade de variações e facetas.

Por esse motivo que, ao se referir a Saussure, Figaro (2012, p.140) ressalta que a língua passa a ser um território que “[...] dá materialidade, espessura às ideias, conteúdos, temáticas de que o homem se faz sujeito; não um sujeito ideal e abstrato, mas um sujeito concreto, histórico, porta-voz de um amplo discurso social”.

Também ressaltamos aqui a importância de outro autor, Mikhail Bakhtin que, embora não pertença ao círculo de estudiosos da análise de discurso de orientação francesa, contribuiu muito a esta pesquisa com o conceito de dialogismo. Para Bakhtin (1992), em um texto sempre se revela a presença de outros textos. A partir da análise de textos literários, Bakhtin introduziu o conceito de polifonia, no qual no mesmo texto o narrador pode representar várias vozes diferentes. Trata-se de um conceito que tem como base a premissa de que a palavra não é monológica, mas plural. A proposição de Bakhtin (1992) é que somente a partir dessa pluralidade é possível se constituir um cenário capaz de gerar condição para a construção de sentido.

É importante ressaltar, também, as contribuições do pensador da linguística, Émile Benveniste, que, de acordo com Figaro (2012), proporcionou uma base importante à análise do discurso no nível linguístico. Tanto as pesquisas de Benveniste, como as de Bakhtin são, de modo complementar, importantes para a compreensão da análise de discurso. Enquanto Benveniste (2005) considera o nível linguístico da análise de discurso, Bakhtin (1992) contribui na medida em que vê a língua como acontecimento social. Nesta pesquisa, consideramos o nível linguístico, de acordo com as contribuições de Benveniste, mas observamos também o contexto, o cenário social no qual o discurso foi tecido.

Outra contribuição importante à análise de discurso é a da linguista Authier-Revuz. A partir do conceito de dialogismo introduzido por Bakhtin, Authier-Revuz (2004) considera que o discurso não emerge de um sujeito só. Para ela, há um sujeito

dialogando com o outro e com outros discursos. Assim assevera que há a materialização dessa polifonia em marcas linguísticas. A autora divide essas marcas em duas categorias: i) as marcadas e, ii) as não marcadas.

Sobre as categorias marcadas, Figaro (2012, p.36) ressalta que há índices formais como “as que aparecem no discurso direto (verbo de dizer + dois pontos), no discurso indireto (os conectivos *que* ou *se* + mudança nos tempos verbais e nas formas pronominais) [...]”. Além delas, as expressões que indicam de onde surge a voz que fala, como – *segundo, conforme, do ponto de vista de, etc.* Marcas, como essas, estão presentes constantemente em narrativas jornalísticas.

Como exemplo, citamos a crônica, *Mau humor no Brasil às vésperas da Copa intriga argentinos*¹, da jornalista brasileira que mora em Buenos Aires, Marcia Carmo, para o site do jornal Clarín em português. Nela, podemos destacar exemplos da presença de diferentes sujeitos nas categorias marcadas.

O desconcerto dos argentinos diante das manifestações no Brasil foi comentado assim na TV. “Se tivessem me falado que os protestos ocorreram na África do Sul, eu até entenderia, mas no Brasil? Realmente é surpreendente”, disse o âncora da emissora de televisão, TN (Todo Notícias), de Buenos Aires.

Uma colega a seu lado completou: “Houve uma mudança na sociedade brasileira e talvez ela esteja ligada à maior inclusão social que ocorreu durante os governos de Lula e de Dilma Rousseff”.

A TN tinha acabado de transmitir um vídeo do Youtube com imagens do Brasil e a música “Desculpe Neymar”, do compositor brasileiro Eduardo Krieger, como pano de fundo. Nela, o artista pede desculpas por não apoiar a seleção nesta Copa, diante dos gastos bilionários e dos problemas existentes no país.

No trecho acima, a materialização da polifonia pode ser notada quando o texto aponta de modo marcado, com aspas e a indicação do sujeito, a fala do âncora da emissora de televisão Todo Notícias. Além disso, há a presença da voz da colega ao lado do âncora, marcada da mesma forma, que complementa a fala do primeiro apresentador. Ressaltamos aqui que a voz da colega apresentadora contém um ponto de

¹CARMO, Marcia. **Mau humor social no Brasil às vésperas da Copa intriga argentinos**. Site Clarín em português. 9.junho.2014. Disponível em: <http://www.clarin.com/br/nem-brasileiros-comemoram-Copa_0_1153685211.html>. Acesso em: 6.jan..2015.

vista diferente. Enquanto o primeiro apresentador se mostra surpreso ao ver as manifestações no Brasil, a colega pontua que as mudanças sociais no país podem ser as responsáveis por essa nova postura política, não demonstrando tal surpresa.

Um terceiro sujeito aparece nesse curto trecho do texto. Também de modo marcado, por aspas e a indicação do sujeito que fala, o texto cita uma música de um compositor brasileiro e, de modo indireto, explica que tal canção expõe o posicionamento político do artista contra a realização da Copa do Mundo de futebol de 2014.

Essas marcas enunciativas são responsáveis pela complexidade do discurso contido nesse texto, que a partir de outros discursos se constitui. A crônica continua e procuramos destacar a presença da polifonia tecida de modo não marcado linguisticamente. Segue o trecho:

Olhar pessoal

Quanto à surpresa dos argentinos, lembro que quando cheguei aqui, pela primeira vez, há quase vinte anos, um ano depois da Copa de 1994, cada vez que o assunto futebol surgia algum argentino lembrava que o Mundial é para ser visto com “desconfiança”.

Era o que dizia, por exemplo, o popular radialista Mario Pergolini lembrando que na Copa de 1978, quando a Argentina foi campeã em casa, o ditador Jorge Rafael Videla (1925-2013) abraçava os jogadores enquanto torturadores agiam nos porões da ditadura.

Hoje, em tempos democráticos, a poucos dias do campeonato, pouquíssimas lojas, restaurantes e ruas aqui de Buenos Aires estão enfeitadas para o Mundial. Mas talvez menos enfeitadas do que em outros mundiais.

Mas a Copa será no Brasil e a rejeição que gera entre setores da sociedade brasileira é realmente intrigante para nossos vizinhos argentinos.

“Por que agora, perto do Mundial, ainda existe tanta insatisfação?”, pergunta um professor argentino de literatura, que já esteve várias vezes no Brasil.

“Será que o brasileiro mudou”, pergunta uma universitária da Universidade San Martín, da capital argentina.

Por seu peso político e econômico, o Brasil costuma ser tema frequente na primeira página dos jornais e sites do país. E, geralmente, ao contrário do que pensam brasileiros, a rivalidade parece ser menor entre argentinos do que entre brasileiros.

"Alegria é brasileira"

Até recentemente, antes das incertezas em relação ao desempenho da economia brasileira, o “sucesso” do Brasil era tema frequente nos debates políticos, transmitidos ao vivo do Congresso Nacional, e em seminários de economistas e universidades. “O que os brasileiros fizeram que nós não fizemos?”, perguntavam publicamente pelo menos até o ano passado.

Agora, o clima é outro. Existe preocupação com a economia brasileira – aspiradora por exemplo de 60% dos 80% de veículos que a Argentina produz para exportação.

E a tal da inquietação com o novo comportamento brasileiro – que como seu vizinho, a Argentina, aderiu aos protestos como forma de conquistar demandas.

Os argentinos sugerem que há “algo novo” no país “da alegria”, como eles costumam dizer (“la alegría es brasileña, dizem”), mas ainda não está muito claro o que – e o que ocorrerá quando a Copa de fato começar.

“Ah, não, para mim o Brasil é sinônimo de alegria, de alto astral. Quando a bola começar a rolar, eles vão torcer pelo Brasil. Aí todos participam da festa”, diz a universitária, quase inconformada com a nova atitude de setores da sociedade brasileira.

As categorias não marcadas são aquelas mais difíceis de identificar do ponto de vista sintático, mas apresentam marcas gráficas - aspas, parênteses, itálico, negrito. Além delas, o uso de expressões em outras línguas, o uso de gírias, jargões técnicos e tudo que seja como um corpo estranho.

No trecho acima, destacamos dois momentos nos quais há a presença de diferentes sujeitos, embora não haja marcas, do ponto de vista linguístico, sobre de onde vem a voz que fala. Quando a jornalista escreve que: *“cada vez que o assunto futebol surgia algum argentino lembrava que o Mundial é para ser visto com ‘desconfiança’”*. Além de não apontar claramente quem é o sujeito que expôs tal fala, a palavra – *desconfiança*- é marcada por aspas.

Em outro momento notamos algo semelhante. Quando a jornalista-autora escreve que: *“até recentemente, antes das incertezas em relação ao desempenho da economia brasileira, o ‘sucesso’ do Brasil era tema frequente nos debates políticos”*. A palavra – *sucesso*- marcada graficamente por aspas, altera o sentido da palavra na frase e contribui para a construção do discurso presente no texto.

Tais marcas enunciativas constroem no texto uma relação complexa e plural entre sujeitos. Em um momento há a relação de aliança e, em outro, a de negação, entre sujeitos e entre discursos. Authier-Revuz (2004) ressalta a existência de discursos que emergem de modo sutil e que, por suas especificidades, dificultam o trabalho do

analista. Manifestações no discurso como, por exemplo, a ironia e a imitação representam uma dificuldade a mais ao analista, pois demandam uma compreensão dos mais variados contextos. Não só o analista pode ter dificuldade em receber e/ou perceber tais manifestações, o leitor pode não perceber um tom irônico, por exemplo.

Quando no intertítulo do texto acima a jornalista-autora escolhe colocar entre aspas a frase –“Alegria é brasileira” –, em nossa interpretação há um tom de ironia em função da desconfiança quanto ao crescimento econômico brasileiro.

Podemos relacionar os estudos de Authier-Revuz (2004) com os de Ducrot (1987), que retomam o conceito de dialogismo de Bakhtin (1992), ao considerar a presença de várias vozes dentro de um mesmo enunciado e aplicá-lo à linguística, propondo assim, também, uma enunciação de caráter polifônico.

Ducrot (1987) contribuiu para esta pesquisa especialmente no que concerne à compreensão do conceito de sujeito dentro de um discurso polifônico. Para ele, o sujeito se divide em três: i) o locutor, responsável pelo enunciado; ii) o sujeito empírico, real, que habita o mundo; iii) os enunciadores, que compõem os diversos pontos de vista dentro de um mesmo discurso.

A complexidade plural, presente na relação entre os sujeitos e discursos dentro de um texto, pôde ser observada no trecho analisado. Em um momento, a apresentadora de televisão ressalta a possibilidade de uma mudança na sociedade brasileira, em função do crescimento da inclusão social no país; em outro momento, um professor argentino questiona a insatisfação do povo brasileiro somente perto do campeonato mundial de futebol. Ao final do texto jornalístico, uma universitária ressalta que quando o campeonato começar os brasileiros irão se esquecer das manifestações de descontentamento e festejar. Aqui encontramos três enunciadores com pontos de vista diferentes. Esse exemplo evidencia o dialogismo de que fala Bakhtin (1992).

De acordo com Figaro (2012), a análise do discurso (AD) não se restringe aos processos mecânicos para decodificação do texto. Para a autora, a AD considera que há um processo dialógico entre o leitor, o texto, o autor, o contexto e a relação entre

diferentes discursos. Assim, para Figaro (2012, p.42), o leitor passa a exercer o papel de coenunciador e “[...] assume uma atitude responsiva dialogando com o texto, respondendo ao desafio de interpretação que ele impõe”. Analisar o discurso pressupõe muito mais que pormenorizar o texto nele mesmo, mas principalmente considerar que o discurso se faz nesse processo complexo dialógico.

É justamente em função dessa complexidade dialógica que compreendemos como essenciais as contribuições de Medina (2006), ao afirmar que o signo da relação, nesse processo, é justamente a negação do modelo simplista da comunicação – emissor – receptor. Para Medina, trata-se de um processo multidimensional que envolve o universo linguístico, cultural, o autor como agente mediador e o destinatário, com seus respectivos sistemas de valores, crenças e repertórios.

A partir dessa perspectiva, buscamos a contribuição de Charaudeau (2013) que ressalta que o discurso não é a língua ou o texto, embora seja com eles que se fabrique o discurso. Para o autor, o discurso está além das regras do uso da língua. É o resultado da “[...] combinação das circunstâncias em que se fala ou escreve (a identidade daquele que fala e daquele a quem este se dirige, a relação de intencionalidade que os liga e as condições físicas da troca) com a maneira pela qual se fala” (2013, p.40). Dessa forma, a produção de sentido se dá no imbricar da relação entre sujeitos.

Sobre a relação dialógica, Figaro (2012, p.13) cita, de modo metafórico, o trecho abaixo, no qual a autora aponta como um texto, a partir da relação com outros textos, se configura em discurso:

À guisa de exercício metafórico e lúdico, tomemos o tecido como um texto. O homem – inteligência, sensibilidade e capacidade – opera, com a máquina e o fio, e produz o tecido, o texto. O tecido em um padrão, o texto em um estilo. São pedaços. O tecido será vendido, utilizado e comporá uma vestimenta quando entrar em circulação para consumo, na relação com o mercado, por exemplo. O texto ganhará expressão e sentido quando, tecido, entrar na corrente de interações e usos dos discursos na sociedade. O texto é um tecido confeccionado por uma inteligência; desse ponto de vista, tem um responsável, um autor: uma industriosa máquina humana de produção. Mas o texto só aparece como um produto industrial quando, enunciado, torna-se

discurso. Quando entra numa corrente histórica. Entra no rio de significados com outros discursos, fazendo sentido à medida que está em relação e em diálogo com outros.

Lago e Benetti têm a mesma perspectiva. Para esses autores, “O discurso é fruto do trabalho de interação entre sujeitos” (2010, p.116). Tal processo envolve o ato de dizer, por parte do enunciador; e o ato de interpretar, por parte do leitor.

Dessa forma, faz-se necessário entender aquilo que Bourdieu (2006) conceituou como ‘poder simbólico’, um elemento que faz viver as comunidades sociais, que se manifesta nos indivíduos, seres coletivos e que regulam o sentido social. É sobre esse universo simbólico, presente nas relações de troca dos discursos midiáticos, que esta pesquisa se debruça. Para analisar tais aspectos, é importante a compreensão do papel, da importância e das dificuldades que o pesquisador encontra, como leitor cultural e analista de discursos, como explica Charaudeau (2013, p.18):

[...] o papel do pesquisador em ciências humanas e sociais é o de descrever os mecanismos que presidem a esse simbólico e as diferentes configurações que o tornam visível [...] é próprio de uma comunidade social produzir discursos para justificar seus atos, mas não está dito que tais discursos revelam o verdadeiro teor simbólico desses atos: muitas vezes o mascaram (de maneira inconsciente, até mesmo de boa-fé), por vezes o pervertem, ou mesmo o revelam em parte. É, pois, com a prudência, com a incredulidade de um São Tomé, que é necessário prosseguir na exploração do discurso de informação midiática e começar talvez por colocar alguns pontos nos is.

Entendemos que quando esse autor ressalta a prudência com a qual o analista deve realizar a pesquisa, especialmente sobre o teor simbólico dos discursos, há aqui uma introdução aos jogos de poder presentes nessa relação dialógica. Para Motta (2013, p.19), todo discurso é poder, “um poder que se exerce na relação entre quem fala e quem escuta”. Assim, Motta afirma que a análise da comunicação, com base no contexto de sua configuração, pode descortinar “[...] a correlação de forças que se exerce nas relações discursivas interpessoais e coletivas” (*ibid*).

Além disso, é nesse jogo de poder, em um momento nas mãos do sujeito que tece o texto, em outros nas mãos de quem lê, vê ou ouve que, para Motta (2013, p.20) “[...] o sentido e a verdade serão construídos”. Nesse cenário, Brandão (2012) afirma que o discurso passa a ser uma mediação necessária entre o homem e sua realidade. Assim, os discursos não podem ser estudados separadamente do contexto histórico-social e, além disso, a referida autora ressalta que “seu estudo não pode estar desvinculado de suas condições de produção” (2012, p.11).

Brandão (2012, p.106) conceitua discurso como “o efeito de sentido construído no processo de interlocução (opõe-se à concepção de língua como mera transmissão de informação)”. Assim como as concepções de Figaro, Medina, Charaudeau e Motta, sobre o processo dialógico do discurso, Brandão (2012) também ressalta que o discurso não é domínio do locutor. Para a autora, o discurso está relacionado com aquilo que pretende dizer e com aquilo que não se pretende dizer; ao lugar que diz; ao público ao qual se diz e na relação com outros discursos.

Observamos como exemplo a coluna ‘Conversa com um hermano’², do escritor e jornalista brasileiro Milton Hatoum, veiculada no caderno de cultura do jornal O Estado de S.Paulo. Nela, o autor relata uma conversa hipotética entre um brasileiro e um argentino. Relacionamos a análise desse texto com a teoria dos autores citados de que o discurso está intimamente relacionado com o lugar, o contexto, o público e a relação com outros discursos. O texto abaixo exige do leitor a compreensão de um discurso de rivalidade pré-existente entre os dois países, especialmente no âmbito esportivo. O início e o final do fragmento abaixo ilustram essa afirmativa.

No início o argentino questiona se os brasileiros chamam os argentinos de “Hermanos” por ironia. Tal questionamento não seria possível sem referência anterior de um discurso de rivalidade. Ao final do fragmento abaixo, há, de acordo com a nossa interpretação, um tom de ironia que também se refere a outros discursos e contextos. No texto o argentino faz referência à derrota histórica da seleção brasileira de futebol contra

²HATOUM, Milton. **Conversa com um hermano**. O Estado de S.Paulo. 18.julho.2014. Caderno de Cultura. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,conversa-com-um-hermano-imp-1530479>>. Acesso em: 7 nov.. 2014.

a seleção da Alemanha, em julho de 2014. O brasileiro responde dizendo que esse fato já faz parte do passado e que a seleção brasileira de futebol é pentacampeã, um número de títulos superior ao da seleção da Argentina. O argentino responde que esse dado também faz parte do passado.

"Vocês nos chamam de "hermanos" com ironia?", perguntou meu amigo argentino. Nem sempre, eu disse. Hermanos significa afinidades comuns. Às vezes, exprime admiração e afeto.

"Que coisa linda", disse Gerardo. "Há uma ponta de inveja nessa admiração? Ou um pouco de ciúme nesse afeto?"

"Depende de cada pessoa", eu disse. "Os brasileiros finalmente descobriram a Argentina. Muitos gostam dos argentinos e admiram Córdoba, Rosário, Mar del Plata, Buenos Aires... A beleza dessas cidades, a escala humana da capital da Argentina, o urbanismo inteligente, a escolaridade do povo..."

"Você está idealizando", riu Gerardo. "Eu e muitos argentinos poderíamos mencionar a vibração e o dinamismo de São Paulo, a beleza do Rio, de Salvador e de tantas cidades brasileiras... O cinema, o teatro, a literatura, a dança. Sem falar da música. Eu, por exemplo, aprendi a língua portuguesa ouvindo canções brasileiras..."

O canto da torcida argentina emocionou Gerardo.

"Esse mar de bandeiras azuis e brancas em pleno Maracanã", exaltou-se meu amigo. "Que maravilha, che. Queria estar lá, vibrando, torcendo. Vai começar o segundo tempo da prorrogação. Agora será o jogo dos exaustos, é como caminhar para o calvário. Vocês passaram por isso: os pênaltis no jogo contra o Chile, o pesadelo contra a Alemanha."

"Tudo isso faz parte do passado", eu disse. "Somos pentacampeões, hermano."

"Mas isso também pertence ao passado", disse Gerardo, aflito, de olho na tela.

O discurso de rivalidade entre os dois países está presente nesse texto, mas só pode ser observado ou compreendido quando o leitor consegue associá-lo com outra gama de discursos e contextos.

Encontramos outro exemplo na coluna, com o longo título, 'Inflação argentina acumula mais de 33% desde janeiro (tudo isso com uma pitada de Edvard Munch enquanto o país teme saques a estabelecimentos comerciais em dezembro)'³, assinada pelo jornalista Ariel Palácios, para o site do jornal O Estado de S.Paulo.

³PALACIOS, Ariel. Inflação argentina acumula mais de 33% desde janeiro (tudo isso com uma pitada de Edvard Munch enquanto o país teme saques a estabelecimentos comerciais em dezembro). **O Estado de S.Paulo**. 25.nov.2014. Internacional. Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/blogs/ariel-palacios/inflacao-argentina-acumula-mais-de-33-desde-janeiro-enquanto-o-pais-teme-saques-a-estabelecimentos-comerciais-em-dezembro/>>. Acesso em: 27 dez. 2014.

Em 2012, durante uma dissertação na Universidade de Harvard, nos EUA, a presidente Cristina Kirchner disse que um país com uma inflação de 25% seria “ingovernável” e que “a Argentina explodiria”.

Na nota acima uma paródia do quadro do pintor norueguês Edvard Munch (1863-1944), “Skrik” (O Grito). Esta é uma nota com intervenção artística da comunidade “Los billetes andan diciendo” (“As notas estão falando”) que nas redes sociais conta com mais de 200 mil seguidores. Seus participantes, – com a típica ironia argentina – “intervêm” artisticamente as notas de pesos, que cada vez valem menos. Ou, que no caso das notas de 2 pesos, não servem para quase mais coisa alguma, a não ser fazer desenhos em cima delas. As efígies originais são transformadas em personagens como Walter White, o protagonista de *Breaking Bad*; Ossama Bin Laden, o vilão dos *Jogos Mortais*, Charles Chaplin, Darth Vader e até um disco voador...

O governo da presidente Cristina Kirchner anunciou por intermédio do Instituto Nacional de Estatísticas e Censos (Indec) que a inflação de outubro foi de 1,2%. Segundo o Indec a inflação acumulada de janeiro a outubro foi de 21,4%. No entanto, este índice é desconsiderado por economistas, empresários, sindicatos e organizações sociais (e humoristas, que fazem piadas sobre os dados do governo), que ressaltam que a administração Kirchner persiste na maquiagem de preços, apesar das críticas e do descrédito.

Os números do governo são substancialmente inferiores aos cálculos de diversas entidades que nos últimos anos criaram índices paralelos [...]

O início da coluna conta com a imagem de uma nota de *dos pesos* argentinos adulterada por um grupo argentino chamado de ‘*Los billetes andan diciendo*’. Nela há uma ilustração sobreposta à moeda que remete à imagem do quadro de Edvard Munch, *O Grito*. Esse quadro foi pintado pelo artista na década de 1890 e faz parte de uma série de quatro obras. A principal influência do artista na obra foi, segundo críticos e estudiosos de história da arte, a internação psiquiátrica de sua irmã, Laura, em função de doença bipolar.

Ao analisar esse texto jornalístico, encontramos logo no início a referência ao universo simbólico contido na obra de arte. Ressaltamos esse ponto a partir da contribuição de Charaudeau (2013) e Brandão (2012) quando afirmam que os discursos estão presentes em ambientes e formatos muito além das regras da língua. A esse ponto

adicionamos a contribuição de Medina (2006), quando afirma que o ambiente comunicacional, no qual um discurso está inserido, faz parte de um processo multidimensional, que depende muito mais do universo linguístico e cultural do que da presença do autor e do leitor. Assim, um leitor que conheça o repertório cultural conexo a essa obra de arte fará uma interpretação diferente, mais profunda e contextualizada daquele que não a conhece em profundidade.

Em veículos argentinos também encontramos exemplos sobre como um discurso contido em um texto jornalístico faz parte de um processo dialógico complexo. O artigo, *Cuando juega Brasil*⁴, assinado pelo jornalista Ezequiel Fernández Moores, veiculado durante a Copa do Mundo de futebol, realizada no Brasil em 2014, remete a diversos contextos. Por exemplo, ao se referir ao hino brasileiro sendo cantado à capela, por milhares de torcedores no estádio – fato que pautou a crítica esportiva durante o período; o contexto esportivo, ao se referir ao jogador Garrincha, que se destacou durante as décadas de 1960 e 1970; ao contexto cultural, ao se referir ao famoso cantor e compositor brasileiro Chico Buarque, e ao jornalista, escritor e dramaturgo Nelson Rodrigues. Diferentes leitores farão múltiplas interpretações do discurso presente no texto, em função do conhecimento dos elementos simbólicos presentes nela.

[...]En el Bar de Oswaldo, Gilberto, el hombre que un rato antes organizaba las apuestas, canta emocionado el himno a capella. Cierra los ojos como el capitán Thiago Silva en la pantalla de la Globo.

Imposible que Galvao Bueno, histórico y burlado relator de la Globo, narre como la radio que avisaba las hazañas de Garrincha contra la URSS en el Mundial de Chile 62. "Garrincha amaga que se va por izquierda. No va. Sale por derecha. Lleva la pelota para allá, para acá, y tres rusos quedan desparramados en el césped, Voinov con el trasero empinado hacia el cielo. El estadio estalla de risa". Acaso Garrincha protagonizó el máximo acercamiento entre el fútbol y la música, ambas tecnología de punta de Brasil, cuando compartió en Roma horas de soledad con Chico Buarque, que lo llevaba en auto para que Mané ganara unos pesos jugando partidos de mala muerte en canchas de periferia. "Lo que importa -escribió alguna vez Chico, imaginativo

⁴MOORES, Ezequiel Fernández. **Cuando juega Brasil**. Canchallena. 17.junho.2014. Internacional. Disponível em: <<http://canchallena.lanacion.com.ar/1702185-copa-del-mundo-2014-columna-ezequiel-fernandez-moores>>. Acesso em: 6.jan.2015.

como Nelson Rodrigues- es el niño y la pelota. Puede ser un coco, una naranja o un huevo, porque yo vi hacer jueguito con un huevo". El gran músico brasileño celebró el domingo sus 70 años en París. "Tengo que terminar mi libro hasta agosto", me responde por correo electrónico. Y aclara: "Por televisión, por supuesto, voy a ver los juegos de Messi y de Neymar, no más"

Para estudar esse processo buscamos conceituar o que é discurso e as condições para analisá-lo. A partir dos exemplos acima, partimos do princípio de que, o discurso ultrapassa o nível puramente linguístico. O discurso usa como apoio a língua - as frases, as palavras – ou seja, o nível linguístico, mas, também, se apoia em um nível extralinguístico – toda gama de contextos nos quais o discurso é construído e veiculado.

A análise do discurso deve considerar esses dois níveis. Dessa forma, podemos ressaltar o que Pêcheux (2012) diz sobre a leitura para o analista do discurso. Para o autor, tal leitura não deve se limitar somente à palavra, ou ao nível linguístico. Ressaltamos a importância do nível extralinguístico ao lembrar que Pêcheux (2012, p.165) afirma que “o sentido de um texto, de uma frase e, no limite, de uma palavra, só existe em referência a outros textos, frases ou palavras [...] constituem seu contexto”. Para Figaro (2012, p.20), a análise do discurso procura “[...] descrever como funciona a língua no seu uso efetivo, como se dá a produção de efeitos de sentidos entre interlocutores, sujeitos situados social e historicamente”. Tal afirmativa é importante para separarmos conceitualmente o campo da linguística, que tem a frase como objeto; do campo da análise do discurso, que tem como objeto o funcionamento da língua e suas construções simbólicas.

Assim, como já abordamos nos segmentos anteriores, de modo complementar à análise de discurso, utilizamos o método da leitura cultural. Com a leitura cultural buscamos compreender com profundidade os elementos simbólicos contidos nas matérias jornalísticas e seus discursos. Ao analisar os textos jornalísticos com base na leitura cultural, conseguimos destacar elementos simbólicos da identidade cultural dos dois países estudados e, com isso, estudamos como textos jornalísticos apresentam tais elementos. Como dissemos anteriormente, a análise dos discursos e a identificação dos elementos arquetípicos, lidertípicos e osmotípicos, estão presentes no Capítulo 5 desta tese.

Cabe aqui uma observação importante: a análise de discurso não desconsidera o ferramental utilizado pela linguística. Como afirma Pêcheux (2012, p.166), “[...] a inevitabilidade da análise sintática das sequências discursivas [...]”. Além do analista do discurso, que necessita de conhecimentos linguísticos, Figaro (2012, p.20) afirma que outros atores envolvidos no nível do discurso, como por exemplo, o leitor e o escritor, necessitam desse aporte ferramental:

No nível do discurso, portanto, o falante/ouvinte, escritor/leitor deve ter conhecimentos linguísticos, isto é, dominar a língua, suas regras, sua organização no nível fonológico, sintático e lexical e também conhecimentos extralinguísticos, necessários para produzir discursos adequados aos diferentes contextos de comunicação.

Entre todos os atores envolvidos há a premissa de conhecimentos linguísticos e extralinguísticos. Brait, Souza e Silva (2012, p.129) pontuam que no processo de construção de sentidos em textos os atores produtores utilizam ações linguísticas, sociocognitivas e interacionais, para construírem propostas de sentidos. Tudo isso mediante “[...] múltiplas formas de organização textual e as diversas possibilidades de seleção lexical que a língua lhes oferece”. Tal pluralidade de formas de organização textual demanda do analista do discurso a observação do “[...] contexto sociocognitivo e cultural no interior do qual se movem os atores sociais”.

Sobre o complexo processo de construção de sentido, a partir de textos, os autores ressaltam que:

[...] a produção de linguagem constitui uma atividade altamente complexa de construção de sentidos, que se realiza não apenas com base nos elementos linguísticos selecionados e sua forma de organização, mas que requer dos interlocutores a mobilização de um vasto conjunto de saberes, de ordem sociocognitiva, cultural, histórica, enfim, de todo o contexto, de forma como é atualmente conceituado, bem como a sua reconstrução no momento da interação verbal (BRAIT; SOUZA E SILVA, 2012, p.140).

A construção de sentidos requer esse vasto conjunto de saberes e de condições específicas da situação de troca. Para Charaudeau (2013), essa situação de troca, ou situação de comunicação, constitui um quadro de referência. Para o autor, é sob esse quadro referencial que os atores envolvidos na comunicação se debruçam à construção do sentido. “Como poderiam trocar palavras, influenciar-se, agredir-se, seduzir-se, se não existisse um quadro de referência?” (*ibid.*, p.67). A construção de sentido se dá a partir desse quadro. “A situação de comunicação é como um palco, com suas restrições de espaço, de tempo, de relações, de palavras, no qual se encenam as trocas sociais e aquilo que constitui o seu valor simbólico” (*ibid.*, p.68).

É justamente a partir dessas características da situação de troca que compreendemos a importância da leitura cultural articulada à análise de discursos. Identificar e analisar os elementos culturais presentes nas matérias jornalísticas é muito importante para a investigação sobre como, no processo de construção de sentidos, o imaginário que o povo de um país tem sobre o outro pode ser influenciado a partir de produtos midiáticos. Por isso, procuramos destacar, no próximo sub-capítulo, a importância do contexto e da intertextualidade para as análises propostas nesta pesquisa.

1.3 A importância do contexto e da intertextualidade à análise de discurso e na leitura cultural

Como já vimos, e como acentuam Seixas (2008), Medina (2003) e Brandão (2012), para analisar um discurso, além do saber linguístico, há a necessidade de um saber exterior à língua, como aspectos histórico-sociais; saberes da prática cotidiana e saberes que o analista desenvolve em seus estudos. É essencial levar em consideração o contexto imediato da situação da comunicação e, também, toda gama de elementos culturais e ideológicos. Devemos considerar o espaço que esse discurso ocupa em relação a outros discursos produzidos.

Diversos autores também ressaltam a importância do contexto para a interpretação do material coletado. Bauer (2002, p.255) diz, especialmente, sobre a

interpretação do que não é dito explicitamente, que ao pesquisador se exige “[...] uma consciência aprimorada das tendências e contextos sociais, políticos e culturais aos quais os textos se referem”.

Dessa forma, consideramos que é igualmente importante contextualizar a instância de produção, os conglomerados empresariais midiáticos responsáveis pelo produto comunicativo. Tanto que Franco (2007, p.25) ressalta que somente “[...] a mera descrição das características das mensagens contribui muito pouco para a compreensão das características de seus produtores”, bem como a instância de produção é influenciada pelo contexto sociopolítico e econômico:

Toda mensagem falada, escrita ou sensorial contém, potencialmente, uma grande quantidade de informações sobre seu autor: suas filiações teóricas, concepções de mundo, interesses de classe, traços psicológicos, representações sociais, motivações, expectativas, etc [...] O produtor/autor é antes de tudo um selecionador [...] Obviamente, essa seleção é preconcebida. Sendo que o produtor, ele próprio um produto social, está condicionado pelos interesses de sua época, ou da classe a que pertence (FRANCO, 2007, p.26).

Pechêux (2012) considera que o texto de um discurso não deve ser analisado isoladamente. O analista deve observar os textos análogos e o ponto de vista das condições de produção que o dominaram. Por isso, ao analista cabe observar o complexo modo de funcionamento de um discurso e, assim, abandonar qualquer outra visão de que o discurso poderia ser analisado sem considerar o contexto.

De acordo com Bakhtin (1992), um texto participa de um diálogo com outros textos, compondo-se então o contexto do qual emergem os significados intertextuais. O intertexto, ou a inserção de outro texto no texto analisado, ocorre de modo explícito e/ou implícito. No modo explícito, a citação é clara, procurando de alguma maneira evidenciar a intertextualidade para o receptor e prepara-lo para a compreensão da mensagem e produção de sentido. No modo implícito, muito comum na publicidade e no humor, o intertexto não recebe menção explícita da fonte.

A construção de sentido só ocorre se o leitor, de alguma forma, conseguir perceber a presença do intertexto e a significação da correlação entre os textos. Tal percepção depende do que Brandão (2012, p.109) denomina elementos pré-construídos ou, “elemento produzido em outro(s) discurso(s), anterior ao discurso em estudo, independentemente dele. Todo discurso mantém uma relação essencial com elementos pré-construídos”.

Brait, Souza e Silva (2012, p.151), afirmam categoricamente que o discurso só emerge nas relações interdiscursivas:

Do ponto de vista translinguístico, o discurso ganha sentido e identidade na relação com outros discursos, que ele cita, parodia, estiliza, com que concorda, de que discorda, a que se opõe, etc. Essa relação interdiscursiva é o dialogismo [...] A relação dialógica entre discursos será chamada relação interdiscursiva e, na medida em que é constitutiva do discurso, é uma relação necessária. Não há discurso fora das relações interdiscursivas.

Cabe aqui uma distinção entre os conceitos de intertextualidade e interdiscursividade. Por intertextualidade entendemos, a partir das construções de Brait; Souza e Silva (2012, p.154), “[...] os casos em que a relação entre discursos é materializada em textos”. Dessa forma, sempre que há intertextualidade, há interdiscursividade. No entanto, o contrário não é verdadeiro, pois a relação dialógica pode não se manifestar em textos. O texto pode manifestar discursos diferentes sem, necessariamente, remeter a outros textos. Neste caso, há a interdiscursividade e não há intertextualidade.

No trecho abaixo, extraído da coluna – Argentina deixa para trás o ‘Dolar-Messi’ e vai na direção do ‘Dólar-Baile de debutantes’ (e um dicionário de ‘dolarês’ portenho)⁵ -, encontramos um exemplo de intertextualidade e interdiscursividade.

⁵PALACIOS, Ariel. **Argentina deixa para trás o “Dolar-Messi” e vai na direção do “Dólar-Baile de debutantes” (e um dicionário de ‘dolarês’ portenho)**. O Estado de S.Paulo. 3.set.2014. Internacional. Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/blogs/ariel-palacios/argentina-deixa-para-atras-o-dolar-messi-e-vai-na-direcao-do-dolar-baile-de-debutantes/>>. Acesso em: 20.nov.2014.

Nele, há o discurso do governo, no qual o ministro Lorenzo Sigaut, na década de 1980, declara que os argentinos que apostarem no dólar irão perder. Além desse sujeito, há a entrevista com o autor Alejandro Rebossio, no qual descreve a relação do povo argentino com a moeda norte americana. São dois textos com discursos opostos, que juntos contribuem para a formação do discurso desse texto jornalístico.

A obsessão também afetou os integrantes dos governos de plantão. Em junho de 1981, o ministro Lorenzo Sigaut, declarou: “*aquela que aposta no dólar, perde*”. O dólar era cotado a 4.269 pesos. Em menos de três meses, o dólar estava em 10.000 pesos. A frase de Sigaut tornou-se um exemplo, para os argentinos, de que desconfiar do governo é a melhor forma de sobreviver.

Alejandro Rebossio, co-autor de “*Sou Verde*”, livro que dissecou a relação dos argentinos com o dólar, disse ao **Estado** que “no resto do mundo os ricos adquirem dólares e investem nessa moeda. Mas, na Argentina, além dos ricos, a classe média também compra dólares, bem como os operários”. Segundo Rebossio, os argentinos são o povo – depois dos americanos – que mais possuem cash em dólares per capita, em média de US\$ 1.300. “A economia argentina não está dolarizada, já que você não paga um café e um sanduíche com dólares no dia a dia. Os argentinos usam os dólares para guardar, já que possuem poucas opções seguras para investir e sabem que mais cedo ou mais tarde sempre ocorrem desvalorizações”.

Encontramos um exemplo de interdiscursividade sem a presença de outros textos ou enunciadores na matéria jornalística abaixo - *Un gran dilema ético que plantea el Mundial*⁶ - assinada pelo jornalista argentino Antonio E. de Turris. O jornalista tece o texto citando o discurso brasileiro e o discurso argentino, sobre as questões éticas que envolvem os países a investirem muito dinheiro no campeonato mundial de futebol, mesmo com enormes dívidas sociais. Apesar de não haver remissão a outros textos, o texto apresenta diferentes discursos, com suas peculiaridades.

Un gran dilema ético que plantea el Mundial

El Mundial de Brasil ha abierto un inesperado debate que puede resumirse en una simple pregunta: ¿Es razonable, ético, que países con enormes deudas sociales vuelquen parte de sus recursos a organizar gigantescos eventos deportivos?

⁶ TURRIS, Antonio E. De. **Un gran dilema ético que plantea el Mundial**. LaNacion. 11.junho.2014. Disponível em: <<http://www.lanacion.com.ar/1700172-un-gran-dilema-etico-que-plantela-el-mundial>>. Acesso em: 06.jan.2015.

Una parte de la sociedad brasileña ha respondido que no y lo hizo de una forma que se refleja en la violencia urbana que obligó a militarizar ciudades enteras y a una represión feroz por parte de las fuerzas de seguridad; también, con paros de trabajadores del transporte público que dejaron a millones de ciudadanos atrapados en las autopistas.

Los sectores disconformes con el Mundial, que no son sólo los que protestan, entienden que los más de 10.000 millones de dólares que su país gastó para hacer la competencia debieron haber sido puestos al servicio del transporte, la educación y la salud públicos. Así de simple.

En una dimensión infinitamente menor y por lo tanto incomparable, el Mundial brasileño también tendrá un costo para el Estado argentino: los 202 millones de pesos que el Gobierno aceptó gastar para que el certamen pueda ser visto gratuitamente por televisión en todo el país.

Aunque, como informó LA NACION, ese gasto se aproxima a lo que el Ministerio de Desarrollo Social invierte en un mes en su plan Seguridad Alimentaria, la cuestión no justifica que los argentinos salgan a las calles a enfrentarse con las fuerzas de seguridad y los gremios dispongan paros que generen más caos del que habitualmente hay en la Capital y el conurbano, pero eso no impide que la sociedad se haga preguntas similares a aquéllas. ¿Es razonable, ético, que habiendo miles de niños que comen salteado, hospitales públicos sin los insumos mínimos, y maestros, médicos y policías que ganan sueldos miserables se gasten 202 millones de pesos para que en todo el país se pueda ver el Mundial?

No hace falta que los economistas aclaren que 202 millones de pesos son una gota en el presupuesto del país, ni que los funcionarios K digan que las cosas así planteadas constituyen un golpe bajo o que algún sociólogo explique que un buen momento frente a la tele puede reemplazar un plato de sopa. La cuestión es otra. Se trata de apuntar a la ética de la solidaridad, algo que solía citar Raúl Alfonsín cuando pregonaba la necesidad de asegurar justicia social y condiciones favorables para los más necesitados. Que no pasan justamente por ver partidos de fútbol por televisión.

Miles de brasileños están enojados, también, porque sospechan que los costos de las obras del Mundial pudieron haber sido menores, y están esperando que el su gobierno clarifique las cuentas.

Aquí, en cambio, no hay dudas: los 202 millones podrían no haber salido de las arcas públicas si se hubiese vendido publicidad a los privados, algo fácil, tratándose nada menos que de un Mundial de fútbol. Se optó, en cambio, por mantener la línea del Fútbol para Todos de entrecasa: el único que puede mandar mensajes a la inmensa audiencia que tendrán los partidos es el Gobierno.

Paradójicamente, esos pobres que casi no tienen para comer y de quienes Cristina dice, y con razón, que tienen derecho a mirar el Mundial, verán que antes, durante y después de los partidos la televisión les habla de un país maravilloso, lleno de gente feliz que concreta sus sueños. Una tomadura de pelo lindante con la crueldad. ¿O no?

Si al equipo de Sabella le va bien y llega a la final y el país entero se encandila con el Mundial y se olvida de todo, estas líneas quedarán como un canto a la estupidez y al resentimiento. Si, por el contrario, la pelota no entra y la televisión argentina termina transmitiendo partidos entre selecciones que nada tienen que ver con nosotros y los diarios llenan sus páginas para explicar por qué Messi no fue el del Barcelona y cuestionar la ausencia de Tévez, algunos se preguntarán si la costosísima parafernalia para transmitir el certamen valió la pena. Es así. Lo ideal sería que la sociedad se plantee sus dudas aun con Messi levantando la copa. Pero esto es fútbol y es la Argentina.

Dessa forma, a partir de textos jornalísticos, conseguimos verificar que o discurso que é veiculado faz parte de uma complexidade dialógica, que envolve o contexto, os intertextos e os interdiscursos. A partir desses conceitos, buscamos um

aporte teórico para nos orientar quanto às metodologias para a análise do discurso jornalístico.

1.4 Considerações sobre a análise de discurso no jornalismo

Para Lago e Benetti (2010, p.111), o jornalismo é um modo de conhecimento construído sobre mapas culturais de significados presentes na sociedade e, a partir deles, ajuda a reforçá-los ou apagá-los. Justamente por ser construído sobre mapas culturais, entendemos que a leitura cultural é um método importante e que pode ser usado em conexão como as técnicas de análise de discurso. Com a leitura cultural, conseguimos identificar os elementos culturais presentes nos textos jornalísticos. Tal identificação facilita o processo de análise dos discursos e da investigação das hipóteses desta tese.

O jornalismo produz conhecimento sobre os fatos do mundo e, também, reproduz conhecimentos gerados por outros atores. Desse modo, para Lago e Benetti (2010, p.111), “[...] o jornalismo constrói sentidos sobre a realidade, em um processo de contínua e mútua interferência”. Os referidos autores ressaltam a importância da compreensão clara, por parte do analista do discurso, das condições complexas para a produção e existência dos discursos jornalísticos. Embora afirmem que “[...] uma pesquisa sobre o texto jornalístico não precisa contemplar o detalhamento de todas as condições” (*ibid*), pontuam que há a necessidade do analista não perder de vista a complexidade do objeto.

Para as referidas autoras, há seis condições para existência de tais discursos: 1) os acontecimentos ou, a própria realidade; 2) as condições de trabalho do jornalista no sistema organizacional, o que as autoras colocam como “constrangimentos impostos”; 3) as narrativas que orientam o que os jornalistas escrevem ou, o discurso colocado na mesa pela instância de produção; 4) as rotinas de trabalho; 5) os valores-notícia dos jornalistas ou, o olhar sensível e treinado do jornalista à notícia e, 6) as fontes de informação e seus interesses. Para elas, pelo menos essas condições precisam ser observadas pelo analista do texto jornalístico.

Tais condições ficam ainda mais complexas ao analista quando observamos o papel da instância de recepção em sua relação dialógica com o narrador/narrativa rumo à construção de sentido. Motta (2013, p.39) descreve como essa relação se dá logo no ato da compra de um jornal:

Quando eu compro um jornal para ler uma notícia, por exemplo, estou delegando ao jornal que comprei e ao jornalista-narrador, por desejo meu, a autoridade e a legitimidade para me dizerem a verdade. Eu faço um pacto com o veículo e o jornalista e entro em sintonia de confiança com eles para obter histórias verdadeiras sobre os incidentes, que assim serão configuradas em minha mente: fatos reais. As narrativas jornalísticas e historiográficas são exemplos dessa organização discursiva de veridicção: elas querem traduzir realisticamente o mundo, produzir o efeito de real, e compactuam isso com seus leitores ou ouvintes. O real, portanto, é o efeito produzido pelo discurso, compactuado pelo narrador e receptor.

Nesse campo dialógico, diversas vozes circulam. Para Lago e Benetti (2010, p.116), vozes são as fontes, o jornalista que assina o texto, a instituição jornalística – no caso dos textos não assinados, o leitor que assina a carta publicada, entre outras. Assim, “o jornalismo é, por definição, um campo de interação”. E é nesse campo de interação que o real, como efeito produzido pelo discurso, é instaurado na vida do indivíduo ou das coletividades.

A análise do discurso jornalístico deve seguir alguns pressupostos metodológicos capazes de contribuir no processo de investigação das hipóteses desta pesquisa. Somente com esses pressupostos claramente definidos conseguimos analisar o discurso esculpido na complexa estrutura da língua. Para Martino (2010, p.98), tal complexidade pode ser ilustrada, por exemplo, pelo fato de que “cada língua está ligada ao contexto em que surgiu, às condições em que se desenvolveu e ao(s) local(is) em que é(são) empregada(s)”. Aqui encontramos a primeira barreira à análise do *corpus* selecionado para essa pesquisa. Concordamos com Martino quando afirma que uma tradução é sempre incompleta, que o sentido das palavras só pode ser compreendido pelos falantes originais. Por esse motivo, ao analisar narrativas jornalísticas veiculadas na Argentina, não as traduzimos para o português e, por isto, as análises foram feitas com os elementos da língua original.

Para complementar o pensamento sobre a complexidade da estrutura da língua na análise de discurso, recorreremos a Pêcheux (2012). O referido autor trabalha o conceito de que a linguagem pode se valer da capacidade de construir o unívoco, especialmente no caso das ciências e das linguagens artificiais – como as do campo da informática e da tecnologia. No entanto, Pêcheux (2012, p.56) ressalta que a linguagem também detém a característica de “deslizar fora do espaço da univocidade literal [...]”. Para o autor, a linguagem esbarra na interpretação, no jogo metafórico, na ambiguidade, na “ironia, trocadilho, jogo de palavras [...]”.

Soma-se a esse cenário o fato de o pesquisador buscar sempre, fora do texto analisado, os outros discursos que o atravessam. Por isso, a partir dessa gama complexa, concordamos com Lago e Benetti (2010, p.112) quando afirmam que “[...] a Análise de Discurso é um método de interpretação que exige disposição intelectual do pesquisador”. Seguimos a metodologia proposta por Lago e Benetti (2010) que consideram iniciar a análise do texto identificando o que chamam de formações discursivas (FDs). Para as autoras, as formações discursivas são núcleos, dentro do próprio texto, que contém uma formação ideológica na qual não poderia ser construído outro sentido que não aquele. Como conceituam as autoras:

[...] conceitua-se formação discursiva como aquilo que pode e deve ser dito, em oposição ao que não pode e não deve ser dito. Essa definição circular amarra a formação discursiva a uma formação ideológica, deduzindo que, daquela formação ideológica, em particular, não poderia ser construído outro sentido que não aquele (LAGO; BENETTI, 2010, p.112).

Assim, para facilitar a compreensão da metodologia de análise de discursos jornalísticos, as autoras sugerem a elaboração de um quadro de FDs dos textos em análise. Nele, há a numeração das formações discursivas identificadas (FD1, FD2, FD3 etc.) e a justificativa do sentido identificado em cada uma delas. Feito isso, prosseguimos com o procedimento proposto por Lago e Benetti (2010), que consiste na busca, fora do texto, de outros discursos que atravessam o do texto analisado.

Ressaltamos a importância da identificação das formações discursivas nas matérias jornalísticas selecionadas, a partir do pensamento de Figaro (2012, p.23), quando a autora aponta que “[...] uma mesma palavra, uma mesma expressão e uma mesma proposição podem receber sentidos diferentes [...] conforme se refiram a esta ou àquela formação discursiva [...]”. Para a referida autora, tais palavras, expressões e proposições não têm um sentido próprio. O sentido passa a ser atribuído em função da relação com as FDs. Por esse motivo, cabe ao analista de discurso essa criteriosa identificação. Assim, para Figaro (2012, p.42) a palavra é polissêmica, ou seja, “[...] ela muda de sentido conforme o posicionamento sócio-histórico-ideológico assumido pelo sujeito em conformidade com a formação discursiva”.

Além de separarmos as formações discursivas, procuramos numerar as sequências discursivas (SD). Para Lago e Benetti (2010), as sequências discursivas são trechos recortados para análise na pesquisa. Assim, conseguimos organizar melhor o *corpus* da pesquisa. Ressaltamos que neste segmento da tese separamos algumas matérias jornalísticas, do *corpus* da pesquisa, com o intuito de exemplificar e auxiliar na compreensão da metodologia de análise de discurso no jornalismo. Neste momento realizamos a separação e numeração, tanto das formações discursivas, como das sequências discursivas, enunciadores e locutores. No Capítulo 5 expomos as análises em profundidade do *corpus*, utilizando tanto a análise de discurso, como a leitura cultural.

Seguimos as análises do *corpus* procurando identificar a presença dos locutores e dos enunciadores. Locutores são aqueles que se apresentam com marcas de identificação no discurso. Para Lago e Benetti (2010, p.119), “o jornalista que assina; [...] que escreve sem assinar, mas que repassa a identificação imediata ao veículo; a fonte citada de modo explícito; a fonte indicada como “off”; o leitor que assina uma carta; o articulista que assina um artigo etc”. Para facilitar a análise, podemos numerar os locutores encontrados como, por exemplo, jornalistas (L1), fonte A (L2), fonte B (L3), e assim por diante.

Além da identificação dos locutores, buscamos a identificação dos enunciadores. Tal busca nos ajuda a compreender se o texto analisado apresenta características de um discurso polifônico. Por discurso polifônico entendemos a presença da pluralidade, da

diversidade de enunciados com perspectivas e interesses diferentes, dentro do mesmo texto analisado.

Assim, se todos os locutores identificados enunciarem sob uma mesma perspectiva, teremos a presença de apenas um enunciador (E1). No caso de, por exemplo, uma fonte abordar outra perspectiva, teremos no texto a presença de um segundo enunciador (E2). Para Lago e Benetti (2010, p.120), “a complexidade maior recai sobre o estudo dos enunciadores. Embora exija o domínio e a articulação de conceitos da AD, arriscamos dizer que, sem atingir este nível de análise, não é possível concluir se um discurso é de fato polifônico ou não”.

Tomamos com muita atenção dois possíveis quadros na identificação da polifonia em um discurso. Em alguns casos, mesmo com a presença de diversos locutores, o texto não é polifônico, pois todas as vozes do texto analisado estão contidas dentro do mesmo enunciador. Assim, neste caso, o texto analisado é monofônico.

Outro caso também demanda a nossa atenção na análise dos discursos. Quando há apenas um locutor identificado, mas esse locutor se posiciona com perspectivas diferentes dentro do mesmo texto. Assim, compreendemos a presença de apenas um locutor com mais de um enunciador, o que consiste em um discurso polifônico. Conforme Lago e Benetti (2010, p.119), “embora pareça estranho, este é o tipo de movimento de vozes presente em alguns editoriais, por exemplo, quando a empresa jornalística não quer se posicionar claramente”.

Como base nesses procedimentos metodológicos, analisamos uma matéria jornalística veiculada pelo portal brasileiro G1 – 10 pontos para entender a crise na Argentina⁷ -, assinada pelos jornalistas Darlan Alvarenga e Juliana Cardilli.

Identificamos no texto jornalístico três formações discursivas. Na FD1 está contida toda gama de informações sobre a crise econômica no país; na FD2 há o debate sobre a crise de credibilidade do governo argentino; e, na FD3 há o posicionamento oficial do governo argentino perante a crise.

⁷ALVARENGA, Darlan; CARDILLI, Juliana. **10 pontos para entender a crise na Argentina**. Portal G1.com. 27. junho.2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/01/entenda-crise-economica-e-politica-na-argentina.html>>. Acesso em: 26.dez.2014.

A identificação dessas formações discursivas foi importante para localizarmos no texto as sequências discursivas. A partir da FD1, sobre a crise econômica argentina, encontramos as seguintes sequências discursivas:

[...] Peso argentino desabou 11% no dia 23, na maior queda diária desde 2002 [...]

[...] Neste início de ano, o volume dessas reservas, que era de US\$ 43 bilhões há 1 ano, caiu para menos de US\$ 30 bilhões. As reservas internacionais brasileiras, para efeitos de comparação, somam mais de US\$ 370 bilhões [...]

[...] Com a falta de dólares no mercado, a cotação disparou. Em 23 de janeiro, o peso argentino desabou 11%, a oito pesos por dólar, na maior queda diária desde a crise de 2002 [...]

A partir da FD2, sobre a crise de credibilidade que o governo argentino enfrenta, encontramos as seguintes sequências discursivas:

[...] Em 2001, em meio a uma grave crise econômica e política, a Argentina anunciou um calote em sua dívida pública, que na época era de cerca de US\$ 100 bilhões. A decisão abalou a confiança dos investidores, afastou empresas estrangeiras e fez o país ter dificuldades para conseguir empréstimos internacionais [...] [...] Em 2005, no governo de Nestor Kirchner, o país tentou recuperar credibilidade oferecendo a quem tinha sido prejudicado pelo calote pagamentos com descontos acima de 70%, a serem feitos em 30 anos. Mais de 90% dos credores aceitaram a proposta do governo, mas ações de quem rejeitou o acordo ainda correm em tribunais internacionais [...]

[...] "Nem o governo acredita nesse índice. A maior prova são os aumentos salariais para os sindicatos amigos. Os caminhoneiros, por exemplo, receberam em outubro reajuste de 25%", afirma o professor Leonardo Trevisan, lembrando que os indícios de maquiagem nos dados oficiais levou a revista "The Economist" a excluir os números do governo argentino das suas publicações [...]

[...] A falta de credibilidade do governo também tem influência no posicionamento da presidente. Segundo o embaixador, a Argentina cometeu "um pecado muito grave da mentira sistemática dos números da economia". "Ninguém acredita no que sai da boca dela [Cristina]. Há uma presunção de que tudo é uma mentira. Agora ela se deu conta que tem menos tempo, menos prestígio e menos pano de onde cortar. O que faz ela sobreviver é que na Argentina não há alternativa ao peronismo", afirmou Azambuja [...]

Encontramos apenas um trecho no qual o posicionamento oficial do governo argentino é citado:

[...] Na sexta-feira, 24 de janeiro, o governo argentino anunciou um relaxamento das medidas de controle e disse que permitirá a compra de divisas estrangeiras pela população para posse e economia[...]

Seguindo a metodologia de análise de discurso proposta por Lago e Benetti (2010), procuramos identificar os locutores presentes nessa matéria jornalística. Além dos jornalistas que assinam a matéria, a narrativa cita diversas fontes. O primeiro locutor identificado, L1, foi o professor de comércio exterior das Faculdades Rio Branco, Carlos Stempniewski; em seguida, encontramos L2, o professor de economia da PUCSP, Leonardo Trevisan; L3, o Instituto Nacional de Estatística e Censo – Indec; L4, Conselho Executivo do Fundo Monetário Internacional (FMI); L5, a professora de economia da ESPM-SP, Cristina Helena Pinto de Mello; L6, o economista Celso Toledo; L7, o professor de economia e finanças da Fundação Dom Cabral; L8, Luis Fernando Ayerbe, do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais da UNESP; L9, a presidente da Argentina, Cristina Kirchner; L10, Rubens Ricupero, diretor das Faculdades de Economia da FAAP; L11, Marcos Castrioto, ex-embaixador do Brasil na Argentina.

Embora essa matéria jornalística conte com a presença de onze locutores, conseguimos identificar apenas dois enunciadores. Como E1, identificamos a voz do governo argentino, representada pela presidente do país. Como E2, os demais locutores, acadêmicos e especialistas em economia, que com uma série de argumentos ressaltam o tamanho da crise econômica da Argentina e a falta de credibilidade do governo.

Destrinchar essa matéria jornalística foi muito útil para entendermos a pluralidade de vozes e discursos que podem estar contidos em um texto jornalístico. Como compartilhamos do pensamento de Lago e Benetti (2010), quando afirmam que o jornalismo constrói sentidos sobre a realidade em um processo de mútua interferência.

Referências bibliográficas deste capítulo

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Entre a transparência e a opacidade:** um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso.** Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **Brasil, Argentina e Estados Unidos:** conflito e integração na América do Sul (da tríplice aliança ao Mercosul), 1870 – 2007. 3. ed, rev. e ampl.. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

BARTHES, R. et al.. **Análise estrutural da narrativa.** Petrópolis: Vozes, 1971.

BAUER, Martin W; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Tradução: Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral**. São Paulo: Pontes, 2005.

BHABHA, Homi . **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: EDUEMG, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. 14. ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. A influência do jornalismo e os jogos olímpicos. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BRANDALISE, Roberta. **A televisão brasileira nas fronteiras do Brasil com o Paraguai, a Argentina e o Uruguai**. Tese de Doutorado. São Paulo: ECA/USP, 2011.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2012.

_____. **Introdução à análise do discurso**. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1997.

BRAIT, Beth; SOUZA E SILVA, Maria Cecília (orgs). **Texto ou discurso?**. São Paulo: Contexto, 2012.

CANDEAS, Alessandro. **A integração Brasil-Argentina: história de uma ideia na visão do outro**. Brasília: FUNAG, 2010.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2013.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987

FIGARO, Roseli(org). **Comunicação e Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2012.

FRANCO, Maria Laura Publisi Barbosa. **Análise de Conteúdo**. Brasília. 2. ed.: Liber Livro Editora, 2007.

LAFER, Celso. **A identidade internacional do Brasil e a política externa brasileira: passado, presente e futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

LAGO, Claudia, BENETTI, Marcia (orgs.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MAINGUENEAU, Dominique; CHARAUDEAU, Patrick. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2014.

MARQUES, Fabrício R.; CREUZ, Luis Rodolfo Cruz; DRIUSSO, Marcelo. **O peso da redemocratização no processo de integração entre Brasil e Argentina**. Cadernos

do PROLAM/USP – Brazilian Journal of Latin American Studies, Ano IX, número 17, v.2, Editora: Maria Cristina Cacciamali, 2010

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Comunicação & identidade: quem você pensa que é?**. São Paulo: Paulus, 2010.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano**. São Paulo: Summus, 2003

_____. **O signo da relação: comunicação e pedagogia dos afetos**. São Paulo: Paulus, 2006.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

_____. **Narratologia, teoria e análise narrativa**. Brasília: Casa das Musas, 2005.

NERY, André Luís. **Preconceitos e rivalidade futebolística entre Argentina e Brasil: análise da cobertura dos jornais Folha de S.Paulo e Clarín nas Copas do Mundo de 1986 a 2002**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PROLAM/USP, 2007.

OLIVEIRA DA SILVA, Marconi. **A notícia como narrativa e discurso**. Estudos de jornalismo e mídia. Vol. IV, n.1. Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2200/2053>> Acesso em: 14 agos. 2014.

PALACIOS, Ariel; CHACRA, Guga. **Os hermanos e nós**. São Paulo: Contexto, 2014.

SEIXAS, Renato. **Identidade Cultural Pós-Moderna: Uma abordagem por meio de mensagens publicitárias**. 24.junho2009. Disponível em:

<<https://renatoseixas.wordpress.com/2009/06/24/identidade-cultural-pos-moderna-uma-abordagem-por-meio-de-mensagens-publicitarias/>> Acesso em: 06 julho. 2015

SEIXAS, Renato. **Identidade Cultural da América Latina: Conflitos Culturais Globais e Mediação Simbólica**. 12.maio.2008. Cadernos PROLAM/USP (Ano 08 – vol.1 – 2008). Disponível em: <

http://www.usp.br/prolam/downloads/2008_1_4.pdf Acesso em: 05 julho. 2015

2. Organismo midiático

Procuramos, nesse segmento da tese, propor um debate teórico sobre a influência de diversos atores na construção das matérias jornalísticas. Entendemos que o processo dialético de produção e recepção simbólica perpassa por diversos lugares rumo à construção de sentido. As especificidades de cada lugar devem ser levadas em consideração para entendermos como se dá o processo comunicativo midiático.

Charaudeau (2013, p.23) estabelece três lugares de construção de sentido, no que chama de “máquina midiática”. Para o referido autor, há (i) o lugar de produção, (ii) o

lugar do produto e, (iii) o lugar da recepção. Trocamos aqui o termo “máquina midiática” por organismo midiático. Entendemos que o processo de construção de sentido, a partir de produtos midiáticos⁸, é um processo vivo, no qual cada lugar, seja de produção, do produto, ou de recepção, influencia os demais lugares e é por eles influenciado mútua e constantemente.

Ao abrirmos mão do termo “máquina” indicamos uma ruptura em relação à visão de mundo cartesiana/newtoniana que, de acordo com Contrera (2009, p.6), é uma “visão do mundo mecanicista que nasce no século XVII”. A troca do termo ‘máquina’ por ‘organismo’ pretende remeter a um universo vivo, no qual o humano, a criatividade e até a intuição, são tão importantes quanto a técnica. Propomos uma ruptura com uma visão meramente mecanicista que, para Contrera (2009, p.7), “continua a promover o triunfo da quantidade em detrimento da qualidade, da funcionalidade em detrimento do significado [...]”.

Além disso, ao utilizarmos o termo ‘organismo’, pretendemos deixar claro o nosso posicionamento de que em uma sociedade cada vez mais complexa, tecnológica e interconectada, emerge a necessidade de os profissionais de comunicação social irem além da técnica, do uso exclusivo da razão.

Medina (2008) realiza um debate no qual propõe que ao jornalista, um dos atores que exerce protagonismo no organismo midiático, cabe não só o uso da técnica, da busca pela precisão dos dados, pois a ele cabe especialmente ler o mundo contemplando também a subjetividade, uma leitura da complexa sociedade atual utilizando, além da técnica, os sentidos.

A partir dessas reflexões, tecemos esse capítulo no qual lançamos luz especificamente sobre o papel do lugar produção e dos diversos atores que participam desse complexo sistema dialógico.

⁸Especificamente nesta pesquisa entendemos como produtos midiáticos as matérias jornalísticas. Em linhas gerais um produto midiático pode ser veiculado em diversos meios, como jornais impressos, portais na internet, rádio, televisão, cinema. Tais produtos podem ser factuais, como o jornalismo; ficcionais, como telenovelas, e produções publicitárias.

2.1 A instância da arquitetura do produto midiático

Lancemos luz, então, nesse primeiro momento, sobre o lugar de produção. Consideramos esse lugar como uma *instância da arquitetura do produto midiático*, realizando, com uma licença metafórica, a comparação com a construção de uma casa. Uma empresa de arquitetura e engenharia se assemelha ao lugar de produção. Os arquitetos envolvidos elaboram a planta pensando estrategicamente de acordo com as necessidades dos futuros moradores e/ou do mercado imobiliário local. Como será a divisão dos cômodos, o estilo da casa, o cronograma para construção, o orçamento da obra e toda sorte de detalhes que o planejamento da construção demande.

Dessa forma, a instância da arquitetura do produto midiático é configurada pelas empresas de mídia, os veículos de comunicação. Essa instância interfere no produto midiático assim como o escritório de arquitetura interfere na atividade diária dos pedreiros e, logo, no produto final e na relação do futuro morador com a nova casa. Assim, por interferir na tecitura das matérias jornalísticas, dedicamos esse espaço reflexivo nesta tese.

Charaudeau (2013) justifica a importância da análise dos discursos midiáticos não apenas a partir dos interesses de uma máquina econômica, que visa tornar o produto mais competitivo em um mercado empresarial. Para Charaudeau (2013, p.17), a análise dos discursos midiáticos compreende o estudo do universo simbólico, como detalha na citação abaixo:

[...] por que analisar o discurso midiático, se as mídias parecem viver uma lógica comercial onde só haveria lugar para estudos econômicos, tecnológicos ou de marketing? Seria para torná-las mais performáticas e mais rentáveis nos mercados mundiais? É claro que a resposta é negativa para quem acredita que, para além da economia e da tecnologia, há o simbólico, essa máquina de fazer viver as comunidades sociais, que manifesta a maneira como os indivíduos, seres coletivos, regulam o sentido social ao construir sistemas de valores.

Os questionamentos levantados no trecho acima podem ser melhor investigados ao observamos atentamente o lugar de produção. A instância da arquitetura do produto midiático apresenta um duplo papel, o de fornecedor de informação e de propulsor do desejo de consumir as informações. Sobre o fornecimento de informação podemos relacionar com alguns princípios. Segundo o Código de Ética da Radiodifusão Brasileira⁹, de 1993, Art.1º – “Destina-se a radiodifusão ao entretenimento e à informação do público em geral, assim como à prestação de serviços culturais e educacionais”.

Acrescentamos também alguns princípios presentes no Código Internacional de Ética dos Jornalistas¹⁰, de 1983:

The foremost task of the journalist is to serve the people's right to true and authentic information through an honest dedication to objective reality whereby facts are reported conscientiously in their proper context, pointing out their essential connections and without causing distortions, with due deployment of the creative capacity of the journalist[...]

O trecho acima consagra o direito da população à informação e à responsabilidade ética dos jornalistas e, também, das empresas de mídia. Além disso, o

⁹FENAJ. **Código de ética da radiodifusão brasileira**. Disponível em:

<http://fenaj.org.br/%2Farquivos%2Fcodigo_de_etica_da_radiodifusao_brasileira.doc&ei=FekBVJyTEK_nsAT6qYKADg&usg=AFQjCNHCoUhDGCtgwgAs7DX7GdWJQEDXIQ&bvm=bv.74115972,d.cWc>. Acesso em: 20 julh.2014.

¹⁰FENAJ. **Código internacional de ética dos jornalistas**. Disponível em:

<http://www.fenaj.org.br/%2Farquivos%2Fcodigo_de_etica_internacional_dos_jornalistas.doc&ei=S-oBVNHHi6XIsATXuILoBg&usg=AFQjCNFONezivMA4GVzoksch5bOfn19Y6A&bvm=bv.74115972,d.cWc> . Acesso em: 21 julh.2014.

Nos trechos citados, tradução nossa, encontramos: “*A principal tarefa do jornalista é servir o direito das pessoas à informação verdadeira e autêntica através de uma dedicação honesta para realidade objetiva em que fatos são relatados conscientemente em seu próprio contexto, apontando suas conexões essenciais e sem causar distorções, com a devida implantação da capacidade criativa do jornalista [...]*” e “*Informação, no jornalismo, é compreendida como bem social e não como uma mercadoria, o que significa a responsabilidade dos jornalistas para com a informação que é transmitida e, além disso, uma responsabilidade para com os que controlam os meios de comunicação e, em última análise, para com o público em geral, incluindo vários interesses sociais [...]*”.

trecho abaixo identifica o trabalho do jornalista, o produto midiático como um bem social, não como uma mercadoria.

Information in journalism is understood as social good and not as a commodity, which means that the journalists shares responsibility for the information transmitted and is thus accountable not only to those controlling the media but ultimately to the public at large, including various social interests[...]

Tanto o Código de Ética da Radiodifusão Brasileira, como o Código Internacional de Ética dos Jornalistas apontam que um dos papéis da instância de arquitetura do produto midiático é fornecer informação de interesse público, seguindo princípios éticos que norteiam as empresas e os profissionais envolvidos.

Ao mesmo tempo, o papel de gerar o desejo de consumir essas informações pode ser investigado a partir de uma lógica econômica. Tal lógica pode apresentar a produção de discursos com intencionalidade orientada para fins econômicos. Por fins econômicos entendemos o intuito de conquistar cada vez mais um público consumidor, de leitores, ouvintes, telespectadores, internautas, entre outros. Para conquistar uma audiência cada vez maior a empresa de mídia precisa conhecer os comportamentos e as opiniões do público.

A produção das matérias jornalísticas, obedecendo a essa lógica, ocorre numa organização hierarquizada do modo de trabalho. Tal organização envolve os mais diferentes atores da empresa, da contratação de um novo colaborador até a escolha daquilo que será veiculado. Bourdieu (1997) ressalta a presença da intencionalidade econômica nos discursos midiáticos. Especificamente sobre a televisão, mas que a nosso ver pode ser replicada para qualquer meio de comunicação, o autor entende que a programação, ou a escolha do conteúdo veiculado, passa por uma pressão econômica.

Bourdieu afirma que essa pressão pode ser oriunda tanto dos receptores, que expressam o que querem ver, como por outros atores como o proprietário da emissora, anunciantes e, até mesmo, o Estado, provocando tanto uma intencionalidade política, como uma intencionalidade econômica.

Assim, um dos efeitos pretendidos com a veiculação dos produtos midiáticos é a conquista de um grande público. Para Charaudeau (2013, p.60), “os acontecimentos que surgem no espaço público não podem ser reportados de maneira exclusivamente factual [...]. Sendo assim, as mídias recorrem a vários tipos de discursos para atingir seus objetivos”.

Tais considerações de Charaudeau e Bourdieu são pertinentes, mas podem limitar a análise do discurso a uma visão simplista, na qual toda matéria midiática tem como premissa básica só a intencionalidade econômica ou, como disse Bourdieu (1997, p.20), uma “censura econômica”. A intencionalidade econômica existe, mas é apenas um dos aspectos da produção das matérias jornalísticas. A produção midiática que respeita o interesse público e o bem social também é uma realidade.

2.2 Intencionalidades e Efeitos

Sem o romantismo de considerar que toda empresa de mídia produz seus discursos com base apenas nos preceitos éticos, compreendendo o seu papel social; nem com uma acidez visceral que só observa a motivação política e econômica do lugar de produção; lançamos luz agora sobre a intencionalidade e efeitos visados por parte do lugar de produção ao produzir suas matérias jornalísticas. Lembramos que esse debate parte de um pressuposto generalizante. Entendemos que cada empresa de mídia tem suas particularidades, motivações, posicionamento social, cultural, econômico e político.

Uma instância de mídia jornalística realiza sua atividade entre dois flancos distintos. De um lado, a credibilidade, que é construída com o tempo, privilegiando a apuração dos fatos, a percepção que o público tem de que o veículo atua com isenção, entre outros atributos. De outro lado, a necessidade de gerar interesse para captação do público que precisa receber tal informação de modo dramatizado, conforme as proposições de Charaudeau (2013). Identificamos aqui uma linha tênue entre a

produção de matérias jornalísticas que procuram conquistar esse público, recorrendo à dramatização; e à manutenção da imagem de credibilidade que a instância de produção teoricamente construiu.

Entendemos que toda matéria jornalística parte de uma pauta geralmente intencional. Salvo em acontecimentos totalmente imprevistos, o debate de uma pauta é por si só uma marca do discurso oriundo do lugar de produção. Ao se pensar a pauta, pensa-se também na angulação, jargão jornalístico que podemos considerar como sinônimo de abordagem. Ao determinar essa angulação, a instância de produção está colocando o seu discurso na mesa. Se observarmos mais de perto o lugar de produção, veremos que, segundo Martino (2003, p.49), a realidade veiculada na mídia passou por um amplo processo de reconstrução que envolve a “[...] seleção, adaptação e edição [...]”. Todos esses elementos distanciam o produto midiático da realidade objetiva. Para não deixar as marcas no produto final, a instância de produção busca constantemente apresentá-lo mediante a noção de neutralidade das informações, como ressalta Martino (2003, p.59):

A objetividade aparente da informação é, por si só, um instrumento de legitimação de todo o processo de codificação. Ao ler o jornal, o público pode imaginar-se face a um retrato da realidade, sem distorções ou manipulações.

Assim, para a manutenção e/ou construção de uma imagem de credibilidade, o veículo constrói estrategicamente a ideia de que a mídia é um espelho da realidade. A linha tênue aparece quando toda essa preocupação e princípios caminham juntos com a necessidade de “[...] embalar a informação com ingredientes certos de consumo”, conforme afirma Medina (1988, p.75). Tanto o conteúdo, como a diagramação, fotografia, formato de narração, infografia e toda sorte de apelos visuais e linguísticos são criados pensando na captação do público.

A credibilidade atribuída ao veículo pode ser construída na instância da produção, também, a partir de três critérios, que, de acordo com Charaudeau (2013, p.81) são: (i) o desempenho; (ii) a confiabilidade e (iii) a revelação. Desempenho

consiste em furos jornalísticos, “[...] saber ser o primeiro a transmitir a informação [...]” (*ibid.*, p.81); confiabilidade é a apuração de todas as informações transmitidas e; a revelação é, nesse caso, sinônimo de investigação, encontrar aquilo que estava em segredo.

Charaudeau ressalta a hipótese de que o público dispõe de mecanismos para checagem do que é veiculado. Sobre essa proposição ressaltamos que hodiernamente, com a presença cada vez mais intensa de redes sociais interconectadas via tecnologia, esses mecanismos de checagem se multiplicam exponencialmente. Um erro de cálculo na arquitetura, construção e veiculação do produto midiático pode gerar o efeito contrário ao da credibilidade.

A credibilidade que o alvo pode atribuir à instância midiática baseia-se na hipótese de que esse alvo dispõe de critérios de avaliação que lhe permitem julgar e separar o que é verdadeiro, confiável e autêntico (CHARAUDEAU, 2013, p.81).

Ao buscar apenas a credibilidade, a empresa de mídia pode caminhar no sentido de uma produção e veiculação apenas racional do factual, fria. Assim, a captação da audiência fica comprometida, pois não há a sedução ao contar as histórias. Logo, para as empresas de mídia não interessa apenas informar os fatos. A informação precisa ser transmitida de uma maneira que interesse ao público.

Para gerar esse interesse, muitas empresas de mídia realizam estudos para entenderem como o público recebe a informação veiculada. Essa avaliação leva em consideração um público-alvo ideal, pensado a partir das premissas estratégicas da empresa.

Como dissemos, antes da feitura do produto midiático, alguns atores, do lugar de produção, são responsáveis por debater a pauta, o tom, ou como será construído o discurso. A decisão sobre o que será posto em discurso considera um receptor ideal, imaginado. Assim, a decisão norteia o *como fazer* e qual será a *visada*, o objetivo pretendido.

Charaudeau propõe a distinção de três tipos de efeitos. (i) Os efeitos visados, (ii) os efeitos possíveis e (iii) os efeitos produzidos:

A distinção que propomos, entre os três lugares de construção do sentido, permite explicar a informação como algo que não corresponde apenas à intenção do produtor, nem apenas à do receptor, mas como resultado de uma cointencionalidade que compreende os efeitos visados, os efeitos possíveis, e os efeitos produzidos. Esses três lugares se definem, portanto, cada um em relação aos demais como num jogo de espelhos em que as imagens incidem umas sobre as outras (CHARAUDEAU, 2013, p.28).

Os efeitos visados são apenas imaginados na instância de produção. A empresa de mídia não tem uma garantia de que os efeitos pretendidos corresponderão àqueles realmente produzidos no receptor. Esse objetivo que a instância de produção pretende alcançar pode ter origem em quatro tipos de visadas; a que Charaudeau chama de “fazer fazer”, na qual, ao veicular um produto midiático, a empresa espera uma ação da audiência; a visada “fazer saber”, meramente informativa; a visada “fazer crer”, na qual se busca fazer com que a audiência acredite na veracidade daquilo que está sendo dito; e a visada que o autor chama de “*pathos*”, que pretende gerar algum tipo de reação emocional, seja agradável ou desagradável.

Para Maingueneau e Charaudeau (2014), os efeitos possíveis estão entre os efeitos visados, ou pretendidos, e os efeitos produzidos na instância da recepção. Nele, a instância de produção só pode imaginar o receptor de maneira ideal. Assim, caso a empresa de mídia tenha algum objetivo estratégico com a veiculação do discurso, passa a depender inteiramente de como a instância de recepção constrói o sentido, algo que depende de suas condições de interpretação. Por isso, ao analisar os produtos midiáticos consideramos estar diante de uma gama de possibilidades interpretativas.

[...] qualquer artigo de jornal, qualquer declaração num telejornal ou num noticiário radiofônico, está carregada de efeitos possíveis, dos quais apenas uma parte – e nem sempre a mesma – corresponderá às intenções mais ou menos conscientes dos atores do organismo de informação, e uma outra – não necessariamente a mesma – corresponderá ao sentido construído por tal ou qual receptor (CHARAUDEAU, 2013, p.28).

Dessa forma, os efeitos produzidos são dependentes da resposta dada pela instância da recepção. No organismo midiático, há uma inter-relação de forças entre a empresa midiática, seus atores e discursos veiculados, com a instância da recepção. Trata-se de um organismo vivo, interdependente.

2.3 Os atores do lugar de produção

Como dissemos, as empresas de mídia são organizadas com o envolvimento de diferentes atores, cada um deles tendo um papel importante no lugar de produção, fato que garante a transmissão discursiva com base nos interesses da empresa em que tais atores se inserem. Trata-se de um processo no qual todos os atores contribuem à fabricação de um discurso midiático, que de alguma maneira representa a ideologia do veículo de comunicação.

Não só jornalistas, que estão na linha de frente do processo de feitura do material comunicativo, mas atores como diretores, editores, profissionais da área técnica, operacional, comercial, acionistas, profissionais de marketing, design, entre outros. Assim, a empresa de mídia organiza o sistema para a produção da enunciação discursiva.

Neveu (2006) detalha a presença dos diversos atores na instância de produção a partir da simples leitura do expediente¹¹ dos jornais. Ao olhar para o expediente de um

11 Expediente é a relação dos profissionais envolvidos na produção de um produto jornalístico. Nele constam os cargos e nomes dos principais profissionais do veículo, do diretor geral ao assistente de produção. “A leitura de um “expediente” (organograma que figura em toda publicação) faz surgir a estrutura hierárquica de uma redação. O do Le Monde menciona um diretor de publicação, um diretor de redação e seus adjuntos, chefes de editorias especializadas (Empresas, Internacional), um secretário de redação, um ombudsman. Os títulos das funções podem variar, mas os princípios de estruturação são bem constantes” (NEVEU, 2006, p.77).

jornal, o autor supracitado explica o papel, por exemplo, do diretor de redação, como ator que interfere na produção jornalística:

A descrição de alguns cargos permite dar uma ideia do funcionamento de uma redação. O diretor de redação exerce uma gerência que se pode qualificar de política, no sentido de que ele define (sob o controle de acionistas, de um diretor ou de uma sociedade de redatores) a linha editorial da publicação. Ela pode residir num posicionamento político no sentido amplo, na escolha do tipo de informação e do tratamento do fato que a publicação privilegiará. Ela se traduz em cada edição na escolha dos acontecimentos a ser valorizados, ao ângulo sob o qual os cobrir: é preciso dar “primeira página” à queda de um Concorde ou não? Valorizar a emoção ligada ao drama ou propor um comentário distanciado sobre a segurança do transporte aéreo e a saturação dos aeroportos parisienses? (NEVEU, 2006, p.77)

Um olhar atento ao expediente de um jornal pode explicitar outros atores importantes nesse processo. Por exemplo, o secretário da redação, os editores, os diretores comerciais. Para Neveu (2006, p.78), ao secretário da redação cabe acompanhar e cobrar os jornalistas quanto aos prazos, tamanho e quantidade de matérias. Já os editores, responsáveis por cadernos especializados, “dirigem um grupo de jornalistas e explanam, durante as reuniões de pauta, as propostas de sua equipe: número de páginas, necessidade de espaço [...]”.

Medina (1988) ressalta o papel do editor na organização da enunciação discursiva. Para ela, o editor é o ator que está em harmonia com a angulação da empresa midiática e das demandas do público. É esse ator que, com sensibilidade, “[...] sabe selecionar as informações ‘essenciais’ que o repórter traz, que sugere perguntas e, acima de tudo, que angula a matéria [...]” (*ibid.*, 1988, p.79). Na instância de produção, o editor “[...] se constitui em um elemento decisivo na estruturação da mensagem [...]” (*ibid.*, p.80). Não só na estruturação da mensagem em nível técnico, mas em nível estratégico, observando as particularidades do duplo papel dessa instância, o de fornecer informação e o de gerar o desejo do público de consumi-las.

Como já foi mencionado, além dos atores intrinsecamente ligados ao jornalismo, outros atores também participam do processo de produção discursiva. Neveu (2006)

ressalta a presença de profissionais e departamentos relacionados à área financeira, de administração publicitária e até mesmo o departamento jurídico.

Estudar a divisão de tarefas numa empresa de comunicação conduz a observar que ela se compõe não só de jornalistas como também de um departamento financeiramente estratégico: a administração publicitária. O espaço disponível é alvo de disputas diárias entre departamentos de publicidade e redação, a ponto de certa editoria poder se ver reduzida para dar lugar a uma publicidade rentável. O departamento jurídico também pode ter seus pareceres se imaginar que certo artigo vai dar espaço a um direito de resposta, ao risco de processo por difamação ou atentado à privacidade. O conhecimento das práticas de leitura produz efeitos palpáveis sobre o perfil das publicações, nas quais o peso das editorias e o estilo visual se encontram formatados em função de análises do comportamento dos leitores (NEVEU, 2006, p.83).

Com o intuito de evitar uma leitura precipitada, na qual todo discurso jornalístico emerge e segue a guia rigorosa somente de intencionalidades econômicas e políticas, ressaltamos o pensamento de Martino (2003, p.93), quando aponta que a escolha realizada pelos editores e demais atores dessa instância nem sempre é “[...] perniciososa à ética [...]”. Para o referido autor, muitas vezes o lugar de produção não consegue colocar em pauta todas as demandas da sociedade, “[...] pois um jornal não tem espaço físico para noticiar tudo sobre todos os assuntos em todos os lugares [...]”.

Mesmo com todos esses atores envolvidos na construção de narrativas e discursos jornalísticos, o jornalista é protagonista nesse processo. Como elucida Martino na citação abaixo:

Quando um jornalista redige uma matéria, materializa um processo ininterrupto de escolhas e eliminações que elegem uma possibilidade de representação em um universo de N mensagens disponíveis [...] Muito antes da edição e seleção dos temas realizados pela reunião de pauta, o jornalista já seleciona o que será ou não reportado, pois nem todas as mensagens são aceitas [...] (2003, p.102).

A empresa de mídia, além de construir o produto comunicativo que será veiculado, se preocupa em atingir o maior número possível de consumidores. Não necessariamente uma grande massa, mas procura atingir o público do nicho estratégico em que atua. Essa busca, ou meta estratégica, gera impactos no processo de produção.

Assim, veículos de comunicação trabalham no sentido de conhecer cada vez mais a opinião e o comportamento do público receptor. A leitura de dados demográficos, psicográficos, comportamentais e de audiência não é exclusividade dos departamentos de marketing, que buscam identificar o público-alvo, a fim de apresentar essas informações ao mercado publicitário.

Conhecer o público e suas reações é importante também para, estrategicamente, conduzir a produção, da escolha das pautas à linguagem adotada. Assim diretores e editores conseguem entender qual é o grau de satisfação do público receptor. Por esse motivo Charaudeau (2013) diz que a instância de produção vive um dilema: de um lado, tem a finalidade de fazer saber, transmitir a informação com credibilidade; de outro lado, tem a missão de fazer sentir, de modo que consiga produzir efeitos de dramatização naquilo que é veiculado, para assim, satisfazer os anseios do consumidor e conquistá-los.

A instância midiática acha-se, então, “condenada” a procurar emocionar seu público, a mobilizar sua afetividade, a fim de desencadear o interesse e a paixão pela informação que lhe é transmitida [...] a instância midiática deve proceder a uma encenação sutil do discurso de informação, baseando-se, ao mesmo tempo, nos apelos emocionais que prevalecem em cada comunidade sociocultural e no conhecimento dos universos de crenças [...] (CHARAUDEAU, 2013, p.92).

Ao observarmos a atuação de todos esses atores envolvidos na instância de arquitetura do produto midiático, de acordo com a proposição de Sandano (2014, p.29), não queremos construir “[...] a imagem da ‘grande mídia’ como parte de um jogo de manipulações, interesses, sensacionalismo e outros pecados que desanimam o estudante interessado em uma carreira ética e promissora [...]”. Ao contrário, buscamos lançar ao debate os modos pelos quais o lugar de produção interfere na elaboração dos discursos midiáticos e, assim, no processo de construção de sentidos das matérias jornalísticas.

No lugar de produção o jornalista é, em muitos casos, o ator final do processo. É por meio dele que aquilo que foi posto em discurso pelos atores do organismo midiático toma efetivamente a forma de produto. Esse produto jornalístico, por ser o resultado de um processo cultural, traz, enfim, a indelével marca de autoria do jornalista.

A chancela autoral do jornalista é atravessada por diversos percalços na instância de produção. Um exemplo disso é a linha tênue que separa a intencionalidade de gerar credibilidade à instância de produção e a de fazer com que a audiência tenha interesse, sinta, consuma o produto midiático. Tudo isso, em diferentes níveis, impactam o modo de fazer jornalístico.

Os jornalistas têm “óculos” especiais a partir dos quais veem certas coisas e não outras; e veem de certa maneira as coisas que veem. Eles operam uma seleção e uma construção do que é selecionado. O princípio da seleção é a busca do sensacional, do espetacular (BOURDIEU, 1997, p. 25).

O que Bourdieu (1997) chama de “óculos especiais” faz sentido se considerarmos que a produção do jornalista foi previamente pensada por diversos atores envolvidos no processo; que há um tom do discurso em jogo antes da produção jornalística; que a empresa midiática precisa cativar o seu público. Como um professor que utiliza metáforas diferentes, considerando o nível e repertório dos alunos, um jornalista pode direcionar seu olhar considerando as expectativas do veículo.

O jornalista é um ator fundamental na tecitura das narrativas que compõem o processo orgânico da produção simbólica. Nesse breve debate, procuramos elencar como a instância de produção interfere na atividade do jornalista. Percebemos algumas pistas que mostram a necessidade de se refletir sobre a atividade jornalística, sobre como esse profissional pode romper as rotinas meramente tecnicistas, industriais e promover a primavera da experiência viva, criativa, humana, na produção das narrativas midiáticas que compõem ou refletem imaginários e identidades culturais.

Desse modo, no próximo capítulo abordamos com mais profundidade o papel do jornalista como protagonista na construção de narrativas e disseminação de discursos que compõem ou refletem imaginários e identidades culturais.

Referenciais bibliográficas deste capítulo

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. A influência do jornalismo e os jogos olímpicos. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2013.

CONTRERA, Malena. **Do lado de fora do jardim encantado**: comunicação e desencantamento do mundo. Revista da Associação Nacional dos programas de Pós-Graduação em Comunicação. E-compós, Brasília, v.12, n/3, set/dez, 2009. Disponível em: <<http://compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/432/384>>. Acesso em: 24 julh.2014

MAINGUENEAU, Dominique; CHARAUDEAU, Patrick. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2014.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente**: narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

_____. **Ciência e jornalismo**: da herança positivista ao diálogo dos afetos. São Paulo: Summus, 2008.

_____. **Notícia, um produto à venda**: jornalismo na sociedade urbana e industrial. São Paulo: Summus, 1988.

MARTINO, Luis Mauro Sá. **Mídia e poder simbólico**: um ensaio sobre comunicação e campo religioso. São Paulo: Paulus, 2003.

NEVEU, Érik. **Sociologia do jornalismo**. Edições Loyola, São Paulo, 2006.

SANDANO, Carlos Eduardo Santos. **Para além do código digital**: discussões epistemológicas para a prática jornalística na contemporaneidade. Orientadora: Cremilda Celeste de Araújo Medina. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). São Paulo: ECA/USP, 2014.

3. A construção do produto midiático

Consideramos o jornalista como o ator protagonista, fundamental na produção das matérias jornalísticas que contêm os elementos simbólicos com base nos quais é possível (re)construir imaginários sobre o Brasil e a Argentina. Por esse motivo, entendemos como relevante uma reflexão sobre o fazer jornalístico. Esse segmento da tese adquiriu maior importância a partir da leitura das reflexões de Medina (2008), na qual a autora levanta a questão de que na atividade jornalística cabe não apenas a produção, respeitando a objetividade tecnicista, mas também há espaço à subjetividade e à criatividade. Assim, compreendemos que o desafio da prática jornalística da contemporaneidade é justamente aliar a lógica intuitiva com a lógica da técnica, para, dessa forma, contemplar a complexidade e as demandas da sociedade hodierna.

Sandano (2014) ressalta que o jornalismo não deve deixar de abordar de modo preciso e crível seus relatos. Para isso, a nosso ver e também como pondera Sandano, as técnicas jornalísticas são responsáveis por diferenciar as matérias jornalísticas de relatos amadores. O referido autor assevera que a objetividade técnica não é suficiente para sustentar a prática jornalística de hoje. Para ele, cabe ao jornalista o desenvolvimento da capacidade de ler e interpretar o mundo estando aberto ao diferente, valorizando o diálogo social e o diálogo transdisciplinar. Para Sandano (2014, p.200), “[...] busca-se a descrição do mundo que aumente em grau máximo a solidariedade e o ‘estar afeto a’ nas relações humanas”.

Assim, quando o jornalista transcende a simples técnica e busca se abrir ao diferente, tece suas narrativas também com a sensibilidade intuitiva. É justamente nesse momento que emergem suas marcas autorais no discurso contido nas matérias jornalísticas.

É no momento em que as narrativas jornalísticas são tecidas com as marcas autorais, aliando a técnica à sensibilidade do autor, que o jornalismo atende às demandas sociais. É dessa maneira que o jornalismo cumpre sua responsabilidade de levar à instância de recepção a pluralidade complexa na qual estamos inseridos.

[...] é necessário deixar de entendê-lo como uma prática objetiva que espelha o real ou que constrói uma representação mais fiel possível da realidade factual [...] para reescrevê-lo como uma estratégia comunicativa que interpreta diferentes visões de mundo e coloca-as em dialogia dentro de um espaço público de conversação [...] (SANDANO, 2014, p.136).

Sandano aborda a necessidade de se pensar e praticar o jornalismo considerando-o um elemento que pode fazer pulsar a sociedade, capaz de colocar em diálogo as diferentes visões do mundo e não apenas uma verdade única, construída, fria.

Segundo Medina (2003, p.92), “o jornalismo, na comunicação social, faz da narrativa da atualidade a sua matéria-prima”. Compreendemos aqui que o jornalismo praticado na contemporaneidade deve colocar também em dialogia, no espaço público, as cenas ordinárias, dos anônimos, dos cidadãos comuns. Trata-se de uma prática mais ampla, que atende a realidade de uma sociedade complexa, cada vez mais interconecta via redes digitais.

Por esse motivo, Medina (2003, p.48), afirma que “[...] a narrativa que por aí passa frequentemente deixa os consumidores, fruidores ou parceiros do caos contemporâneo, frustrados com o universo simbólico tal qual o organizam as coberturas jornalísticas”.

Além dessa possível frustração por parte da instância de recepção, Medina também sublinha que há uma insatisfação que emerge dos próprios profissionais envolvidos, aqueles “[...] mais sensíveis diante das rotinas técnicas que comandam a produção de significados nas empresas, instituições e grupos organizados das sociedades contemporâneas” (*ibid*, 2003, p.48).

Para refletirmos mais sobre a atividade jornalística, novamente usamos a licença da metáfora para compreender melhor a instância da construção do produto midiático. Consideramos esse lugar de construção como um canteiro de obras. Nele há a realização artesã daquilo que foi pensado pela empresa, por diretores, editores, chefes de redação e jornalistas. Assim, como no canteiro de obras os profissionais – como, por exemplo, o

pedreiro, pintor, eletricista, entre outros - dão vida ao que foi projetado, é na instância da construção do produto midiático que o jornalista, como um artesão, efetivamente tece o produto jornalístico.

É nesse momento e nesse lugar que, segundo Charaudeau (2013, p.28), “[...] o discurso se configura em texto, segundo uma certa organização semidiscursiva feita de combinação de formas, umas pertencentes ao sistema verbal, outras a diferentes sistemas semiológicos: icônico, gráfico, gestual [...]”.

É também nesse lugar que são impregnadas no produto as marcas do posicionamento das empresas de mídia em relação tanto aos concorrentes, como às questões sociais, culturais, políticas e econômicas. Martino (2003, p.64) afirma que é, via de regra, no editorial que uma empresa jornalística expressa essa opinião, é o local onde há a materialização evidente dessa voz da empresa. “Em sua definição mais simples, o editorial representa a opinião da empresa produtora do jornal [...] o editorial representa os interesses imediatos da empresa que o produz [...]”.

Sobre a lógica da técnica na produção jornalística, observamos sua materialização em normatividades como a pirâmide invertida e o *lead* jornalístico, como explica Neveu (2006, p.108):

O modelo americano-inglês do jornalismo institucionaliza pouco a pouco um conjunto de regras de escrita, interiorizadas pelos jornalistas e controladas pelos editores chefes. Trata-se da objetividade como reivindicação de um texto verídico e neutro, de fatos, e da separação do fato do comentário. A regra dos cinco *W* (*who?what?when?where?why?* - Que? O quê? Quando? Onde? Por quê?) determina os conteúdos obrigatórios de toda reportagem. A norma chamada pirâmide invertida exige que o essencial da informação seja condensado no lead, parágrafo de entrada, e que venham em seguida os detalhes e explicitações.

Para Vicchiatti (2005, p.28), quando o jornalista utiliza apenas as técnicas, como as descritas acima, preocupando-se apenas em transmitir informação ao público, deixa de exercer uma das principais funções do próprio jornalismo, que é a de “informar e

formar opinião de modo a estimular o senso crítico das pessoas”. Assim, quando a produção jornalística fica subordinada somente a um conjunto de normas técnicas, tende a desconsiderar que “um indivíduo dotado de senso crítico possui capacidade de analisar e discernir problemas de forma inteligente e racional, sem aceitar automaticamente opiniões alheias” (*ibid*, 2005, p.28).

Não queremos com essa afirmação considerar que o uso da técnica no jornalismo seja algo negativo. Pelo contrário, nossa proposta é conciliá-la também com o uso dos sentidos e da intuição, a fim de permitir ampla dialogia, polifonia e polissemia na produção jornalística.

3.1 O artesão: um debate sobre o papel do jornalista

Encontramos alguns possíveis motivos pelos quais o uso da lógica tecnicista, em detrimento da sensibilidade do jornalista, é um fato presente em diversas redações. Elencamos aqui dois fatores: (i) a influência do lugar de produção e (ii) a busca sistemática pela manutenção da imagem de credibilidade do veículo.

Sobre a influência do lugar de produção, Bourdieu (1997) aponta um elemento que pode ilustrar uma possível dificuldade de os jornalistas irem além da técnica em suas práticas. Para ele, é no processo de produção que os jornalistas tendem a se defrontar, consciente ou inconscientemente, com um tipo de autocensura.

Como há, desde o final do século XX até o momento no qual estamos concluindo esta pesquisa, número maior de profissionais do que vagas nos veículos, parece-nos que muitos jornalistas tendem ao conformismo, no sentido de acatarem a angulação proposta, ou o discurso colocado na mesa pelos dirigentes e por outros atores estratégicos da instância da arquitetura do produto midiático.

Nasce aqui a hipótese de que se o jornalista sente certo grau de insegurança em relação ao seu ganha pão, motivo pelo qual evita questionar seus superiores e introduzir

novas práticas. Notícias de demissões de jornalistas não são raras em diversos locais do planeta. Para comprovar tal hipótese precisaríamos de uma pesquisa específica, por se tratar de um assunto muito amplo. No entanto, esse é um tópico importante que não poderia ficar ausente em nossa reflexão.

Como exemplo dessas incertezas quanto à empregabilidade dos jornalistas, nos debruçamos sobre alguns dados mundiais. Em fevereiro de 2013, os jornalistas da BBC¹² entraram em greve para protestar contra o plano da empresa de cortar dois mil postos de trabalho. Nos Estados Unidos, em outubro de 2014, o jornal The New York Times¹³ demitiu mais de 100 profissionais, 7,5% do seu quadro de jornalistas. Já na Argentina, o *Foro de Periodismo Argentino*¹⁴, de dezembro de 2013, condenou a série de demissões em massa nos meios de comunicação do país.

No Brasil, dados como esses também são publicados. Em 2012, de acordo com levantamento do portal Comunique-se¹⁵, mais de mil jornalistas foram demitidos no Brasil. No ano de 2013, o cenário de demissões continuou em crescimento. No mês de agosto, a Editora Abril¹⁶, fechou 4 revistas, 1 portal e demitiu mais de 150 funcionários.

De acordo com o site Observatório da Imprensa¹⁷, em 2013, a tiragem de exemplares impressos de produtos da Editora Abril e da Editora Globo tiveram quedas significativas. No caso da Editora Abril, entre os 23 títulos de revistas, apenas 5 apresentaram crescimento entre 2010 e 2013. Os demais títulos tiveram quedas

¹²<<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/02/jornalistas-da-bbc-iniciam-greve-em-protesto-contrademissoes-forçadas.html>>. Acesso em: 26 out. 2014.

¹³<http://ansabrasil.com.br/brasil/noticias/mundo/noticias/2014/10/01/100-jornalistas-serao-demitidos-pelo-New-York-Times_8085250.html>. Acesso em: 26 out. 2014.

¹⁴<<https://knightcenter.utexas.edu/pt-br/blog/00-14977-organizacao-argentina-critica-demissoes-em-massa-de-jornalistas-por-todo-o-pais>>. Acesso em: 26 out. 2014.

¹⁵<<http://jornalggm.com.br/blog/luissnassif/mais-de-mil-jornalistas-foram-demitidos-em-2012>>. Acesso em: 26 out. 2014.

¹⁶<<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2013/08/1320324-editora-abril-vai-fechar-4-revistas-um-portal-e-demitir-150-pessoas.shtml>>. Acesso em: 26 out. 2014.

¹⁷<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/circulacao_das_revistas_em_queda>. Acesso em: 26 out. 2014.

significativas em tiragem e circulação. No caso da Editora Globo, no mesmo período, a revista Época experimentou uma queda de 4,5% na circulação; a revista feminina Marie Claire, 11,4%; a Galileu, uma queda de 15%, e a revista Quem teve uma queda de 24,5% na circulação.

No ano de 2014, o jornal Lance!¹⁸ demitiu 30 jornalistas no Rio de Janeiro, diminuindo para a metade o seu quadro. Os cortes de jornalistas não se restringem aos meios impressos. O Portal Terra¹⁹ anunciou, em agosto de 2014, o corte de metade dos jornalistas em seu quadro de funcionários.

Entendemos que essa crise, ilustrada pelos dados acima, não tem como origem, essencialmente, a necessidade de se repensar o fazer diário do jornalista. A falta de oportunidades de emprego e/ou a instabilidade que alguns jornalistas vivem em suas redações podem inibir a primavera do uso da sensibilidade, da dialogia jornalística sem desprezo às boas práticas tecnicistas.

Ao mesmo tempo em que a baixa demanda por profissionais no lugar de produção gera uma tendência para a execução da prática jornalística dentro de uma zona de segurança, o papel dos jornalistas tende a se limitar à transmissão dos fatos da maneira mais objetiva possível.

Além da velocidade na transmissão e produção das matérias jornalísticas, que aumentam na medida em que a tecnologia garante a quase instantaneidade do tráfego de informações; o veículo de comunicação pode, facilmente, cair em armadilhas contra sua própria reputação. Um furo jornalístico pode levar a veiculação prematura de alguma informação sem a checagem e apuração necessárias. Isso pode representar um abalo muito sério à credibilidade da empresa de mídia. O risco da perda de credibilidade impõe ainda mais pressão ao fazer diário do jornalista.

¹⁸<<http://jornalistas.org.br/index.php/lance-demite-30-jornalistas-e-redacao-do-rio-cai-a-quase-metade/>>. Acesso em: 26 out. 2014.

¹⁹<<http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/noticias/2014/08/13/Terra-teria-demitido-metade-do-editorial.html>>. Acesso em: 26 out. 2014.

Assim, tal objetividade tecnicista faz com que o jornalista se coloque, segundo Charaudeau (2013, p.78), “[...] como simples fornecedor de informação, simples mediador entre os acontecimentos do mundo e sua encenação pública [...]”. Dessa forma, a nosso ver, há uma série de limitações para que o jornalista repense suas práticas no mercado de trabalho.

Por isso, acreditamos que a academia é uma das instâncias de transformação, lugar no qual devemos encontrar um espaço maior à reflexão sobre a produção das matérias jornalísticas. Entendemos que tal reflexão pode acontecer em qualquer lugar, dentro das redações, no dia a dia do jornalista, mas ressaltamos a academia por sua importante função de formar o novo profissional.

Para Moraes Júnior (2013), tanto o jornalista como a imprensa, assumem um papel de protagonismo quanto ao florescimento de uma reflexão crítica na sociedade. Além disso, o autor ressalta que, em função desse papel na sociedade, a formação do jornalista deve estimular uma reflexão contínua sobre as próprias práticas.

O jornalista deve ser um profissional responsável que fornece ao público as condições – a notícia – para o florescimento da crítica. Reajustado à cidadania do século XXI, o jornalismo investe no empoderamento do cidadão, incorporando seu referencial pragmático de intencionalidade. Esse referencial é desenvolvido não apenas no conjunto dos valores da sociedade, mas também pode – e deve – ser instrumentalizado na formação profissional do jornalista. Intencionalmente cabe à imprensa pautar as discussões de relevância social e de interesse público. Compete a ela informar, mediar e transmitir a informação para que os acontecimentos sejam captados pelo público da notícia, o homem comum (*ibid*, 2013, p.69).

Para Moraes Júnior (2013, p.116) formar jornalistas é “[...] mais que propiciar-lhes o domínio das técnicas da profissão [...]”. Para o autor, há a necessidade de “[...] um esforço permanente por compreender o mundo e respeitar seus cidadãos em sua individualidade e pluralidade [...]”. Relacionamos essa contribuição de Moraes Júnior com a de Medina (2008), quando ressalta a importância da valorização do diálogo plural

na prática jornalística. Entendemos que é cada vez mais urgente refletir sobre o papel, a formação e a prática do jornalista na contemporaneidade.

Ao que parece, a maioria das escolas de jornalismo está sintonizada com um modelo educacional que valoriza a técnica, em troca da valorização da sensibilidade, da intuição criativa e do humano. Como observa Medina (2003, p.36):

As técnicas de trabalho – as que informam o aprendiz de jornalismo – pecam por esquematismo tanto no que se refere às decisões éticas quanto à inventividade estética. Aplica-se o modelo mental quem, o quê, quando, onde, como e por quê, equaciona-se a notícia por um *lead* sumário (abertura da matéria jornalística) e narra-se um fragmento da história por meio da pirâmide invertida. Aparentemente esta técnica (e suas variantes próximas), já impregnada na memória profissional, é um sucesso histórico a partir do século XIX. Estão aí as agências de notícias internacionais que consagraram as fórmulas.

Assim, acreditamos que a universidade, durante a formação do jornalista, pode lapidar o futuro profissional para, de acordo com Sandano (2014, p.191), agregar-lhe qualificação cognitiva, e motivar sua “[...] capacidade de contextualizar as informações; de tomar decisões no cenário de conflitos; fomentar o diálogo e não apenas mediar ou realizar a curadoria do ambiente informativo”.

Dessa maneira, o jornalista passa a imprimir sua marca autoral em sua produção. Acompanhando a literatura acima referida, acreditamos que o ideal seja que o jornalista atue como um artesão, que imprime sua identidade e seu estilo em sua obra e que, por esse mesmo motivo, assume as responsabilidades decorrentes da sua produção autoral.

Se por um lado na formação do jornalista há espaço para a reflexão, ainda há também “[...] a aposta na objetividade da informação, seu realismo positivo, a afirmação de dados concretos de determinado fenômeno, a precisão da linguagem [...]”, como afirma Medina (2008, p.25). Tanto na academia, com no ambiente profissional, há uma necessidade urgente de se refletir sobre as práticas, conforme ressalta Medina (2014, p.77):

[...] quando o jornalista se aproxima curioso do sujeito, permeável à incerteza, se flagra desarmado de ferramentas para extrair declarações predeterminadas. Não sabe, ensaia compreender. Sujeito e sujeito (não, objeto) deparam em iguais condições, desfaz-se a hierarquia entre a pergunta e a resposta. Inicia-se um processo de troca confiante em que ambos se alteram.

Assim, quando o jornalista profissional, ou um estudante, consegue aliar as técnicas oriundas dos livros didáticos e/ou manuais de redação, com uma relação aberta, desarmada perante suas fontes, nasce uma situação de troca, capaz de gerar uma visão mais complexa dos eventos cotidianos.

3.2 O artesão-mediador social da realidade

O jornalista é aquele que deve atuar como um artesão-mediador, que consegue, de modo mais profundo, articular, traduzir e organizar as vozes da sociedade. A importância desse artesão-mediador social ganha força ao observarmos sua capacidade de gerar, conforme afirmou Sandano (2014, p.29), um “[...] diálogo mais amplo de diferentes áreas do conhecimento com os valores sociais da contemporaneidade [...]”. Ao se informar para informar, o mediador passa a empoderar a instância da recepção, a própria sociedade, rumo à busca da organização, individual ou comunitária, do caos contemporâneo.

Entendemos que a mediação social da realidade, entre a informação, os fatos, o jornalista e a sociedade, emerge de um processo dialógico. Medina (2014, p.77) esclarece que essa mediação é composta pelo diálogo entre o jornalista e as fontes e, entre o produto jornalístico e a instância da recepção, por isso, partimos do pressuposto de que “[...] o jornalista é um leitor cultural”. Dessa forma, o processo da leitura cultural é constituído pela relação entre o leitor-jornalista e aquele que é lido-fonte. O jornalista passa a assumir o papel de ator fundamental para compreender e traduzir as matérias jornalísticas.

Desenvolve-se assim um processo dialógico que, para gerar um produto midiático capaz de empoderar a instância da recepção com narrativas que contribuam à organização do caos, depende de uma prática jornalística que, além da técnica, necessita da sensibilidade do jornalista para compreender aquilo que suas fontes podem fornecer.

Vicchiatti cita como a entrevista, por exemplo, pode deixar de cumprir o seu papel dialógico entre o repórter e a fonte:

Sabe-se, no meio jornalístico, que às vezes a entrevista – essa forma primordial de captação de informações – é organizada de tal modo a forçar o entrevistado a dizer o que previamente se deseja, não o que poderia nascer de um diálogo verdadeiramente interativo entre fonte e repórter. Sabe-se o quanto a entrevista pode ser construída como um relato espetaculoso, calcado em estratégias que beiram o pitoresco,

camuflado a compreensão mais ampla do significado dos fatos e de seu entorno, quando não são distorcidas as respostas dos entrevistados. Para utilizar um termo em voga nas fronteiras de vanguarda da filosofia da ciência, a mentalidade gestora da ação jornalística convencional continua aderindo ao pensamento simples para explicar a realidade contemporânea, que é profundamente complexa (2005, p.24).

Por esses motivos, os jornalistas precisam compreender o seu papel de leitor cultural, capaz de contribuir para a “[...] melhoria da qualidade de vida de sua comunidade e, acima de tudo, cumprindo com seu papel social: informar, com efetiva responsabilidade” (*ibid*, p.106).

O jornalista que atua como um artesão-mediador não é somente um executor técnico, no sentido mais amplo da prática profissional. Trata-se de um profissional que opta por estabelecer relacionamentos com grupos, ou com uma fonte específica, com os quais o diálogo é estabelecido sempre como jornalista-sujeito e fonte-sujeito, diferentemente da relação meramente técnica jornalista-sujeito, fonte-objeto. Ressaltamos que a intervenção autoral é limitada pela natureza da matéria. Aquelas do dia-a-dia, como trânsito ou temperatura, dificilmente terão essas características.

Quando ressaltamos que tanto o jornalista, como a fonte, são sujeitos, queremos dizer que há um diálogo entre pessoas. Há o pressuposto de que os dois lados estão abertos para uma conversa além da planejada em uma reunião de pauta. Para o jornalista, cabe a sensibilidade de deixar a fonte à vontade, perceber seus gestos, seus silêncios e até sua ansiedade. Desse modo, a fonte deixa de ser um objeto e passa a ser um sujeito em uma relação de diálogo com o jornalista.

É preciso que o jornalista crie a possibilidade do diálogo entre os atores envolvidos no processo de produção da matéria jornalística. O jornalista-artesão mediador social passa a, de acordo com Sandano (2014, p.99), “[...] assumir a responsabilidade como um sujeito consciente que se reconhece como autor de seus atos e entende as consequências sociais de seu trabalho [...]”.

Ao se relacionar com a fonte considerando-a como um sujeito- e não como um objeto - igualmente sensível, com suas particularidades individuais; ao conduzir esse relacionamento rumo a um diálogo aberto, sem a frieza técnica que o crachá de jornalista pode justificar; o artesão-jornalista-mediador social consegue realizar o processo dialógico, a que Medina (2014, p.77) se refere:

[...] o jornalista é um leitor cultural. Cada encontro com o Outro é um aprendizado, uma leitura surpreendente do mundo que nos cerca. Mas também quem depara com esse leitor cultural que sente, observa e escuta se abre à autodescoberta, porque se entrega por inteiro, sem a máscara declaratória da tradicional fonte de informação. Realiza-se o ato dialógico. A experiência de vida substitui a encenação jornalística e o caos da condição humana se organiza numa narrativa de coautoria,

Dessa forma, emerge, além da técnica, a interação humana, que pode direcionar esse relacionamento jornalista-fonte para rumos diferentes do planejado. Surge, então, a necessidade de “[...] abrir os poros da sensibilidade para que os impulsos afetuosos da não razão sacudam a irracionalidade ou a razão arrogante”, como complementa Medina (2014, p.44).

Concordamos com Medina quando enfatiza a importância dos sinais que o corpo transmite, como os gestos e os silêncios, quando dá voz à sensibilidade humana no fazer jornalístico. A valorização do envolvimento emocional, sensível, por parte do jornalista para com a produção das narrativas. Para Sandano (2014, p.30), refletir sobre esses aspectos é discutir o próprio valor do jornalismo:

[...] é o momento para ir além da técnica e discutir os valores que o Jornalismo pode servir. Entende-se assim que para superar o relato construído desde um entendimento unidimensional da realidade – que é em certa parte moldado por valores, assumidos como universais no momento da ação (a prática jornalística) – o profissional necessita de um aparato que transcende a técnica, incluindo a formação humanística que possibilite a relação dialógica (signo de afetos), a consciência crítica das consequências de suas ações [...] e uma decisão sobre o significado de sua prática que o leva a assumir a responsabilidade sobre os dois itens precedentes.

Para aumentar esse desafio, Martino (2003) pontua que, na grande imprensa, a prerrogativa de expor a opinião está limitada a um grupo estreito de agentes: jornalistas especializados e/ou com o prestígio profissional devido e publicamente reconhecido e, especialistas em certas áreas do conhecimento. Esse círculo tão estreito pode dificultar o trabalho do jornalista-artesão ao tecer seu produto midiático acrescentar nesse produto suas marcas autorais, sensíveis e criativas.

Essa questão levantada por Martino compreende um debate, que não podemos desconsiderar, sobre a autonomia do jornalista nas redações. É sobre essa autonomia que Sandano reflete e que chamou de subjetividade plural:

A autonomia interna do jornalista, ou seja, a autonomia de produção jornalística dentro da redação, é o que garante a subjetividade plural e torna tanto a atividade quanto a reflexão crítica sobre sua prática um espaço dialógico. Isso não elimina a deontologia do jornalismo, mas amplia o debate para o campo epistemológico (SANDANO, 2014, p.65).

Apesar da pequena amostra que analisamos no Capítulo 5 desta tese, identificamos que as matérias jornalísticas que apresentam as marcas autorais e a sensibilidade do jornalista, conseguem expor elementos culturais arquetípicos e osmotípicos, importantes para a construção e reconstrução das identidades individuais e coletivas.

Mesmo com diversas dificuldades, como a da autonomia do profissional, imposta pelo formato empresarial e editorial, entendemos que o jornalista deve trabalhar como um artesão que ocupa o lugar de mediador social da realidade. Por isso, ressaltamos a urgência de se refletir diuturnamente sobre suas práticas profissionais e seu papel na sociedade.

Referenciais bibliográficos deste capítulo

BARTHES, Roland. et al.. **Análise estrutural da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 1971.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**: A influência do jornalismo e os jogos olímpicos. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial: 2006.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2013.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Comunicação & identidade**: quem você pensa que é?. São Paulo: Paulus, 2010.

_____. **Mídia e poder simbólico**: um ensaio sobre comunicação e campo religioso. São Paulo: Paulus, 2003.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente**: narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

_____. **Atravessagem**: reflexos e reflexões na memória de repórter. São Paulo: Summus, 2014.

_____. **Ciência e jornalismo**: da herança positivista ao diálogo dos afetos. São Paulo: Summus, 2008

_____. **Notícia, um produto à venda**: jornalismo na sociedade urbana e industrial. São Paulo: Summus, 1988.

MORAES JÚNIOR, Enio. **Formação de jornalistas**: elementos para uma pedagogia de ensino do interesse público. São Paulo: Annablume, 2013.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

_____. **Narratologia, teoria e análise narrativa**. Brasília: Casa das Musas, 2005.

NEVEU, Érik. **Sociologia do jornalismo**. Edições Loyola, São Paulo, 2006.

OLIVEIRA DA SILVA, Marconi. **A notícia como narrativa e discurso**. Estudos de jornalismo e mídia. Vol. IV, n.1. Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2200/2053>> Acesso em: 14 agos. 2014.

SANDANO, Carlos Eduardo Santos. **Para além do código digital**: discussões epistemológicas para a prática jornalística na contemporaneidade. Orientadora: Cremilda Celeste de Araújo Medina. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). São Paulo: ECA/USP, 2014.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. 2a.ed.. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1970.

VICCHIATTI, Carlos Alberto. **Jornalismo**: comunicação, literatura e compromisso social. São Paulo: Paulus, 2005.

4. Ponderações sobre as relações entre o Brasil e a Argentina

Buscamos aqui realizar uma breve revisão de aspectos históricos de eventos que marcaram as relações entre o Brasil e a Argentina. Essas relações, construídas ao longo de mais de cinco séculos, não podem ser suficientemente exploradas nos estreitos limites desta pesquisa. Pretendemos aqui, apenas contextualizá-las, de modo singelo, a partir da revisão bibliográfica. Durante a seleção do *corpus* observamos que fatos históricos dos dois países emergem em diversas matérias jornalísticas. Por isso, incluímos neste segmento da tese conteúdo jornalístico que aborda, de alguma maneira, a relação histórica entre os dois países. Não faremos a análise em profundidade das matérias citadas neste capítulo. O objetivo é apenas realizar um resgate histórico.

Como já dissemos, partimos do pressuposto que o processo de integração da América Latina se dá com o fortalecimento dos laços políticos, sociais, econômicos e culturais. Assim, a interpretação das matérias jornalísticas veiculadas na região depende de uma contextualização de aspectos históricos a respeito da evolução do relacionamento entre os dois países estudados. Essa abordagem é essencial para que possa ser realizada a leitura cultural das matérias jornalísticas propostas nesta tese ou, quando for o caso, a análise de discurso propriamente dita.

A relação entre os dois Estados é marcada, historicamente, por momentos de tensão e de cooperação. De acordo com Lafer (2001), a rivalidade entre as - até então superpotências - coroas portuguesa e espanhola foi projetada desde o princípio na bacia do rio do Prata. Assim, é possível encontrar, no estudo da história dos dois Estados, aspectos de rivalidade e cooperação desde a assinatura do Tratado de Tordesilhas, em 1494, envolvendo o Reino de Portugal e o Reino da Espanha.

Para Marques, Creuz e Driusso (2010), foi na bacia do Prata que começou a ser forjada, na primeira metade do século XIX, a ideia de que quem a dominasse, conquistaria o coração da América do Sul. Logo, o Brasil e a Argentina, como protagonistas econômicos, políticos e militares da região, passaram a disputar o papel principal. A rivalidade deixa de ser apenas um reflexo das dissidências entre as coroas

de outrora. Como exemplo, ressaltamos a relação entre as duas nações após a eclosão da guerra do Paraguai, que ocorreu entre os anos de 1864 até 1870. Mesmo com a economia do Brasil e da Argentina não competindo e com a aliança neste conflito, as relações caracterizaram-se cada vez mais por forte antagonismo. Para Bandeira (2010), as tensões e crises eram constantes e, igualmente, os esforços para o entendimento, no sentido de afastar o fantasma da ameaça de um conflito armado.

O referido autor também afirma que a partir da década de 1890, inúmeras provocações, dos dois lados, acirraram o clima de rivalidade rumo à possível eclosão de um conflito armado. Com o provável intuito de promover propaganda negativa do Brasil e desviar imigrantes à Argentina, o governo de Buenos Aires impunha, periodicamente, quarentena aos navios precedentes do Brasil, devido à ocorrência de febre amarela, cólera e outras doenças. Do outro lado, o governo do Rio de Janeiro interditou a entrada de produtos animais da Argentina, com o pretexto da peste bubônica. Além disso, o Brasil fechou os portos para viajantes oriundos da Argentina, impondo uma quarentena de vinte dias. Tal atitude teve como pano de fundo o empreendimento de uma guerra comercial contra os portenhos.

Já no início do século XX os momentos de tensão foram motivados pelo aumento do poderio bélico dos dois vizinhos. Para Marques, Creuz e Driusso (2010), a concentração de quartéis e força militar nos dois lados da fronteira passou a nutrir essa sensação de antagonismo.

Bandeira (2010) ressalta também que o antagonismo entre os vizinhos foi utilizado por outros países com a intenção de fomentar a corrida armamentista. Assim, provocar um estado de conflito armado era vantajoso para os fabricantes de materiais bélicos. Tais quais a Krupp; da Alemanha, Schneider-Creusot; da França e Vickers-Armstrong; da Grã-Bretanha, além de outras. O autor ainda expõe que em 1908 a Argentina anunciou que sua Marinha faria demonstrações ao longo das costas do Brasil. Fato que o governo brasileiro entendeu como provocação. Desta forma, as relações com a Argentina se deterioraram ainda mais e a guerra com o Brasil esteve novamente a ponto de irromper.

Somente na década de 1980, com a redemocratização nos dois países, que uma relação bilateral de apaziguamento teve início. De acordo com Marques, Creuz e Driusso (2010, p.39) “[...] um elemento interno relevante para o apaziguamento das relações entre Brasil e Argentina: a redemocratização, que remeteu à posse de Alfonsín na Argentina em 1983 e de Sarney no Brasil em 1985”. Assim, para Candeas (2010), foi possível a superação progressiva da rivalidade pela lógica da amizade e integração.

Para entendermos melhor como se deu essa relação de apaziguamento citada por Candeas, procuramos matérias jornalísticas, dos dois países, que resgatem eventos históricos relativos a esses Estados vizinhos, no período anterior e posterior à redemocratização. Ressaltamos novamente que aqui não faremos uma análise dos discursos, ou leitura cultural, tais análises estão presentes no Capítulo 5 desta pesquisa em outras matérias jornalísticas selecionadas como *corpus*.

O jornalista argentino, Ariel Palácios, radicado no Brasil e colunista de O Estado de São Paulo, cita sobre as crises durante e após o período da ditadura na Argentina, em artigo publicado sob o título de – Um país e sua história de crises²⁰. Além de citar os momentos de crise econômica, o jornalista aponta o papel de destaque que a Argentina ocupou na região, do ponto de vista social e econômico, e em como tais crises foram a força motriz rumo à queda nos dados que ilustravam tal excelência. Eis um trecho do artigo referido:

Há 40 anos, a Argentina ainda ostentava a imagem de ser "uma parte da Europa na América do Sul". Seu padrão de vida estava entre os melhores do planeta, exibia a menor pobreza da América Latina, os melhores índices de alfabetização e industrialização da região, enquanto seus habitantes se orgulhavam de ser um "paraíso da classe média" e ufanavam-se de terem sido os pioneiros na energia nuclear no Hemisfério Sul. Porém, os golpes militares eram parte do cotidiano, as empresas começavam a exibir sinais de falta de renovação tecnológica e os conflitos sindicais eram constantes. Um ano depois o país teve o primeiro grande ajuste econômico, "El Rodrigazo". E nunca mais foi o mesmo. De 1975 até este ano a Argentina padecia de seis graves crises econômicas, sem contabilizar as de médias e pequenas dimensões. De lá para cá, o país foi governado por 19 presidentes, entre militares, civis (nestes, incluindo os provisórios). Nestas quase quatro décadas passaram pela pasta da Economia 33 ministros, enquanto o Banco Central - sem autonomia real - teve 33 presidentes.

²⁰PALÁCIOS, Ariel. **Um país e sua história de crises**. O Estado de S. Paulo. 10. maio.2014. Caderno Economia. Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,um-pais-e-sua-historia-de-crisis,184408e>> Acesso em: 6 jan. 2015.

No trecho abaixo, o jornalista Vinícius Mota, da Folha de S. Paulo, no artigo com título: Por uma cabeça²¹, também relata o cenário econômico argentino comparando com o brasileiro durante a década de 1980 e como a economia da Argentina sofreu uma queda se comparada com a brasileira. Observamos que o jornalista expõe dados econômicos históricos e ressalta a importância política sobre tais eventos.

Para quem gosta de alimentar a competição entre brasileiros e argentinos, vai uma dica. Foi-se o tempo em que a renda per capita brasileira, medida em dólares, era uma pequena fração comparada à argentina. Em 1983, quando o vizinho do sul saiu da ditadura, o PIB por habitante no Brasil não chegava a um terço do argentino. Três décadas depois, estamos a cinco pontos percentuais da igualdade. Por uma cabeça, como diz o tango de Carlos Gardel [...]

Para cada US\$ 100 produzidos no Brasil hoje, a Argentina faz apenas US\$ 22 contra US\$ 71 há 30 anos. O desempenho do Brasil no período foi apenas razoável. Foi a Argentina que afundou, e as explicações sobre esse desastre nacional convergem para a política.

Os jornalistas argentinos também discorrem sobre o cenário político e social vivido no Brasil antes e depois da ditadura militar. Um exemplo disso é a coluna de Ezequiel Fernández Moeres, com o título de *Medio siglo en Brasil*²², no jornal La Nacion. Na coluna, o jornalista argentino expõe detalhes sobre as torturas e o horror vivido pela sociedade brasileira durante a ditadura militar. A partir do depoimento da escritora e jornalista brasileira Eliane Brum, o jornalista argentino tece em seu texto uma crítica aos brasileiros que foram às ruas em 2014 reivindicar a volta do governo militar no Brasil. Trata-se de uma coluna veiculada em um jornal argentino que aborda em detalhes as particularidades vividas pela sociedade brasileira.

La última protesta política de diciembre incluyó a ciudadanos furiosos por la reelección de Dilma. Pedían la vuelta de los militares que derrocaron en 1964 al presidente Joao Goulart y permanecieron 21 años en el poder. Medio siglo más tarde, en el mismo año del Mundial y de

²¹MOTA, Vinícius. **Por uma cabeça**. Folha de S.Paulo. 17.fevereiro.2014. Caderno Opinião. Disponível em: <<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/152570-por-uma-cabeca.shtml>>. Acesso em: 12.dez. 2014.

²²MOORES, Ezequiel Fernández. **Medio siglo en Brasil**. La Nacion. 31.dezembro.2014. La Nacion. Disponível em: <<http://www.lanacion.com.ar/1756448-medio-siglo-en-brasil>>. Acesso em: 10. jan. 2015.

las elecciones, los crímenes de la dictadura brasileña (1964-85) tuvieron por fin dictamen oficial. Y el fútbol, dicen los documentos de la Comisión Nacional de la Verdad (CNV), tampoco quedó a salvo.

La escritora Eliane Brum cuenta el horror a través de los testimonios de los que entonces eran niños. De Ernesto Carlos Dias do Nascimento, dos años y tres meses, a quien simulaban torturarlo para hacer hablar a su padre, que estaba a metros de él, colgado de una barra de hierro, cabeza abajo, sufriendo golpes y descargas eléctricas. De Angela Telma de Oliveira, tres años y medio, que todavía recuerda hasta cómo estaba vestido su padre cuando lo ejecutaron delante de ella. O de Joao Carlos Schmidt de Almeida Grabois y Carlos Alexandre Acevedo, nacidos en cautiverio, en medio de torturas y amenazas, suicidados ambos en 2013. Brum se pregunta cómo puede ser que haya brasileños que reclamen la vuelta de los militares. Son nostálgicos de las famosas "Marchas de la Familia con Dios y por la Libertad" que pidieron el golpe de 1964 invocando "la amenaza comunista", y que fueron apoyadas por empresarios, Sociedad Rural e Iglesia Católica. Y también por la prensa.

Encontramos em um artigo jornalístico, *Gaúcho não tem salvação*²³, assinado por Celso Ming, de O Estado de S. Paulo, um exemplo de aproximação política entre os dois estados a partir da redemocratização de ambos. Nele, o jornalista discorre sobre o projeto de criação de uma moeda comum entre o Brasil e a Argentina, chamada de Gaúcho. Esse exemplo é importante para compreendermos a aproximação entre os dois Estados a partir da redemocratização.

Em 1987, por exemplo, o presidente José Sarney chegou a assinar um protocolo de intenções com o então presidente da Argentina, Raúl Alfonsín, que previa a criação de uma moeda comum. Até um nome oficial tinha a criatura: gaúcho.

Nunca rolou e não vai ser agora que vai rolar. Começa pelo problema de que a moeda comum não serviria para exercer uma das principais funções clássicas de qualquer moeda, a de unidade de medida. Embora pudessem ser liquidadas em moedas nacionais, exportações e importações entre os dois países continuariam sendo dimensionadas em dólares.

Essa tentativa de acordo coaduna com a afirmação de Marques, Creuz e Driusso (2010) e de Candeas (2010), quando citam que a integração e o apaziguamento entre o Brasil e a Argentina se dá somente a partir da redemocratização da década de 1980.

Ariel Palácios, no mesmo artigo²⁴ já citado, descreve, do ponto de vista econômico, o período da ditadura e após a redemocratização da Argentina. Assim, o

²³MING, Celso. **Gaúcho não tem salvação**. O Estado de S.Paulo. 12.março.2014. Caderno de Economia. Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,gaucho-nao-tem-salvacao-imp-,1139806>> Acesso em: 5.nov. 2014.

jornalista discorre sobre as crises econômicas na Argentina no século XXI, de 2001 até 2013:

Em 2001, quando o então presidente provisório Adolfo Rodríguez Súa decretou o calote da dívida pública com os credores privados, o país devia US\$ 144,5 bilhões. No entanto, apesar das promessas de "desendividamento" do casal Néstor e Cristina Kirchner - que chegaram à Casa Rosada em 2003 - em 2013 a dívida pública acumulada foi recorde, de US\$ 196,143 milhões [...]

O país também é assolado pela inflação, velho fantasma dos argentinos. A alta entre 2003 e 2013, segundo o governo Kirchner, foi de 105,8%. Mas, esse índice oficial é rejeitado por sindicatos, associações empresariais e as principais consultorias econômicas. Em média, os economistas dizem que a inflação real acumulada nesses dez anos superou o dobro, com 220,4%.

Essa relação de cooperação, que emerge a partir da década de 1980, só é compreendida em suas especificidades quando lançamos luz para o fato de que houve, historicamente, momentos de intensa rivalidade política, econômica, militar e, também, no âmbito esportivo.

No âmbito esportivo, especialmente no futebol, é que a diferença, ou a rivalidade, entre os dois países da América Latina é representada constantemente na mídia. Para Brandalise (2011), o futebol participa ativamente do imaginário de brasileiros e argentinos, principalmente na tecitura de suas respectivas identidades nacionais.

O clima de rivalidade esportiva teve início desde os primeiros jogos entre as seleções de futebol do Brasil e da Argentina. No domingo do dia 3 de outubro de 1920, as duas seleções teriam um jogo beneficente em Buenos Aires. Nesse mesmo dia, o jornal portenho *Crítica*, publicou uma coluna do jornalista uruguaio, Antonio Palacio Zino, sob o título de “*Monos en Buenos Aires*”, como citam Palacios e Chacra (2014, p.35):

²⁴PALÁCIOS, Ariel. **Um país e sua história de crises**. O Estado de S. Paulo. 10.maio.2014. Caderno Economia. Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,um-pais-e-sua-historia-de-crisis,184408e>>. Acesso em: 6 jan. 2015.

[...] o jornalista Antonio Palacio Zino, escreveu uma coluna no jornal Crítica de Buenos Aires com o título “Monos en Buenos Aires, isto é, “Macacos em Buenos Aires”. O artigo era ilustrado por uma caricatura do desenhista Diógenes Taborda, que havia representado os brasileiros com símio vestidos com o uniforme de futebol.

Na coluna, o jornalista Zino registrou de modo bem explícito que não apreciava os brasileiros. Como curiosidade, Zino havia sido jogador de futebol pela seleção uruguaia e teve a oportunidade de enfrentar o Brasil em 1919. Para Palacios e Chacra (2014, p.37), “[...] logo no início de seu artigo no jornal argentino: *‘Ya están los macaquitos en tierra argentina’*. Isto é, já estão os *‘macaquitos’* [...] em terra argentina”. As ofensas aos jogadores brasileiros não pararam por aí, o jornalista ainda continuou em tom racista, “[...] *Esta tarde teremos que ligar as luzes para vê-los*”. No resto do artigo, Zino ressalta a *‘glória’* da raça americana (isto é, a mestiçagem entre espanhóis e indígenas)”.

Abaixo a ilustração²⁵ da coluna, assinada pelo desenhista Diógenes Taborda:

²⁵MONTEIRO, Marcelo. **As grandes polêmicas de Brasil e Argentina**. GloboEsporte.com. Disponível em <<http://globoesporte.globo.com/platb/memoriaec/2009/09/04/as-grandes-polemicas-de-brasil-x-argentina/>>. Acesso em: 29 out. 2014.

Figura 1: Matéria publicada no jornal Crítica, assinada pelo desenhista Diógenes Taborda.

A coluna repercutiu rapidamente. Houve uma grande chuva no dia da partida e, por esse motivo, a partida foi adiada para o dia 25 de outubro. De acordo com Palacios e Chacra (2014), na mesma semana os jogadores brasileiros ficaram sabendo da publicação e foram até a redação do jornal Crítica. Os jogadores saíram da redação, sendo que sete, dos onze, resolveram não jogar a partida.

A partir disso, o episódio tomou contrastes ainda mais intensos. De acordo com Palacios e Chacra (2014, p.38), como a seleção brasileira estava desfalcada, um time de futebol argentino emprestou 7 jogadores para vestirem a camisa brasileira e possibilitar a partida. Outro problema aconteceu no instante em que “[...] os 5 mil portenhos da plateia [...] ficaram furiosos quando viram que [...] quase metade do time estrangeiro estava composto por nativos argentinos”. Em função das vaias e arremessos de objetos no gramado, a organização do evento tomou uma decisão inusitada “[...] apenas sete homens de cada lado” (*ibid.*, p. 39).

A repercussão dos fatos continuou mesmo depois do término da partida, como contam Palacios e Chacra (2014, p.38):

No dia seguinte, os brasileiros receberam diversas homenagens e declarações de solidariedade pelo artigo do jornalista uruguaio no *Crítica*. A própria chancelaria argentina, depois de uma reclamação da embaixada do Brasil, também criticou o artigo publicado no jornal em Buenos Aires.

De acordo com os referidos autores, a soma desses eventos na década de 1920, envolvendo de modo crucial uma matéria jornalística, contribuiu para construir “[...] no imaginário coletivo dos brasileiros a ideia de que os argentinos são racistas” (*ibid*, p.39).

Outro exemplo inusitado na história futebolística das duas seleções aconteceu na Copa do Mundo de 1990. Em uma partida das oitavas de final, na qual a seleção da Argentina saiu como vencedora, ficou famosa uma suspeita de que a água que o massagista argentino entregou para um jogador brasileiro estava com sonífero. De acordo com Palacios e Chacra (2014, p.24), “o lateral brasileiro reclamou que estava sonolento e zozzo. Anos depois, Maradona confirmou a história, embora membros da comissão técnica argentina ainda neguem”. Eventos como esses aumentaram e perpetuaram os contornos de rivalidade entre as duas seleções de futebol.

Nery (2007) afirma que o futebol extrapola o campo esportivo nos dois países e é, em alguns casos, utilizado como ferramenta ideológica por ser um esporte de excelência de argentinos e brasileiros. No esporte o cenário de guerra entre os países é relativamente recente se comparado com a história desde o período colonial, quando o clima de antagonismo passou a figurar.

A partir dessa breve contextualização histórica, nos debruçamos no próximo capítulo às análises das matérias jornalísticas selecionadas nesta tese.

Referências bibliográficas deste capítulo

- BARTHES, R. et al.. **Análise estrutural da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 1971.
- BHABHA, Homi . **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: EDUFMG, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. 14. ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. A influência do jornalismo e os jogos olímpicos. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **Brasil, Argentina e Estados Unidos: conflito e integração na América do Sul (da tríplice aliança ao Mercosul), 1870 – 2007**. 3. ed, rev. e ampl.. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- BRANDALISE, Roberta. **A televisão brasileira nas fronteiras do Brasil com o Paraguai, a Argentina e o Uruguai**. Tese de Doutorado. São Paulo: ECA/USP, 2011.
- CANDEAS, Alessandro. **A integração Brasil-Argentina: história de uma ideia na visão do outro**. Brasília: FUNAG, 2010.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2013.
- FIGARO, Roseli(org).**Comunicação e Análise do Discurso**.São Paulo: Contexto, 2012.
- LAFER, Celso. **A identidade internacional do Brasil e a política externa brasileira: passado, presente e futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- LAGO, Claudia, BENETTI, Marcia (orgs.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- MAINGUENEAU, Dominique; CHARAUDEAU, Patrick. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2014.
- MARQUES, Fabrício R.; CREUZ, Luis Rodolfo Cruz; DRIUSSO, Marcelo. **O peso da redemocratização no processo de integração entre Brasil e Argentina**. Cadernos do PROLAM/USP – Brazilian Journal of Latin American Studies, Ano IX, número 17, v.2, Editora: Maria Cristina Cacciamali, 2010
- MARTINO, Luís Mauro Sá. **Comunicação & identidade: quem você pensa que é?**. São Paulo: Paulus, 2010.
- MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano**. São Paulo: Summus, 2003
- MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

_____. **Narratologia, teoria e análise narrativa**. Brasília: Casa das Musas, 2005.

NERY, André Luís. **Preconceitos e rivalidade futebolística entre Argentina e Brasil: análise da cobertura dos jornais Folha de S.Paulo e Clarín nas Copas do Mundo de 1986 a 2002**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PROLAM/USP, 2007.

OLIVEIRA DA SILVA, Marconi. **A notícia como narrativa e discurso**. Estudos de jornalismo e mídia. Vol. IV, n.1. Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2200/2053>> Acesso em: 14 agos. 2014.

PALACIOS, Ariel; CHACRA, Guga. **Os hermanos e nós**. São Paulo: Contexto, 2014.

5. [Re]construção de imaginários sobre Brasil e Argentina em matérias jornalísticas

Neste capítulo propomos uma reflexão, a partir da análise de matérias jornalísticas, sobre a presença de elementos simbólicos capazes de possibilitar a (re)construção de imaginários que o povo de um país tem a respeito do outro. Com base no aporte metodológico da análise de discurso em conexão com técnicas de leitura cultural, buscamos destacar no *corpus* os elementos culturais que representam aspectos das identidades coletivas de brasileiros e argentinos. Todas as matérias estão anexas nesta tese.

Podemos dividir o percurso de elaboração dessa tese em dois momentos. No primeiro, anterior à banca de qualificação do doutoramento, o projeto de pesquisa tinha viés quantitativo. Apresentamos na ocasião da qualificação uma amostra com breves análises de mais de 90 matérias jornalísticas. Foi a partir das contribuições da banca de qualificação do doutoramento que o enfoque foi alterado para uma abordagem unicamente qualitativa.

Nesse segundo momento, para fazer essa reflexão qualitativa, recortamos apenas as matérias que mais nos chamaram a atenção. Assim, tal qual um leitor comum que está folheando os jornais e/ou navegando em portais de conteúdo jornalístico, escolhemos as matérias sem a preocupação das seções ou temáticas abordadas. Apenas buscamos um olhar sensível para a presença de elementos culturais que de algum modo representam o universo cultural dos dois países em questão.

Ressaltamos dois aspectos importantes. Em primeiro lugar, esta é uma análise e reflexão subjetiva do pesquisador, realizada a partir do repertório cultural do mesmo. Em segundo lugar, os elementos simbólicos destacados aqui foram escolhidos a partir de uma leitura generalizante sobre as características identitárias de brasileiros e argentinos. É bem provável que outro leitor identifique, concorde ou discorde dos elementos destacados. Essa diversidade de leituras e reflexões não impede a

investigação da hipótese central desta pesquisa, ou seja, a de que matérias jornalísticas são poderosos instrumentos para a (re)construção de imaginários que o povo de um país forma a respeito do outro.

Vale destacar também que não procuramos categorizar os conteúdos das matérias analisadas como sendo de aproximação ou distanciamento entre os povos dos dois países. Procuramos tecer nossas considerações pessoais, que podem ser interpretadas de modo diferente a partir do repertório cultural de cada leitor. Dessa forma, selecionamos algumas matérias jornalísticas com os critérios já especificados na Introdução desta tese.

Notamos a presença dos aludidos elementos simbólicos em diversas temáticas, como a cultural, de turismo, de esporte, política e econômica. É evidente que se o recorte desta tese se baseasse apenas em seções específicas como a de turismo ou a cultural mais elementos culturais estariam presentes. Como por exemplo a matéria “Buenos Aires: O que fazer de graça na capital argentina”²⁶, assinada pelo jornalista Eduardo Szklarz, para o portal G1. Nela, há a referência de diversos elementos culturais da capital argentina, como teatros, bairros, museus, praças e os costumes dos moradores portenhos do início do século XX.

Sabemos que a cidade de Buenos Aires está constantemente nos roteiros de turismo de brasileiros. Acreditamos que isso contribui muito para a presença de diversos elementos culturais nesse tipo de seção. Nos trechos abaixo, encontramos referências aos principais passeios que podem ser feitos na cidade, bem como a apresentação do Teatro Colón, inclusive comparando-o com grandes teatros da Itália e da Inglaterra:

Assistir a um concerto numa das mais renomadas salas de espetáculo do mundo, dançar tango na casa onde viveu Carlos Gardel ou apreciar obras de Van Gogh, Picasso e Monet são algumas das atrações gratuitas que a capital argentina oferece a seus visitantes.

²⁶ SKZLARZ, Eduardo. **Buenos Aires: O que fazer de graça na capital argentina**. Portal G1. 07.janeiro2014. Turismo. Disponível em: < <http://g1.globo.com/turismo-e-viagem/noticia/2013/04/buenos-aires-oferece-arte-musica-e-danca-de-graca-seus-visitantes.html> >. Acesso em: 28 ago. 2015.

Construído em 1908, o Teatro Colón é o templo da música clássica em Buenos Aires e oferece concertos de graça quase todo mês. O salão principal, com forma de ferradura, tem capacidade para 2.478 lugares e possui uma das acústicas mais perfeitas do mundo. A beleza da arquitetura também é páreo para ícones como o Scala de Milão ou o Royal Opera House de Londres. O fosso da orquestra tem capacidade para 120 músicos. Mesmo que não seja para ver um espetáculo, entrar nesse lugar lendário já vale o passeio.

Em outros trechos o jornalista descreve um pouco o bairro de Montserrat, contextualizando sobre arquitetura típica dos séculos XVII e XVIII e apresenta também a presença de túneis subterrâneos existentes no local. O jornalista, a partir da afirmação de uma funcionária da Secretaria de Cultura da Argentina, fala um pouco sobre as hipóteses da existência desses túneis:

[...] o turista encontra a maior concentração de edifícios históricos por metro quadrado de Buenos Aires. O primeiro museu, a primeira universidade, o primeiro cartório e a primeira Assembleia Legislativa, além do Arquivo Geral. Tudo construído nos séculos 17 e 18.

Outra atração da Manzana de Las Luces são os túneis subterrâneos que podem ser observados ali. Até hoje, não se sabe quem os construiu nem por qual motivo. A hipótese mais aceita é que formavam uma rede que conectava igrejas, edifícios públicos e o forte da cidade. Os túneis teriam sido usados para proteger os moradores de ataques de piratas e corsários, ou para esconder mercadoria contrabandeada.

Certo é que a estrutura subterrânea foi abalada pelo impacto dos ônibus, do metrô e das obras mais modernas. “Por isso, quem visita a Manzana pode avistar uma parte dos túneis, mas não percorrê-los”, explica Alejandra Cersósimo, pesquisadora da Comissão Nacional da Manzana de las Luces, que faz parte da Secretaria de Cultura da Argentina.

A matéria prossegue apresentando diversas curiosidades sobre o cemitério do bairro de Recoleta, como observamos nos trechos abaixo:

O Cemitério da Recoleta é uma "minicidade" gótica no bairro mais elegante de Buenos Aires. O local abriga túmulos de gente importante, como o escritor Adolfo Bioy Casares e o ex-presidente Bartolomé Mitre. A maior atração é a cripta da família Duarte, onde está sepultada a ex-primeira dama María Eva Duarte de Perón – a mulher mais amada e odiada do país. “A tumba de Evita é muito simples: tem arquitetura clássica e fachada revestida em mármore. As pessoas se surpreendem porque esperam ver algo monumental”, diz o guia turístico Luis Leoz, especializado no cemitério.

[...]além disso, guarda muitas curiosidades: um túmulo familiar, por exemplo, possui esculturas de um homem e uma mulher que estão de costas um para o outro. “O casal se dava mal durante a vida e manteve o rancor até mesmo após a morte”, explica o guia.

Também curioso é o túmulo de um empresário obcecado com a ideia de que seria sepultado vivo. Ele mandou construir um ataúde especial, com um dispositivo que permitia abri-lo por dentro e um botão que faria soar um alarme em caso de emergência.

Ao apresentar o cemitério contextualizando com histórias de personalidades que ali estão sepultadas, o jornalista tece a sua matéria contribuindo para que o receptor compreenda a importância desse local para a população argentina.

Ao citar sobre a vida cultural da Plaza Dorrego e da Rua de San Telmo, a matéria veicula uma fotografia que ilustra um domingo típico da região. A imagem das mesas e das pessoas no meio da rua mostra que aos domingos há uma apropriação do espaço que durante os dias úteis são basicamente reservados aos automóveis. Além da foto, o jornalista ressalta a vida artística da região, como recortamos no trecho abaixo:

Rua de San Telmo, em Buenos Aires.

Foto: Prefeitura de Buenos Aires/Divulgação

San Telmo é o bairro mais boêmio de Buenos Aires, e a Plaza Dorrego é o símbolo do bairro. Foi nessa praça, em 1816, que os moradores da cidade festejaram a declaração de independência. Em 1978, ela foi tombada como Monumento Histórico Nacional.

O ideal é conhecê-la no domingo de manhã, quando se enche de visitantes e artistas dançando tango nas ruas.

Nos trechos abaixo a matéria apresenta ao leitor diversos museus da cidade. Entre eles o Museu Casa Carlos Gardel, dedicado ao mais famoso cantor de tango da história, que viveu entre os anos de 1890 e 1935, o Museu Nacional de Belas Artes, o Museu de Arte Latino-Americana, que conta com a obra *Abaporu*, da artista brasileira Tarsila do Amaral, e o curioso Museu da Cidade, que contém roupas e objetos utilizados pela população portenha no início do século XX.

Museu Casa Carlos Gardel

Para quem se interessa por tango, mas quer fugir dos shows para turistas, uma boa dica é fazer uma aula grátis na casa onde Carlos Gardel morou. Situada no bairro Abasto, a residência foi recuperada e transformada em museu para refletir exatamente como era nos anos 1930. “Bailar um tango na casa de Gardel é como tocar no piano de Chopin”, diz Horacio Torres, diretor do museu.

Museu Nacional de Belas Artes (MNBA)

Este museu é a oportunidade para ver mestres como Van Gogh, Picasso, Gauguin, Degas, Cézanne, Chagall, Rodin, Goya, Renoir, Monet e Manet. Todos num só lugar, e sem pagar um tostão. Inaugurado em 1895, o MNBA possui o principal patrimônio de arte do país. Suas 34 salas abrigam quase 13 mil obras, entre pinturas, esculturas, desenhos, gravuras e objetos. São tantas peças que em 1983 o acervo teve de mudar do antigo prédio (onde hoje funcionam as Galerias Pacífico, na rua Florida) para o atual casarão, na Recoleta.

Museu de Arte Latino-Americana (Malba)

Aqui está o *Abaporu*, de Tarsila do Amaral, a obra mais famosa do modernismo brasileiro. O museu também abriga quadros de outros pesos-pesados da região, como o colombiano Fernando Botero, a mexicana Frida Khalo, o cubano Wilfredo Lam e o brasileiro Di Cavalcanti. O acervo é privado e pertence ao argentino Eduardo F. Constantini. No total, são cerca de 500 obras estimadas em mais de US\$ 50 milhões.

Bonecas do século 19 no Museu da Cidade
(Foto: Eduardo Szklarz/Especial para o G1)

A foto acima é ambientada na década de 1910, e mostra objetos, como brinquedos e roupas, usados pela população local da época. Quando o jornalista expõe esses elementos culturais ao leitor brasileiro, ele ajuda a construir o imaginário positivo de um povo em relação ao outro.

Outro museu? Calma, este é bem diferente: não tem grandes obras nem a seriedade dos espaços desse tipo. “Nosso foco são os usos e costumes portenhos. Falamos das pessoas comuns”, diz a funcionária do Museu da Cidade Carolina Fierro Colom. “Mostramos os objetos que as pessoas usavam e como eles foram mudando ao longo das primeiras décadas do século 20.”

Há um toque de humor em todas as partes, a começar pelo nome das exposições. A mostra “Quando os portenhos tinham outras coisas na cabeça”, por exemplo, exhibe os chapéus e lenços que os habitantes da cidade usavam nos anos 20 e 30. Eles viajavam à cidade costeira de Mar del Plata com seus chapéus de feltro e palha. No hipódromo, as senhoras da alta sociedade usavam abas largas com gigantescos alfinetes “que poderiam servir muito bem como armas de defesa”, diz um cartaz.

O museu também expõe as toucas e gorros dos bebês, além de bonecas e brinquedos que fizeram sucesso no passado. As luvas, que hoje quase não são vistas nas ruas da cidade, eram geralmente feitas de couro napa, lã, veludo e peles de cabrito e pecari – conhecido no Brasil como queixada ou porco-do-mato.

No jornal Clarín, encontramos na matéria sob o título de *El corazón en Pernambuco*²⁷, assinada pela jornalista Florencia Bernales, elementos simbólicos que, ao nosso ver, contribuem para o processo de (re)construção do imaginário dos argentinos sobre o Brasil. Na matéria, a jornalista descreve a sua experiência ao visitar o Estado de Pernambuco, no Brasil. Tecida em primeira pessoa, a matéria conta com apenas um locutor, a voz da própria jornalista contando sua experiência. Não há um contraponto. São ressaltados apenas aspectos positivos do Estado de Pernambuco.

Encontramos duas formações discursivas. Na primeira, várias sequências descrevem a experiência e as sensações pessoais da jornalista. Como por exemplo:

Pocos lugares calaron tan hondo en mi corazón como Pernambuco, en Brasil. Por su gente cálida y su exquisita cultura, amo esa tierra hermosa, a la que siempre quiero volver. Fue uno de los momentos más bellos de mi vida.

Me animé a comer de todo y acá estoy, ¡vivita y extrañando! Qué ganas tengo de cantar otra vez: “*Voltei, Recife, foi a saudade que me trouxe pelo braço...*”. Pernambuco es una tierra infinita y generosa.

Além das sensações pessoais da jornalista, o texto apresenta outra formação discursiva, a que remete às questões históricas sobre a cidade de Recife, como encontramos na sequência abaixo:

Recife –fundada en 1537– fue la primera capital de Brasil. Las iglesias coloniales, con sus campanarios de adobe, conviven con rascacielos de acero y cristal frente a una playa alucinante. Invitada por Alessandra, canté en dos sitios emblemáticos: la Rua da Moeda, en el corazón del casco antiguo, y el Patio de São Pedro, centro de celebración de la música de raíz africana.

²⁷BERNALES, Florencia. **El corazón en Pernambuco**. Clarín. 12.janeiro.2014. Viajes. Disponível em: <http://www.clarin.com/viajes/corazon-Pernambuco_0_1064893542.html>. Acesso em: 22 dez. 2014.

Entendemos que narrativas como essa, que exaltam as sensações e a experiência de vida do jornalista, por serem tecidas com a tonalidade testemunhal, contribuem intensamente na construção de uma imagem positiva que o povo de um país faz a respeito do outro. Em nossa visão, identificamos neste texto a presença de elementos culturais importantes, tais quais as belezas naturais, a simpatia do povo local e até a descrição de construções com mais de 400 anos. O texto também faz referência a um ponto que classificamos como elemento cultural osmotípico, a celebração da música africana. Ao se celebrar a música de outro continente no nordeste brasileiro, a jornalista, conscientemente ou não, descreve o processo multicultural presente no nordeste brasileiro.

Abordamos nos capítulos 2 e 3 desta tese o processo de arquitetura e construção do produto jornalístico. Compreendemos que nesse amplo processo as matérias são construídas a partir de intencionalidades e de efeitos pretendidos. No texto que acabamos de analisar, fica claro que há a intencionalidade do veículo de comunicação em gerar interesse do leitor, principalmente pelo fato dessa matéria ser veiculada em uma seção específica de viagens. É notório que o Brasil, com sua ampla costa marítima, é um destino turístico recorrente para os argentinos. Logo, ressaltar elementos culturais e aspectos positivos do nordeste brasileiro se configura em uma pauta interessante para o público leitor. Charaudeau (2013) diz que uma das intencionalidades da instância de produção do produto midiático é a de gerar interesse do público, veiculando a informação de modo dramatizado. Essa dramatização acontece quando a jornalista tece o texto contando sua experiência pessoal.

Em outro texto jornalístico, igualmente publicado no jornal Clarín, a jornalista Soledad Domínguez relata sua experiência de viver no Brasil. Diferente da matéria que observamos anteriormente, o texto de Domínguez, com o título de *Una argentina en Río: la fantasía de vivir en el país del 'tudo bem'*²⁸, apresenta um discurso polifônico, ou seja, há enunciados com perspectivas diferentes. Na maior parte do texto, o

²⁸DOMÍNGUEZ, Soledad. **Una argentina en Río: la fantasía de vivir en el país del “tudo bem”**. Clarín. 18.janeiro.2014. Viajes. Disponível em: <http://www.clarin.com/sociedad/argentina-Rio-fantasia-vivir-pais_0_1068493248.html> Acesso em: 22.dez. 2014.

enunciado discursivo procura ressaltar as qualidades e a experiência positiva da jornalista que viveu no Brasil. No entanto, há também diversas sequências discursivas que ressaltam aspectos negativos do Brasil.

Quando a jornalista tece seu texto e expõe os aspectos positivos do Brasil, há a presença de diversos locutores. A autora faz menção a ícones da cultura brasileira, tais como Chico Buarque, Elis Regina, Vinicius de Moraes, Tom Jobim, Carmen Miranda, Gilberto Gil, Olodum e o escritor Sérgio Buarque de Holanda. Em alguns trechos, a jornalista transcribe partes de obras dos artistas citados, como encontramos nas sequências abaixo:

Quizás influyó también el mar de Brasil, no tan frío como el de Villa Gesell, las curvas constantes del camino, los morros verdes y las lluvias abundantes que Elis Regina y Tom Jobim celebran en Águas de Março: *É a chuva chovendo/ É um pingo pingando/ É uma prata brilhando/ É a luz da manhã/ Fechando o verão* (“la lluvia lloviendo/ la gota goteando/la plata brillando/ la luz de la mañana/ cerrando el verano”).

Y cuando me olvidé de seguirlo solté por fin las caderas al son del quiebre y requiebre de los tambores de la gran banda Olodum y su alegría contagiosa.
Olodum tá hippie, Olodum tá pop/ Olodum tá reggae/ Olodum tá rock/ O Olodum pirou de vez (Olodum está hippie, Olodum está pop, Olodum está reggae, Olodum está rock, Olodum enloqueció).

Es lo que también me enseñó una sabia canción de Iván Lins.
Já tivemos muitos desenganos/ Já tivemos muito que chorar/ Mas agora acho que chegou/ a hora de fazer valer o dito popular/ Desesperar jamais (Ya tuvimos muchos desencantos/ ya tuvimos mucho que llorar/ Por eso llegó el tiempo de volver al dicho popular/ Desesperar jamás). El descubrimiento me ayudó a aliviar preocupaciones.

Bastó ver a mis amigos disfrazados de bebés, corneta en mano, para atesorar el más lindo recuerdo que tengo de la celebración mayor. Ahí resulta suficiente saltar al ritmo de tradicionales canciones populares como *mamãe eu quero, mamãe eu quero, mamãe eu quero mamar*, evocando a la Carmen Miranda de los años ‘40.

La informalidad de “aquel abrazo” apretado de Gilberto Gil *O Rio de Janeiro continua lindo/ O Rio de Janeiro continua sendo* la llevo conmigo en cada viaje a Buenos Aires, donde siempre me quedo esperando el segundo beso en la otra mejilla

Ao citar ícones da cultura popular brasileira, entendemos que essa matéria passa a se configurar em um elemento cultural osmotípico, ou seja, propagando a interação multidimensional de elementos culturais entre diferentes grupos, no caso entre brasileiros e argentinos. O conteúdo da matéria contribui muito para que o povo argentino possa (re)construir um imaginário positivo em relação ao povo brasileiro, pois além de tecer o texto com suas marcas pessoais, a jornalista ressalta elementos e personalidades importantes da cultura brasileira e os (re)apresenta ao povo argentino.

A polifonia do discurso emerge quando, além dos locutores que contribuem para o enunciado que ressalta os aspectos positivos da cultura brasileira, há sequências discursivas que ajudam a construir o enunciado dos aspectos negativos do dia a dia de uma vida no Brasil. No exemplo abaixo, a sequência discursiva aborda a questão da burocracia brasileira e apresenta a voz da administração de uma faculdade acostumada com a morosidade dessas questões no país. A jornalista se questiona quanto ao lado positivo sobre o que chamou de “*país do ‘tudo bem’*”.

Durante los primeros meses me mudé de casa cinco veces en una ciudad superpoblada donde los exigentes requisitos para alquiler de vivienda no son fáciles. Eso no era todo. También me la pasaba haciendo colas para tramitar la visa de estudiante junto a chinos, estadounidenses y colombianos. Supe así hasta qué punto era extranjera en mi Brasil querido. A eso se sumó la demora del depósito del dinero de mi beca que no llegaba por cuestiones administrativas. A mis preguntas en la Facultad, la respuesta era calma: “Está todo bien, no se preocupe, seguro que llegará a tiempo”. Reacciones de ese tipo me sonaban exageradamente optimistas. Parecía que todo iba a resolverse por obra y gracia de voluntades bien intencionadas. Pero la realidad no es así, pensaba yo con mi mente argentina. A esa altura empecé a desconfiar del *tudo bem*.

Na sequência abaixo, a jornalista aponta as diferenças entre o Brasil e a Argentina, especialmente sobre a forma de debate social de questões ordinárias como a política, o futebol e a economia, que ao nosso ver se configuram em elementos culturais relevantes. De acordo com o texto da jornalista, o povo brasileiro debate tais questões com menos veemência do que os argentinos.

Nunca vi en Brasil fuertes discusiones sobre política en las reuniones sociales. Los desacuerdos se expresan pero sin la vehemencia que observo en Buenos Aires. Las novedades sobre el dólar, la inflación, la política o el fútbol aparecen en la Argentina de manera recurrente y agotadora.

No digo que Brasil se mantenga al margen de esas cuestiones. Pero todo sucede con un énfasis menos marcado.

Além das sequências discursivas destacadas acima, o texto da jornalista Soledad Domínguez contém uma série de inferências que, de modo sutil, expõem elementos culturais sobre o Brasil para o receptor argentino. Um exemplo disso é a frase que fecha a narrativa: “[...] *donde siempre me quedo esperando el segundo beso en la otra mejilla*”. Para que o receptor compreenda o conteúdo discursivo, há a necessidade de um conhecimento prévio de que o brasileiro, especialmente os que vivem no Rio de Janeiro, como foi o caso da jornalista argentina, tem o costume de dar dois beijos nas bochechas no cumprimento habitual.

Acreditamos que a estruturação desta matéria, com a polifonia descrita acima, provavelmente foi debatida na instância de arquitetura do produto midiático. Os elementos culturais e a polifonia presentes nesse texto contribuem para o duplo papel que a instância de produção busca, o de fornecer informação e de gerar desejo do público de consumi-la. Entendemos que, por estar presente em uma seção dedicada ao turismo, esse produto jornalístico gera o desejo do público na medida em que apresenta os elementos culturais de um país que possivelmente é ou será um destino turístico. Como vimos no capítulo 2 desta tese, o processo de construção do produto jornalístico envolve, na maioria das vezes, diversos atores na instância de arquitetura do produto midiático. Normalmente, além do jornalista, o editor é um ator que exerce um papel fundamental por estar em harmonia com a angulação da empresa e as demandas do público.

Os dois textos jornalísticos analisados acima abordam questões sociais e culturais, que entendemos como fundamentais no processo de re(construção) de imaginários sobre e entre Brasil e Argentina. No capítulo 3 desta tese abordamos que o jornalista pode atuar como um artesão-mediador social da realidade. Tal mediação, que articula, traduz e organiza as vozes da sociedade, é possível quando o produto jornalístico apresenta as marcas autorais do jornalista. Esses dois exemplos que acabamos de citar apresentam, além de elementos culturais, um posicionamento sensível com a experiência pessoal das jornalistas. Quando Medina (2014) afirma que

tal mediação é composta pelo diálogo entre o jornalista e as fontes e, entre o produto jornalístico e a instância da recepção, acreditamos que tais exemplos aqui se enquadram. O testemunho pessoal das jornalistas pode ser um ingrediente importante para gerar empatia com os leitores e, assim, carregar as marcas de uma mediação composta pelo diálogo entre o produto jornalístico e a instância da recepção. Ao nosso ver, não é apenas a veiculação de matérias com elementos culturais, mas como tais elementos são tratados no texto. Por isso afirmamos que elementos culturais presentes em matérias jornalísticas dialogam de modo mais intenso com a instância da recepção quando tecidos a partir de uma experiência viva do jornalista artesão-mediador social da realidade.

Não encontramos essas mesmas características na matéria abaixo, assinada pela jornalista brasileira Sylvia Colombo, no blog Latinidades, da Folha de S.Paulo. Com o título de ‘São Paulo será tema de feira de Buenos Aires’²⁹, a matéria começa com duas fotografias, registradas no início do século XX: do centro de São Paulo, à direita; e do centro de Buenos Aires, à esquerda. Tanto no conteúdo imagético, como no texto, a matéria mostra como as duas capitais econômicas dos dois países eram parecidas, ilustrando elementos culturais das duas cidades.

²⁹COLOMBO, Sylvia. **São Paulo será tema de feira de Buenos Aires.** Blog Latinidades - Folha de S. Paulo. 25.março.2014. Disponível em: <<http://sylviacolombo.blogfolha.uol.com.br/2014/03/25/sao-paulo-sera-tema-da-feira-de-buenos-aires/>> Acesso em: 02.jan. 2015.

A Foto da direita, que retrata São Paulo, foi fotografada pela suíça Hildegard Rosenthal. A Foto da esquerda, que retrata Buenos Aires, foi fotografada por Horacio Coppola.

Notamos que o texto da jornalista Sylvia Colombo apresenta dois enunciados discursivos distintos. Se de um lado, a partir do título e das fotografias, busca mostrar uma proximidade entre as duas cidades; de outro lado, há sequências discursivas claras que mostram que essa proximidade não é tão grande quanto as fotografias poderiam sugerir.

Na sequência abaixo, a jornalista afirma que a relação entre os paulistas e os portenhos é limitada, especialmente, ao âmbito econômico. No entanto, ao ressaltar tal limitação a jornalista utiliza esse fato para dar ênfase à importância do evento.

O diálogo de paulistas e portenhos hoje, grosso modo, limita-se ao turismo, a negócios específicos e algum intercâmbio cultural. É pouco, mas abril será um mês especial nessa relação.

Destacamos outra sequência que mostra a falta de esforço, por parte do Brasil, de investir no evento.

Apesar de esforços de ambos os lados, porém, houve resistência do lado brasileiro em bancar a ida de grandes nomes ao evento. A feira, em trabalho conjunto com a biblioteca Mário de Andrade, resolveu então fazer a aposta de focar a programação em autores da periferia.

O ponto que queremos ressaltar nesta análise é que ao mesmo tempo em que ela contém um discurso que remete à (re)construção de imaginários positivos entre os dois países, há a presença também de um discurso que deixa claro a falta de incentivo econômico, por parte dos brasileiros, ao evento.

Ao nosso ver essa matéria poderia explorar de modo mais rico os elementos culturais dos dois países. A escolha das fotografias, da legenda e a sua descrição, por exemplo, não exploram o tipo de vestimentas dos transeuntes, as diferenças das lojas e da arquitetura das duas cidades. Assim não houve a contribuição, do modo que poderia, para a compreensão sobre o universo cultural dos dois povos.

Ao citar as cidades de São Paulo e Buenos Aires, a matéria poderia ter ido além da veiculação apenas informativa. Ao abordar sobre os Portenhos, a jornalista poderia se referir a alguns imaginários que circulam na cidade de São Paulo. Por exemplo, é fato notório que os portenhos se consideram os mais “europeus” entre os povos do Cone Sul. Ao visitar a cidade de Buenos Aires é raro quem não perceba os traços da influência europeia nos costumes e na arquitetura, tendência manifesta nos prédios que aparecem nas duas fotografias. Tal influência se confirma também pelo fato de ser comum escutarmos a expressão que Buenos Aires é a Paris da América do Sul. Além disso, os costumes do povo local, com os tradicionais cafés, o consumo de bons vinhos, a moda e até a quantidade de livrarias e sebos espalhados pela cidade, contribuem para essa recorrente comparação com a Europa. Acreditamos que essa matéria poderia ter aproveitado esses aspectos para evidenciar elementos culturais dos argentinos.

Encontramos em matérias sobre política e economia alguns de elementos que remetem à (re)construção de imaginários entre o Brasil e a Argentina. Um exemplo é a coluna do jornalista da Folha de S. Paulo, Vinicius Freire, com o título ‘O Brasil pode ajudar a Argentina?’³⁰. Em tal texto, o jornalista coloca em debate a possibilidade e a

³⁰FREIRE, Vinicius Torres. **O Brasil pode ajudar a Argentina?** Folha de S.Paulo. 29.janeiro.2014. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/viniciustorres/2014/01/1404347-o-brasil-pode-ajudar-a-argentina.shtml> > Acesso em: 15.nov. 2014.

necessidade de o Brasil ajudar economicamente a Argentina a sair de sua crise econômica. Temos aí um discurso que remete à integração econômica entre os dois Estados.

Encontramos três enunciados discursivos distintos: i) um discurso que afirma que o Brasil tem recursos para ajudar a Argentina; ii) um discurso que ressalta as dificuldades dessa possível ajuda; e iii) um discurso sobre os problemas econômicos e políticos da Argentina.

Sobre o primeiro enunciado, destacamos duas sequências discursivas. Em ambas, o jornalista deixa claro que o Brasil tem meios econômicos para ajudar o país vizinho a sair da crise, mas há a ressalva, na primeira sequência discursiva, que a política econômica da Argentina precisa ser revista. Logo abaixo notamos, de modo sutil, a presença da ironia. Quando o jornalista coloca entre aspas “atravessar a crise”, interpretamos como um tom irônico que pode estar carregado com o discurso de que a Argentina sempre está em crise, de modo crônico, e que a ajuda brasileira poderia correr o risco de se tornar apenas uma medida paliativa.

O Brasil tem meios para ajudar a Argentina a atravessar a crise. "Atravessar a crise", porém, significa sair dela. [...] A fim de que o auxílio não seja mero enxugamento de gelo, a Argentina teria de abandonar a política econômica que causa a crise.

O Brasil pode ajudar a Argentina a mudar de dieta de modo mais organizado. A evitar uma desvalorização descontrolada do peso, embora a desvalorização seja requisito para o país sair da crise (seus produtos são caros, dada a inflação muito alta).

Em relação ao segundo enunciado discursivo, que ressalta as possíveis dificuldades referentes à ajuda brasileira, destacamos duas sequências. Na sequência abaixo, o jornalista afirma que o Brasil teria que impor uma série de condições à Argentina. Tais condições, além de enfrentarem resistência política na Argentina, representariam um dilema, pois seriam as mesmas condições que o Brasil deveria adotar para corrigir seus próprios rumos econômicos. A sequência discursiva aponta com mais detalhes quais seriam as providências que o governo argentino deveria tomar.

Parece politicamente inviável, não só devido à resistência argentina as condições impostas pelo Brasil. Os problemas estão deste lado da fronteira também. Um deles é que o Brasil teria de solicitar à Argentina que tomasse providências também evitadas pelo governo brasileiro.

A evitar uma desvalorização descontrolada do peso, embora a desvalorização seja requisito para o país sair da crise (seus produtos são caros, dada a inflação muito alta). Mas, para a desvalorização funcionar, o governo da Argentina precisa conter a inflação, controlar gastos, o que no caso implica reduzir subsídios.

O terceiro enunciado discursivo expõe os problemas políticos e econômicos que a Argentina enfrenta. Entendemos que essa matéria apresenta, a partir desses três enunciados diferentes, um discurso de integração entre os dois Estados. No entanto, é nesse terceiro enunciado discursivo que encontramos expressões que, em uma primeira leitura, podem sugerir antagonismo entre Brasil e Argentina. Quando, nos trechos abaixo, o jornalista se refere à crise argentina com palavras como “descalabro argentino”, “intervenções desastrosas do governo”, o enunciado procura transmitir o discurso de que a crise Argentina é culpa dela mesma e de suas decisões políticas equivocadas. Tal conteúdo discursivo pode nutrir no receptor da mensagem a ideia de que a Argentina não merece tal ajuda brasileira. Em resumo, nesses aspectos a matéria (re)produz um imaginário negativo dos brasileiros a respeito dos argentinos.

O Brasil está muito, muitíssimo longe do descabro argentino, mas, em essência, na "estrutura", os problemas são semelhantes: excessos de consumo, em especial do governo, problemas que se tornaram ainda mais agudos devido às mudanças na economia mundial.

O excesso de consumo e a desorganização da atividade produtiva causada pelas intervenções desastrosas do governo causam deficit externos (o país compra mais do que vende no exterior), os quais não podem financiar a não ser por um incerto e cadente investimento direto, daí a escassez de dólares, grosso modo.

Entendemos que a pluralidade de enunciados discursivos faz parte de uma possível angulação proposta pela instância de produção. Provavelmente tal angulação gerou o conteúdo discursivo de que a Argentina é responsável pela crise na qual está

inserida e de que o Brasil, embora tenha condições de ajudar o país vizinho, precisa avaliar uma série de fatores antes de efetivamente proporcionar a ajuda. Ressaltamos que não há como, sem termos acesso ao direcionamento estratégico do veículo de comunicação, afirmarmos que houve, nesse caso, uma angulação planejada e proposta pela instância de arquitetura do produto midiático. Como vimos no capítulo 2 desta tese, a angulação é fruto do trabalho de diversos atores na instância de produção. Não só o jornalista e os editores contribuem no direcionamento discursivo do produto final. Acionistas, profissionais de marketing e da área comercial, compõem esse amplo leque de atores que exercem influência neste processo de arquitetura, construção e veiculação do produto jornalístico.

Em outra matéria jornalística, com o título de ‘Argentina, ruína pela política’³¹, assinada pela jornalista brasileira Kátia Abreu, o discurso de integração também emerge. No entanto, a jornalista tece seu texto ressaltando que a integração política e econômica entre o Brasil e a Argentina não é uma opção, mas uma necessidade. O enunciado discursivo dessa matéria afirma que é de interesse brasileiro ajudar economicamente a Argentina, como vimos nas sequências discursivas abaixo:

É do interesse nacional do Brasil de alguma forma apoiar a Argentina, se as coisas se complicarem.

Para o Brasil, no entanto, contemplar o declínio argentino com indiferença não é uma alternativa. Como dizem os diplomatas do Itamaraty, nossas relações com a Argentina não são uma escolha, são um destino.

Nas duas sequências acima, notamos que além de ressaltar a necessidade da ajuda econômica, a jornalista, citando diplomatas do Itamaraty, afirma que a relação de integração entre os dois países vizinhos é muito mais que uma necessidade pontual, mas faz parte do destino dos dois Estados. Tal conteúdo remete à integração econômica e,

³¹ABREU, Kátia. **Argentina, ruína pela política**. Folha de S. Paulo. 8.fevereiro.2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/151250-argentina-ruina-pela-politica.shtml>> Acesso em: 2.jan. 2015.

em síntese, propõe a (re)construção dos imaginários mais positivos entre Brasil e Argentina como parceiros econômicos.

Na matéria jornalística, com o título de “Dilma assume presidência do Mercosul defendendo Argentina de ‘especuladores’”³², assinada pela jornalista Janaína Figueiredo, para o jornal Extra, há também um discurso de integração política entre os países que compõem o Mercosul e, especialmente, entre o Brasil e a Argentina.

O discurso contido nessa matéria não apresenta outro ponto de vista, senão o da integração. Na sequência abaixo, a jornalista relata a participação da presidente do Brasil, Dilma Rousseff, e menciona citações da presidente, elemento que reforça tal conteúdo na matéria jornalística. Mais uma vez, encontramos aqui proposição de (re)construção dos imaginários mais positivos entre Brasil e Argentina como parceiros econômicos e políticos.

A presidente Dilma Rousseff defendeu a necessidade de aprofundar a integração entre os países do Mercosul na cúpula de chefes de Estado realizada nesta quarta-feira na cidade argentina de Paraná, a 500 quilômetros de Buenos Aires, e aproveitou sua visita à Argentina para reiterar o respaldo do Brasil ao governo da presidente Cristina Kirchner em sua duríssima disputa com os chamados fundos abutres, nos tribunais de Nova York.

— Não podemos aceitar que a ação de um grupo de especuladores prejudique o bem estar de um país — declarou Dilma, que nesta cúpula assumiu a Presidência *pro tempore* do bloco, por um período de seis meses.

Na matéria *‘Brasil aplica nuevas trabas al ingreso de frutas desde la Argentina’*³³, assinada pelo jornalista argentino Roberto Seifert, o discurso construído é de que o Brasil implementa normas e regras burocráticas que limitam e dificultam a exportação de frutas da Argentina para o Brasil. Nesta matéria, o jornalista constrói o discurso dando voz apenas a um locutor que ressalta o ponto de vista argentino sobre a questão, como exemplificado nas sequências abaixo:

³²FIGUEIREDO, Janaína. **Dilma assume presidência do Mercosul defendendo Argentina de ‘especuladores’**. Extra. 17.dezembro.2014. Disponível em: <<http://extra.globo.com/noticias/economia/dilma-assume-presidencia-do-mercosul-defendendo-argentina-de-especuladores-14860026.html>>. Acesso em: 10.jan. 2015.

³³SEIFERT, Roberto. **Brasil aplica nuevas trabas al ingreso de frutas desde la Argentina**. La Nacion. 15.outubro.2014. Disponível em: <<http://www.lanacion.com.ar/1735556-brasil-aplica-nuevas-trabas-al-ingreso-de-frutas-desde-la-argentina>> Acesso em: 22.jan. 2015.

"Hoy la manzana de la Argentina, para poder ser importada, requiere una autorización del Ministerio de Agricultura, Pecuaria y Abastecimiento de Brasil a través de una licencia. Ahora se le suma otra licencia, que abarca también a las peras y en la que, además, intervienen en la aprobación el Departamento de Sanidad Vegetal de ese ministerio y otros organismos a nivel nacional y estadual, según sea el destino de la fruta, lo que puede llegar a generar demoras en las autorizaciones", dijo a LA NACION el director ejecutivo de la Cámara Argentina de Fruticultores Integrados (CAFI), Marcelo Loyarte.

Según el directivo, con la reglamentación vigente el trámite demora unos 15 días, con una dinámica bastante normal. "Pero ahora no sabemos a cuánto se puede extender, aunque de lo que estamos seguros es de que se van a prolongar por varios días y ello va a ralentizar las operaciones y provocará un impacto financiero negativo, ya que se acumula el ingreso de fruta. Y a mayor volumen, menor precio", explicó.

"No sabemos cuál fue el argumento de Brasil para tomar esta determinación. Hemos solicitado al Ministerio de Agricultura de la Nación, al Servicio Nacional de Sanidad y Calidad Agroalimentaria (Senasa), a la Cancillería y a la embajada que por favor soliciten la eliminación de esta medida en la próxima reunión del Mercosur", agregó Loyarte. A propósito, el directivo de CAFI señaló que, en términos de la normativa del Mercosur, "una medida de esta naturaleza no debería implementarse".

É importante ressaltar que, na sequência imediatamente acima, o jornalista dá voz ao locutor que questiona o papel do Mercosul para essa regulamentação estabelecida pelo Brasil. Ao apresentar no discurso apenas um lado do fato, o jornalista pode alimentar no receptor a ideia de desunião entre os países vizinhos. Logo, essa matéria pode se configurar em um elemento cultural com características lidertípicas. Por isto, o teor da matéria tende a (re)produzir nos argentinos imaginário desfavorável sobre os brasileiros. Neste exemplo o jornalista não atuou como um artesão-mediador social da realidade. A prática jornalística em sua essência presume o ouvir de todos os lados do fato, algo que não aconteceu, ou pelo menos não foi veiculado. Provavelmente essa abordagem foi debatida entre o jornalista, o editor e outros atores importantes da instância de arquitetura do produto jornalístico. Como vimos no capítulo 2 desta tese, Neveu (2006), detalhou a presença de diversos atores no lugar de produção que são responsáveis pela definição da angulação das matérias. A nosso ver, o fato dessa matéria ter abordado apenas um lado, respeita os interesses econômicos e políticos do veículo. A análise detalhada sobre tais interesses só seria possível a partir da

investigação em profundidade, algo muito difícil de conseguirmos, pois envolve questões estratégicas e confidenciais dos veículos de comunicação.

No jornal brasileiro O Estado de São Paulo, o jornalista Rogério L. Furquim Werneck, escreveu um artigo com o título de ‘A argentinização do setor elétrico’³⁴. Nele, o jornalista descreve as decisões da ministra e, posteriormente, presidente Dilma Rousseff em relação ao rumo do setor elétrico brasileiro. Logo no título e em dois momentos do artigo, o autor faz referência à Argentina como exemplo de insucesso. Com expressões como “[...] temor de que o país acabe transformado numa imensa Argentina” e “[...] o escandaloso populismo da decisão deverá marcar alarmante escalada no processo de argentinização do setor”.

Dessa forma, essa matéria contém o discurso de que a Argentina é um caso negativo, ou um “pesadelo”, (re)produzindo outra vez, para os brasileiros, imaginário negativo a respeito dos argentinos. Analisamos que tal conteúdo carrega características de elementos culturais lidertípicos, que são difundidos na mídia para persuadir os receptores a adotarem a mesma visão que o veículo quer fazer prevalecer. É o que observamos nas sequências selecionadas abaixo:

Na esteira do desalento com a inconsequência da atuação do governo, vem-se disseminando o temor de que o País acabe transformado numa imensa Argentina. Embora o pesadelo seja compreensível, não faltam bons argumentos para convencer os mais pessimistas de que ainda falta muito para que a Brasília de Dilma se converta na Buenos Aires de Cristina. Mas há que se reconhecer que, em certas áreas, a argentinização vem avançando de forma assustadora. Um bom exemplo é o do setor elétrico.

Se, num surto de inconsequência, o governo decidir ir em frente com o repasse desse custo para o Tesouro, quando o País se defronta com um quadro de oferta de energia tão precário, o escandaloso populismo da decisão deverá marcar alarmante escalada no processo de argentinização do setor.

³⁴WERNECK, Rogério L. Furquim. **A argentinização do setor elétrico**. O Estado de S. Paulo. 14.fevereiro.2014. Caderno Economia. Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,a-argentinizacao-do-setor-eletrico-imp-,1130168>> Acesso em: 2 jan. 2015.

Em seções esportivas, observamos uma série de matérias com discursos que (re)produzem imaginários negativos entre Brasil e Argentina. Em nossa visão, tal angulação faz parte de um direcionamento estratégico da instância de produção. Valorizar a rivalidade esportiva entre os dois países é benéfico para o negócio esportivo. Quando há um histórico de rivalidade normalmente a audiência dos eventos esportivos é maior, pois ganha contornos de grande clássico. Dessa forma, matérias jornalísticas esportivas que ressaltam a rivalidade entre Brasil e Argentina, fazem parte de um amplo contexto com motivações que extrapolam a simples veiculação de informação.

Um dos exemplos é o texto assinado pela jornalista Camila Marques, ‘Amo mais a Argentina graças à derrota na final’³⁵, fazendo referência à final da copa do mundo de futebol de 2014. Esse texto foi construído da seguinte maneira. Em um primeiro momento, a jornalista descreve os motivos pelos quais gosta e admira a Argentina. Para tal, cita a gastronomia, a literatura, bairros de Buenos Aires e jogadores de futebol. Elementos culturais da identidade argentina. Vale a ressalva de que a jornalista não explorou em profundidade a riqueza dos elementos culturais citados. Dessa forma, o texto não contribui para que o leitor compreenda o universo cultural dos argentinos. Como observamos, por exemplo, na sequência abaixo:

Quem me conhece sabe bem. Buenos Aires é um dos meus lugares favoritos do mundo. Vinho argentino? Adoro. O churrasco é fora de série. As ruas de Palermo Viejo só me trazem lembranças felizes. Tive na vida mais livros de Quino do que qualquer outro autor. O futebol? Jogo de raça, Messi é inspirador.

Ao não se aprofundar na riqueza presente em cada elemento cultural citado, a jornalista perde a oportunidade de atuar como uma protagonista, uma leitora cultural, capaz de levar à instância da recepção a pluralidade complexa dos elementos culturais e da identidade argentina. Como acreditamos que o jornalista é responsável em empoderar a instância da recepção com narrativas que contribuam à organização do

³⁵MARQUES, Camila. **Amo mais a Argentina graças à derrota final**. Folha de S.Paulo. 14.julho.2014. Caderno Esportes. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/175942-amo-mais-a-argentina-gracas-a-derrota-na-final.shtml>> Acesso em: 2 jan. 2015.

caos e à [re]construção dos imaginários sobre o outro, essa matéria exemplifica como o produto jornalístico muitas vezes não cumpre como poderia esse amplo desafio.

No segundo momento, a jornalista apresenta argumentos emocionais pelos quais não torce pela seleção de futebol da Argentina. Embora no início do texto afirme que tal rivalidade está presente no esporte, especialmente no futebol, a jornalista generaliza ao dizer “Sou adepta do ‘América Latina, menos Argentina’”. Em nossa interpretação, essa frase mostra como o futebol passa a ser meio de representação e de (re)produção de imaginários entre Brasil e Argentina.

A jornalista deixa claro que o sentimento de rivalidade esportiva não apresenta nenhuma lógica aparente. Em nenhum momento dessa matéria a autora faz menção aos eventos históricos, como, para citarmos um exemplo, o escândalo do sonífero para os jogadores de futebol da seleção brasileira na copa do mundo, que abordamos no capítulo 4 dessa tese, que permitiriam compreender mais profundamente as razões pelas quais tem sido construído e (re)construído o sentimento de rivalidade esportiva. Esse é mais um aspecto importante que poderia estar contido nessa matéria e que contribuiria à compreensão do universo cultural dos dois países por parte da instância da recepção.

Como ressaltamos nas sequências abaixo, a autora produz esse discurso que pode ser capaz de alimentar a rivalidade entre os povos dos dois países. Assim, compreendemos que a rivalidade esportiva presente nessa matéria jornalística decorre da opção do veículo midiático de adotar uma angulação capaz de provocar antagonismos entre brasileiros e argentinos.

"Se você gosta tanto assim dos hermanos', do país e blá-blá, como diz, como não torce por eles na final da Copa?" Simples: uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa. Quem defende lógica e racionalidade no futebol não entende que, para o torcedor (o que sou, uma mera torcedora), trata-se de um esporte passiona. Envolve lágrimas e gritos. Envolve raiva mesmo quando se ama.

Pedir para eu torcer para a Argentina por sermos do mesmo continente e do mesmo bloco econômico (juro que ouvi tal argumento!) é a mesma coisa que pedir para eu torcer para o Corinthians na final da Libertadores porque "é Brasil na final". Uma são-paulina roxa jamais torcerá pelo Corinthians. Tão lógico.

Sou daquelas que enche a boca para dizer que, sim, Pelé é melhor que Maradona. Me despeço do taxista em Buenos Aires dizendo: boa sorte na vida, mas não no futebol.

Discursos que sugerem a (re)construção de imaginários negativos entre o Brasil e a Argentina não são veiculados apenas nos jornais brasileiros. Um exemplo é o texto *‘El inolvidable relato de un hincha argentino que vio el 7-1 en el Mineirao rodeado de brasileños’*³⁶, do argentino Martín Feldman para o portal Canchallena. Nela, o autor descreve em primeira pessoa sua experiência pessoal ao assistir no estádio Mineirão, em Belo Horizonte, ao jogo da seleção de futebol da Alemanha contra a seleção do Brasil, pela copa do mundo de futebol de 2014. Nesse jogo, que passou a ser traumático na história do futebol do Brasil, a seleção brasileira foi derrotada pela seleção alemã por sete gols contra um.

Encontramos nesse texto duas formações discursivas. Na primeira, o autor relata a rivalidade que os argentinos nutrem em relação aos brasileiros. Na segunda formação discursiva, o autor descreve o mesmo sentimento de rivalidade do outro lado, dos brasileiros em relação aos argentinos. Essas duas formações discursivas somam-se em um único enunciado discursivo, em um discurso que provoca a (re)construção de imaginários negativos entre Brasil e Argentina e estimula a rivalidade entre os dois países. Um discurso que, no nosso entendimento, transcende o âmbito esportivo. Realizamos essa afirmação com base em trechos como, por exemplo, *“América Latina unida, menos Argentina”*. Novamente em temáticas esportivas encontramos referências à integração da América Latina, mas uma integração contemplando a referida rivalidade e, por isso, excluindo a Argentina do processo.

³⁶FELDMAN, Martín. **EL inolvidable relato de un hincha argentino que vio el 7-1 en el Mineirao rodeado de brasileños**. Canchallena. 9.julho.2014. Disponível em: <<http://canchallena.lanacion.com.ar/1708432-el-relato-de-un-hincha-argentino-que-vio-el-7-1-en-el-mineirao-rodeado-de-brasilenos>> Acesso em: 15.dez. 2014.

Sobre a rivalidade dos brasileiros em relação aos argentinos, destacamos as seguintes sequências:

Ellos que en cada partido de la selección argentina se empeñaban en hacerme la vida imposible, con cantitos, provocaciones [...]

Fui a la cancha temprano y había una marea de camisetas amarillas en cada rincón. Los cánticos eran la mayoría en contra de la Argentina. Por suerte, me había puesto una remera amarilla, el ambiente no estaba como para decir que uno era argentino.

Nesses dois trechos acima o texto apresenta o discurso de rivalidade, a partir das provocações e das canções contra a Argentina. Alguns elementos culturais são citados sem profundidade, como os cantos típicos do universo do futebol, os uniformes e, nas sequências discursivas seguintes, os programas de televisão. No trecho abaixo encontramos um conteúdo discursivo que mostra que a rivalidade do âmbito esportivo extrapola para algo maior, inclusive quanto ao processo de integração da própria região:

Me senté y el hincha brasileño de al lado de mí me preguntó de dónde era. "Perú", le respondí, después de escuchar un rato antes "América Latina unida, menos Argentina"

Entendemos que a citação ‘América Latina unida, menos Argentina’ mostra que a rivalidade esportiva pode estimular outros tipos de rivalidade entre Brasil e Argentina. Encontramos nessa matéria sequências discursivas que mostram a rivalidade dos argentinos em relação aos brasileiros, como por exemplo:

En la Argentina, muchos sonrieron, hubo miradas cómplices, bromas en los programas de TV. El 7-1 de Alemania ante Brasil generó todo tipo de reacciones.

En media hora, Brasil pierde 5-0 la semifinal de su Mundial. No puedo creerlo. Parece un sueño [...]

Llegué al hotel, por fin pude celebrar una jornada que nunca voy a olvidar, un día que quedará por siempre en la historia.

Encontramos discursos semelhantes em um texto assinado pela argentina Andrea Ventura, com o título de *'DEL ¡vamos Argentina! A la alemanización de Río'*³⁷. Nele, o discurso de rivalidade esportiva foi permeado por uma situação política. O contexto era o seguinte: alguns brasileiros passaram a torcer pela seleção argentina. Com gritos a favor da Argentina, esses torcedores utilizaram a ironia, como figura de linguagem, para manifestarem-se contra alguns aspectos políticos brasileiros.

Os brasileiros que manifestavam apoio à seleção da Argentina, na verdade, estavam se manifestando contra o uso de verba pública para a realização da copa do mundo de futebol em detrimento à alocação de verbas para a saúde, educação e outras áreas.

Além disso, a jornalista argentina descreve a seguinte situação que ocorreu na cidade do Rio de Janeiro. De acordo com uma das brasileiras entrevistadas naquela cidade, o prefeito, Eduardo Paes, havia dito que se a seleção argentina conquistasse o campeonato mundial de futebol, ele cometeria suicídio. Tal declaração reafirma o conteúdo discursivo de rivalidade entre os dois países e, obviamente, contribui para a (re)construção de imaginário negativo dos brasileiros em relação aos argentinos. Como destacamos nos trechos abaixo:

¡Aaargentina, Aaargentina! El aliento ensordecedor venía de un grupo de manifestantes brasileños que estaba en contra de la Copa por los gastos que le ocasionó a la ciudad (y al país) y los presupuestos que se resignaron en otras áreas, como salud y educación.

Había una explicación y Tania, una de las manifestantes, se encargó de darla. "El alcalde de Río de Janeiro, Eduardo Paes, dijo que si la Argentina sale campeón del mundo..., se suicida", comentó. Y como estaban en contra de la organización del Mundial y también, claro, del alcalde, decidieron sumarse a la *torcida* argentina y alentarla, a pesar de su corazón *verdeamarlo*.

³⁷VENTURA, Andrea. **DEL ¡vamos Argentina! A la alemanización de Río**. Canchallena. 13.julho.2014. Disponível em: <<http://www.lanacion.com.ar/1708804-del-vamos-argentina-a-la-alemanizacion-de-rio>> Acesso em: 15.dez. 2014.

Observa-se, então, que independentemente da seção ou da angulação debatida na instância de arquitetura do produto midiático, as matérias jornalísticas apresentam diferentes discursos e em muitos momentos exploram diferentes elementos culturais que são importantes vetores para a (re)construção de imaginários que os argentinos, em geral, podem ter a respeito do Brasil e dos brasileiros, e vice-versa.

Em nossa visão, elementos culturais dos dois países aparecem mais amplamente em matérias com temáticas de turismo, cultura e esportivas. Nas demais temáticas os jornalistas poderiam apresentar mais elementos culturais e, assim, contribuir de maneira mais efetiva para a [re]construção da percepção de um povo a respeito do outro.

Referenciais bibliográficos deste capítulo

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2013.

MEDINA, Cremilda. **Atravessagem**: reflexos e reflexões na memória de repórter. São Paulo: Summus, 2014.

NEVEU, Érik. **Sociologia do jornalismo**. Edições Loyola, São Paulo, 2006.

6. Considerações Finais

A partir da pequena amostra das matérias analisadas nos capítulos desta tese, buscamos investigar o problema central desta pesquisa que sintetizamos na seguinte indagação: Como matérias jornalísticas contribuem na (re)construção de imaginários sobre como o Brasil e a Argentina se veem? Problemas secundários também foram investigados, como: Quais são os elementos simbólicos presentes para realizar tal (re) construção de imaginários? Como a alteridade inerente à construção identitária é tratada nas matérias jornalísticas selecionadas para análise?

Identificamos que as referidas matérias jornalísticas poderiam explorar de modo mais amplo e profundo os elementos culturais dos dois países. Na maioria das vezes, encontramos apenas apresentação de alguns elementos culturais sem a articulação deles em profundidade com o contexto cultural dos brasileiros e argentinos. Os jornais e os jornalistas poderiam ter contribuído de modo muito mais significativo para a compreensão cultural entre brasileiros e argentinos. Não basta que simplesmente apresentem, nas matérias, elementos culturais de um ou de outro povo. É preciso que se aprofundem na compreensão desses elementos a partir dos contextos culturais em que se inserem; é necessário que realizem a mediação simbólica deles dando sentido aos intertextos que emergem da polifonia e da complexidade da realidade. Nesse processo, a atuação do jornalista é de fundamental importância, como já foi explicitado no Capítulo 3 desta tese.

De fato, a partir da amostra de matérias colhidas para esta tese, conseguimos identificar que o jornalista é sim um ator fundamental nesse processo de (re)construção de imaginários identitários, principalmente quando coloca suas marcas de autoria no texto que produz. Essa tecitura passa a carregar um conteúdo discursivo e/ou narrativo capaz de organizar fatos e, assim, contribuir no processo constitutivo de identidades individuais e coletivas.

Chegamos à conclusão de que a alteridade é tratada nas matérias jornalísticas em um amplo processo multidimensional, no qual o jornalista-autor age como um mediador

e o destinatário utiliza seus sistemas de valores e repertório para ressignificar a mensagem recebida. Assim, o destinatário consegue reconfigurar o discurso recebido a partir de outros.

Como foi examinado nos capítulos 2 e 3 desta tese, os conteúdos das matérias são constituídos por diferentes atores nas instâncias da arquitetura e de produção no organismo midiático, de modo que a produção de sentidos relativos a essas matérias é em grande parte planejada e monitorada por esses atores. Por outro lado, o público que recebe essas notícias tem importante papel no processo de ressignificação dos conteúdos difundidos pelas mídias. Esse complexo processo resulta na (re)construção dos imaginários dos brasileiros em relação aos argentinos e vice-versa.

Confirmamos a nossa hipótese de que elementos culturais, presentes nas matérias jornalísticas analisadas, constituem-se em importantes vetores para a (re)construção do relacionamento entre o Brasil e a Argentina, e para a precepção que o povo de cada um desses países forma a respeito do povo do outro país. Durante as análises das matérias jornalísticas, nos defrontamos com a pobreza na abordagem de elementos culturais dos dois países. Encontramos os referidos elementos, de modo mais amplo, especialmente em matérias das seções de cultura e turismo. Mesmos assim, a articulação desses elementos com o contexto, com o universo cultural do outro e com as marcas autorais dos jornalistas nas matérias analisadas, poderia ser tecida de modo mais intenso.

Os discursos, sejam ou não também narrativas, presentes nas matérias jornalísticas examinadas são vetores capazes de alimentar e (re)construir as identidades individuais e coletivas. Analisando especialmente a construção e a veiculação de matérias jornalísticas no Brasil e na Argentina, constatamos que várias delas contribuem para o processo de (re)construção de imaginários de argentinos em relação a brasileiros e vice-versa e, em alguns casos, até podem ser facilitadoras da integração cultural, social, econômica e política entre os dois Estados. Outras matérias sugerem rivalidade e conflituosidade entre os países. Todavia, no geral, há pouca profundidade na apresentação e compreensão dos elementos culturais trazidos pelas matérias jornalísticas analisadas.

Consideramos o jornalista como o ator fundamental, o protagonista no processo de (re)construção do imaginário de brasileiros e argentinos representado nas matérias jornalísticas estudadas. Nessa linha de raciocínio, foram especialmente relevantes as considerações de Medina (2008) e de Sandano (2014), que trazem ao debate acadêmico a necessidade de se pensar a prática jornalística do ponto de vista não meramente técnico. Essa prática precisa acontecer de modo a contemplar a sensibilidade do jornalista, como mediador de significados sociais intertextuais, para que seja captada a polissemia e a polifonia relativas aos fenômenos abrangidos pela matéria jornalística.

Com base no debate presente nos capítulos anteriores e independentemente do tipo de discurso, de (re)construção positiva ou negativa de imaginários entre brasileiros e argentinos, realizamos aqui uma alusão à epígrafe desta tese. Tal qual o poema de João Cabral de Melo Neto, que diz que a manhã é tecida a partir do canto de diversos galos, podemos dizer que tanto as identidades individuais e coletivas quanto o relacionamento entre diferentes países, como o Brasil e a Argentina, são construídos a partir de um processo dialógico complexo.

Buscamos nesta tese um aporte teórico que nos ajudou a observar que essa complexidade dialógica não se dá apenas a partir da veiculação de matérias jornalísticas com diferentes tipos de elementos culturais. O processo de construção do produto midiático percorre diversas fases e envolve diversos atores. Nesse processo, o discurso se constitui em texto e, em certos casos, em narrativa. Por isso, consideramos que o processo dialógico não se restringe ao que é veiculado na mídia e o que o receptor da mensagem efetivamente recebe. Há um processo de troca durante a produção das matérias jornalísticas. Diferentes atores trazem à mesa das reuniões de pauta os seus discursos, que colocados em diálogo com o discurso da empresa de jornalismo e das fontes entrevistadas, resultam nas matérias a serem publicadas.

Entendemos que somente aliando a técnica com a sensibilidade, o jornalista consegue dar voz às demandas de uma sociedade igualmente complexa. Assim, o fruto do trabalho do jornalista pode ser o de colocar o diferente em dialogia, contribuindo à formação da visão crítica na sociedade.

As empresas jornalísticas, e todos os atores envolvidos, apresentam à sociedade matérias jornalísticas com diversos tipos de elementos culturais e discursos. A partir disso, a instância da recepção reconfigura esse produto jornalístico com base em seu próprio repertório. Dessa forma, novos discursos são tecidos no debate social. Assim, a instância da recepção passa a alimentar a construção de novas narrativas e discursos midiáticos, configurando um círculo virtuoso interdependente. Como disse João Cabral de Melo Neto, “um galo sozinho não tece a manhã”.

Por isso, consideramos que o imaginário entre o Brasil e a Argentina é construído e (re)construído constantemente em um amplo e complexo processo dialógico consubstanciado nas matérias jornalísticas, como as analisadas nesta tese.

Referenciais bibliográficos deste capítulo

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **Brasil, Argentina e Estados Unidos: conflito e integração na América do Sul (da tríplice aliança ao Mercosul), 1870 – 2007**. 3. ed, rev. e ampl.. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. 14. ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 2006.

_____. **Sobre a televisão**. A influência do jornalismo e os jogos olímpicos. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2013.

FIGARO, Roseli (org). **Comunicação e Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2012

LAFER, Celso. **A identidade internacional do Brasil e a política externa brasileira: passado, presente e futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

LAGO, Claudia, BENETTI, Marcia (orgs.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano**. São Paulo: Summus, 2003

_____. **Ciência e jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos**. São Paulo: Summus, 2008.

_____. **O signo da relação: comunicação e pedagogia dos afetos..** São Paulo: Paulus, 2006.

_____. **Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial**. São Paulo: Summus, 1988.

PÊCHEUX, Michel. **Análise de discurso: Michel Pêcheux**. Textos selecionados: Eni Puccinelli Orlandi – Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

SANDANO, Carlos Eduardo Santos. **Para além do código digital: discussões epistemológicas para a prática jornalística na contemporaneidade**. Orientadora: Cremilda Celeste de Araújo Medina. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). São Paulo: ECA/USP, 2014.

Bibliografia

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **Brasil, Argentina e Estados Unidos: conflito e integração na América do Sul (da tríplice aliança ao Mercosul), 1870 – 2007**. 3. ed, rev. e ampl.. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

BAUER, Martin W; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Tradução: Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **A cultura no mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa, Portugal, 3. ed., Edições 70, 2004.

BARTHES, R. et al.. **Análise estrutural da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 1971.

BHABHA, Homi . **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: EDUFMG, 1998.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral**. São Paulo: Pontes, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. 14. ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. A influência do jornalismo e os jogos olímpicos. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BRANDALISE, Roberta. **A televisão brasileira nas fronteiras do Brasil com o Paraguai, a Argentina e o Uruguai**. Tese de Doutorado. São Paulo: ECA/USP, 2011.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2012.

_____. **Introdução à análise do discurso**. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1997.

BRAIT, Beth; SOUZA E SILVA, Maria Cecília (orgs). **Texto ou discurso?**. São Paulo: Contexto, 2012.

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial: 2006.

CANCLINI, Néstor García. **A globalização imaginada**. São Paulo: Editora Iluminuras, 2003.

_____. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

_____. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

CANDEAS, Alessandro. **A integração Brasil-Argentina: história de uma ideia na visão do outro**. Brasília: FUNAG, 2010.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2013.

_____. **Discurso das mídias**. Tradução Angela S. M. Corrêa. 1. Ed. São Paulo: Contexto, 2007.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do jornalismo: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística**. São Paulo: Summus, 1994.

CHEVALIER, Alain Gheerbrant. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1988.

DONGHI, Tulio Halperin. **História da América Latina**. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987

FIGARO, Roseli(org). **Comunicação e Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2012

FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia**. Coleção Princípios. São Paulo: Ática, 1988.

FOGAÇA, Katiuscia da Cunha Lopes. **A leitura do signo da relação. Ler como ato de comunicação social. Percorso teórico e experimento em saraus**. Tese de doutorado. São Paulo: USP/ECA, 2010.

FURTADO, Celso. **A economia latino-americana: formação histórica e problemas contemporâneos**. 4.ed.. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FRANCO, Maria Laura Publisi Barbosa. **Análise de Conteúdo**. Brasília. 2. ed.: Liber Livro Editora, 2007.

GENETTE, Gerard. **Nuevo discurso del relato**. Madrid: Cátedra, 1993.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tadeu da Silva, Guararica Lopes Louro – 10. ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

KARAM, Francisco José Castilhos. **A ética jornalística e o interesse público**. São Paulo: Summus, 2004.

LAFER, Celso. **A identidade internacional do Brasil e a política externa brasileira: passado, presente e futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

LAGO, Claudia, BENETTI, Marcia (orgs.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações científicas**. 6. ed.. São Paulo: Atlas, 2001.

MAINGUENEAU, Dominique; CHARAUDEAU, Patrick. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2014.

MARQUES, Fabrício R.; CREUZ, Luis Rodolfo Cruz; DRIUSSO, Marcelo. **O peso da redemocratização no processo de integração entre Brasil e Argentina**. Cadernos do PROLAM/USP – Brazilian Journal of Latin American Studies, Ano IX, número 17, v.2, Editora: Maria Cristina Cacciamali, 2010.

MAROCCO, Beatriz; BERGER, Christa. **A era glacial do jornalismo – teorias sociais da imprensa: pensamento crítico sobre os jornais**. Porto Alegre: Sulina, 2006

MARQUES, Fabrício R.; CREUZ, Luis Rodolfo Cruz; DRIUSSO, Marcelo. **O peso da redemocratização no processo de integração entre Brasil e Argentina**. Cadernos do PROLAM/USP – Brazilian Journal of Latin American Studies, Ano IX, número 17, v.2, Editora: Maria Cristina Cacciamali, 2010.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Comunicação & identidade: quem você pensa que é?**. São Paulo: Paulus, 2010.

_____. **Mídia e poder simbólico: um ensaio sobre comunicação e campo religioso**. São Paulo: Paulus, 2003.

MASTRINI, Guillermo; BECERRA, Martín. *“50 años de concentración de medios em América Latina: Del patriarcado artesanal a la valorización em escala”*. Disponível em: <<http://www.saladeprensa.org/art473.htm>>. Acesso em: 17 ago. 2011.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano**. São Paulo: Summus, 2003

_____. **Atravessagem: reflexos e reflexões na memória de repórter**. São Paulo: Summus, 2014.

_____. **Ciência e jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos**. São Paulo: Summus, 2008.

_____. **O signo da relação: comunicação e pedagogia dos afetos**. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. **Notícia, um produto à venda:** jornalismo na sociedade urbana e industrial. São Paulo: Summus, 1988.

MELO, José. **Jornalismo opinativo.** 3. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **Brasil, Argentina e Estados Unidos:** conflito e integração na América do Sul (da tríplice aliança ao Mercosul), 1870 – 2007. 3. ed, rev. e ampl.. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo.** Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, 1999.

MORAES JÚNIOR, Enio. **Formação de jornalistas:** elementos para uma pedagogia de ensino do interesse público. São Paulo: Annablume, 2013.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

_____. **Narratologia, teoria e análise narrativa.** Brasília: Casa das Musas, 2005.

NERY, André Luís. **Preconceitos e rivalidade futebolística entre Argentina e Brasil:** análise da cobertura dos jornais Folha de S.Paulo e Clarín nas Copas do Mundo de 1986 a 2002. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PROLAM/USP, 2007.

NEVEU, Érik. **Sociologia do jornalismo.** Edições Loyola, São Paulo, 2006.

OLIVEIRA DA SILVA, Marconi. **A notícia como narrativa e discurso.** Estudos de jornalismo e mídia. Vol. IV, n.1. Universidade Federal de Santa Catarina, 2007. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2200/2053>> Acesso em: 14 agos. 2014.

ORLANDI, Eni. **Interpretação:** autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Campinas: Pontes, 2004.

PALACIOS, Ariel; CHACRA, Guga. **Os hermanos e nós.** São Paulo: Contexto, 2014.

PÊCHEUX, Michel. **Análise de discurso:** Michel Pêcheux. Textos selecionados: Eni Puccinelli Orlandi – Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

RAMALHO, Alzimar Rodrigues. **O perfil da TV universitária e uma proposta de programação interativa.** Orientadora: Dra. Marília Franco. Tese Doutorado – Escola de Comunicação e Artes/USP. São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27153/tde-20082010-233513/pt-br.php>> . Acesso em: 20 agos. 2011.

REUTER, Yves. **A análise da narrativa.** São Paulo: Difel, 2002.

RUBIM, Antônio Albino Canelas; BENTZ, Ione Maria Ghislene; PINTO, Milton José.(orgs). **Produção e recepção dos sentidos midiáticos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

SAAD, Beth. **Estratégias 2.0 para a mídia digital**: Internet, informação e comunicação. 2. Edição. São Paulo: SENAC, 2008.

SANDANO, Carlos Eduardo Santos. **Para além do código digital**: discussões epistemológicas para a prática jornalística na contemporaneidade. Orientadora: Cremilda Celeste de Araújo Medina. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). São Paulo: ECA/USP, 2014.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2012.

SEIXAS, Renato. **Identidade cultural na América Latina**: conflitos culturais globais e mediação simbólica. Cadernos do PROLAM/USP – Brazilian Journal of Latin American Studies, Ano VII, v.1, São Paulo: Ltr, 2008.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Gislene et al. **Jornalismo contemporâneo**: figurações, impasses e perspectivas. Salvador: EDUFBA, Brasília: Compós, 2011.

SILVA, Juremir Machado da. **A miséria do jornalismo brasileiro**: as (in)certezas da mídia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 1970.

VICCHIATTI, Carlos Alberto. **Jornalismo**:comunicação, literatura e compromisso social. São Paulo: Paulus, 2005.

WHITE, Hayden. **The value of narrative in the representation of reality**.Chicago University Press, 1981.

ZUMCKELLER, Claudio; GIULI, Rodrigo de. **Jornalismo**:o papel do canudo de papel. Jundiaí, SP: Editora In House, 2010.

Jornais, revistas, televisão e internet

ABREU, Kátia. **Argentina, ruína pela política**. Folha de S. Paulo. 8.fevereiro.2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/151250-argentina-ruina-pela-politica.shtml>> Acesso em: 2.jan. 2015.

ALVARENGA, Darlan; CARDILLI, Juliana. **10 pontos para entender a crise na Argentina**. Portal G1.com. 27.junho.2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/01/entenda-crise-economica-e-politica-na-argentina.html>> Acesso em: 26.dez.2014.

BERNALES, Florencia. **El corazón en Pernambuco**. Clarín. 12.janeiro.2014. Viajes. Disponível em: <http://www.clarin.com/viajes/corazon-Pernambuco_0_1064893542.html> Acesso em: 22 dez. 2014.

CARMO, Marcia. **Mau humor social no Brasil às vésperas da Copa intriga argentinos**. Site Clarín em português. 9.junho.2014. Disponível em: <http://www.clarin.com/br/nem-brasileiros-comemoram-Copa_0_1153685211.html> Acesso em: 6.jan..2015.

COLOMBO, Sylvia. **São Paulo será tema de feira de Buenos Aires**. Blog Latinidades - Folha de S. Paulo. 25.março.2014. Disponível em: <<http://sylviacolombo.blogfolha.uol.com.br/2014/03/25/sao-paulo-sera-tema-da-feira-de-buenos-aires/>> Acesso em: 02.jan. 2015.

CONTRERA, Malena. Do lado de fora do jardim encantado: comunicação e desencantamento do mundo. **Revista da Associação Nacional dos programas de Pós-Graduação em Comunicação**. E-compós, Brasília, v.12, n/3, set/dez, 2009. Disponível em: <http://compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/432/384> Acesso em: 24 julh. 2014

DOMÍNGUEZ, Soledad. **Una argentina en Río: la fantasía de vivir en el país del “tudo bem”**. Clarín.18.janeiro.2014. Viajes. Disponível em: <http://www.clarin.com/sociedad/argentina-Rio-fantasia-vivir-pais_0_1068493248.html> Acesso em: 22.dez. 2014.

FELDMAN, Martín. **EL inolvidable relato de un hinchista argentino que vio el 7-1 en el Mineirao rodeado de brasileños**. Canchallena. 9.julho.2014. Disponível em: <<http://canchallena.lanacion.com.ar/1708432-el-relato-de-un-hinchista-argentino-que-vio-el-7-1-en-el-mineirao-rodeado-de-brasilenos>> Acesso em: 15.dez. 2014.

FENAJ. **Código de ética da radiodifusão brasileira**. Disponível em: <http://www.fenaj.org.br/arquivos/codigo_de_etica_da_radiodifusao_brasileira.doc> Acesso em: 20 julh. 2014

FIGUEIREDO, Janaína. **Dilma assume presidência do Mercosul defendendo Argentina de ‘especuladores’**. Extra. 17.dezembro.2014. Disponível em: <<http://extra.globo.com/noticias/economia/dilma-assume-presidencia-do-mercosul-defendendo-argentina-de-especuladores-14860026.html>> Acesso em: 10.jan. 2015.

- FREIRE, Vinicius Torres. **O Brasil pode ajudar a Argentina?** Folha de S.Paulo. 29.janeiro.2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/viniciustorres/2014/01/1404347-o-brasil-pode-ajudar-a-argentina.shtml>> Acesso em: 15.nov. 2014.
- HATOUM, Milton. **Conversa com um hermano.** O Estado de S.Paulo. 18.julho.2014. Caderno de Cultura. Disponível em: <<<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,conversa-com-um-hermano-imp-1530479>>> Acesso em: 7 nov.. 2014.
- MARQUES, Camila. **Amo mais a Argentina graças à derrota final.** Folha de S.Paulo.14.julho.2014. Caderno Esportes. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/175942-amo-mais-a-argentina-gracas-a-derrota-na-final.shtml>> Acesso em: 2 jan. 2015.
- MING, Celso. **Gaúcho não tem salvação.** O Estado de S.Paulo. 12.março.2014. Caderno de Economia. Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,gaucho-nao-tem-salvacao-imp-1139806>> Acesso em: 5.nov. 2014.
- MOORES, Ezequiel Fernández. **Cuando juega Brasil.** Canchallena. 17.junho.2014. Internacional. Disponível em: <<<http://canchallena.lanacion.com.ar/1702185-copa-del-mundo-2014-columna-ezequiel-fernandez-moores>>> Acesso em: 6.jan..2015.
- MOORES, Ezequiel Fernández. **Medio siglo en Brasil.** La Nacion. 31.dezembro.2014. La Nacion. Disponível em: <<<http://www.lanacion.com.ar/1756448-medio-siglo-en-brasil>>> Acesso em: 10. jan. 2015.
- MONTEIRO, Marcelo. **As grandes polêmicas de Brasil e Argentina.** GloboEsporte.com. Disponível em <<http://globoesporte.globo.com/platb/memoriaec/2009/09/04/as-grandes-polemicas-de-brasil-x-argentina/>>. Acesso em: 29 out. 2014.
- MOTA, Vinicius. **Por uma cabeça.** Folha de S.Paulo. 17.fevereiro.2014. Caderno Opinião. Disponível em: <<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/152570-por-uma-cabeca.shtml>>>. Acesso em: 12.dez. 2014.
- PALÁCIOS, Ariel. **Um país e sua história de crises.** O Estado de S. Paulo. 10.maio.2014. Caderno Economia. Disponível em: <<<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,um-pais-e-sua-historia-de-crisis,184408e>>> Acesso em: 06 jan. 2015.
- PALÁCIOS, Ariel. **Um país e sua história de crises.** O Estado de S. Paulo. 10.maio.2014. Caderno Economia. Disponível em: <<<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,um-pais-e-sua-historia-de-crisis,184408e>>> Acesso em: 6 jan. 2015.
- PALACIOS, Ariel. **Inflação argentina acumula mais de 33% desde janeiro (tudo isso com uma pitada de Edvard Munch enquanto o país teme saques a estabelecimentos comerciais em dezembro).** O Estado de S.Paulo. 25.nov..2014. Internacional. Disponível em: <<<http://internacional.estadao.com.br/blogs/ariel->

[palacios/inflacao-argentina-acumula-mais-de-33-desde-janeiro-enquanto-o-pais-tem-saques-a-estabelecimentos-comerciais-em-dezembro/](#)> Acesso em: 27 dez.. 2014.

PALACIOS, Ariel. **Argentina deixa para trás o “Dolar-Messi” e vai na direção do “Dólar-Baile de debutantes” (e um dicionário de ‘dolarês’ portenho).** O Estado de S.Paulo. 3.set.2014. Internacional. Disponível em:

<<<http://internacional.estadao.com.br/blogs/ariel-palacios/argentina-deixa-para-atras-o-dolar-messi-e-vai-na-direcao-do-dolar-baile-de-debutantes/>> Acesso em: 20.nov.2014.

TURRIS, Antonio E.De. **Un gran dilema ético que plantea el Mundial.** LaNacion.

11.junho.2014. Disponível em:<<<http://www.lanacion.com.ar/1700172-un-gran-dilema-etico-que-plantea-el-mundial>> Acesso em: 06.jan.2015.

SEIFERT, Roberto. **Brasil aplica nuevas trabas al ingreso de frutas desde la Argentina.** La Nacion. 15.outubro.2014. Disponível em:

<<http://www.lanacion.com.ar/1735556-brasil-aplica-nuevas-trabas-al-ingreso-de-frutas-desde-la-argentina>> Acesso em: 22.jan. 2015.

SEIXAS, Renato. **Identidade Cultural Pós-Moderna: Uma abordagem por meio de mensagens publicitárias.** 24.junho2009. Disponível em:

<<https://renatoseixas.wordpress.com/2009/06/24/identidade-cultural-pos-moderna-uma-abordagem-por-meio-de-mensagens-publicitarias/>> Acesso em: 06 julho. 2015

SEIXAS, Renato. **Identidade Cultural da América Latina: Conflitos Culturais**

Globais e Mediação Simbólica. 12.maio.2008. Cadernos PROLAM/USP (Ano 08 – vol.1 – 2008). Disponível em: <

http://www.usp.br/prolam/downloads/2008_1_4.pdfAcesso em: 05 julho. 2015

WERNECK, Rogério L. Furquim. **A argentinização do setor elétrico.** O Estado de S. Paulo. 14.fevereiro.2014. Caderno Economia. Disponível em:

<<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,a-argentinizacao-do-setor-eletrico-imp-1130168>> Acesso em: 2 jan. 2015.

VENTURA, Andrea. **DEL ¡vamos Argentina! A la alemanización de Río.**

Canchallena. 13.julho.2014. Disponível em: <<http://www.lanacion.com.ar/1708804-del-vamos-argentina-a-la-alemanizacion-de-rio>> Acesso em: 15.dez. 2014.

Anexos

ABREU, Kátia. **Argentina, ruína pela política.** Folha de S. Paulo. 8.fevereiro.2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/151250-argentina-ruina-pela-politica.shtml>> Acesso em: 2.jan. 2015.

Argentina, ruína pela política

8 DE FEVEREIRO DE 2014 - MERCADO - EDIÇÃO IMPRESSA

É do interesse nacional do Brasil de alguma forma apoiar a Argentina, se as coisas se complicarem

Alguém já disse, examinando a história, que não é verdade que as sociedades só caminham para a frente. A chance de retroceder é quase a mesma de avançar. Nada do que foi conquistado está garantido para sempre. A presente agonia da Argentina é mais uma triste lição sobre a fragilidade das conquistas humanas.

No começo do século 20, a Argentina era uma das nações mais ricas do mundo, com recursos naturais aparentemente ilimitados e uma renda por habitante superior à da maioria dos países hoje desenvolvidos. Atualmente, sua renda per capita é de pouco mais de US\$ 11.000 anuais, no mesmo nível dos demais países emergentes.

Sua economia está em ruínas, com produção estagnada e inflação de 30% ao ano. O desabastecimento é generalizado, as reservas cambiais estão no limite mínimo de segurança, esgotando-se rapidamente. Por fim, o país está com acesso vedado a todos os mercados de crédito internacional, privados e públicos.

O destino da Argentina é uma mostra apavorante do que pode fazer a loucura política. Um território pleno de riquezas e uma população educada não foram capazes de deter a destruição provocada por políticas públicas ruinosas inspiradas no populismo e na mais irresponsável demagogia.

Embora tudo tenha começado pelas mãos de um homem, a ruína argentina é uma obra coletiva, uma criação de muitos governos, de muitos políticos e até mesmo de uma parte do povo.

Olhar para a Argentina de hoje e para o caminho que se descortina à sua frente deve nos servir de advertência para o potencial destrutivo de decisões políticas equivocadas. As ideologias e a covardia diante de demandas insensatas podem arruinar uma sociedade por gerações.

Para o Brasil, no entanto, contemplar o declínio argentino com indiferença não é uma alternativa. Como dizem os diplomatas do Itamaraty, nossas relações com a Argentina não são uma escolha, são um destino.

Nossas economias têm se integrado progressivamente, apesar dos problemas. Em alguns setores, como o automobilístico, já há um alto grau de complementaridade, com um volume de comércio bilateral superior a US\$ 15 bilhões.

Cerca de um quarto das importações argentinas provêm do Brasil e, em grande medida, são compostas de produtos manufaturados, que não conseguimos exportar para o resto do mundo.

No conjunto, temos obtido seguidos saldos comerciais, que só não são maiores em razão de medidas protecionistas. Elas podem ser explicadas pelo rápido esgotamento das reservas cambiais argentinas e por sua incapacidade de financiar o balanço de pagamentos nos mercados financeiros.

Quando penso em tudo isso, chego à conclusão de que é do interesse nacional do Brasil de alguma forma apoiar a Argentina, se as coisas se complicarem, como é previsível. Se suas reservas se esgotarem e a taxa de câmbio disparar, desorganizando a economia e provocando um nível de inflação que desestabilize a própria sociedade, teremos que ter algum plano para socorrer o nosso vizinho e destino de boa parte das nossas exportações.

A grande questão é que, se forem mantidas as atuais políticas e o governo argentino continuar culpando empresários e economistas por problemas que derivam de fatores reais, qualquer ajuda será inútil. Tomar decisões difíceis nas áreas fiscal e monetária, além de abrir as instituições e o comércio para a iniciativa privada, são as escolhas que restam para salvar o país.

Nesse diapasão, o eventual socorro brasileiro deve ser parte de um pacote maior, condicionado à adoção de mudanças econômicas efetivas. Se houver condições políticas para tanto, deveremos apoiar uma iniciativa internacional, que poderia ser comandada pelo FMI e pelo Banco Mundial, entidades apropriadas para gerir programas de resgate.

É preciso pensar nessas ou em outras formas para apoiar a Argentina nos ajustes necessários na sua economia. É novamente uma emergência. Porém, desta vez, as medidas têm que ser de longo prazo.

Mas o Brasil não tem o direito de fazer recomendações a um país soberano, orgulhoso de seu direito de errar. Nada vai adiantar se a Argentina não se ajudar.

ALVARENGA, Darlan; CARDILLI, Juliana. **10 pontos para entender a crise na Argentina**. Portal G1.com. 27.junho.2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/01/entenda-crise-economica-e-politica-na-argentina.html>> Acesso em: 26.dez.2014.

10 pontos para entender a crise na Argentina

Peso argentino desabou 11% no dia 23, na maior queda diária desde 2002.

Especialistas veem falta de credibilidade e modelo Kirchner como culpados.

A forte desvalorização do peso nos últimos dias levantou ainda mais dúvidas sobre a situação econômica da Argentina, que tem se agravado nos últimos meses com a disparada da inflação e a redução drástica das reservas internacionais.

O G1 ouviu diversos especialistas das áreas de economia e política para entender a origem da crise econômica argentina, avaliar as políticas do atual governo e traçar um panorama do que pode acontecer com o vizinho brasileiro nos próximos meses.

Do megacalote da dívida pública em 2001 aos índices econômicos negativos no início de 2014, confira 10 pontos que explicam a atual crise na Argentina.

1 - Calote de 2001 e desconfiança 2 - Restrições fazem dólar disparar 3 - Inflação alta e dados maquiados 4 - Falta de dinheiro em infraestrutura 5 - Derrota política, doença e reforma 6 - Cristina Kirchner muda o perfil 7 - Sucessão ameaçada em 2015 8 - Protestos de policiais e saques 9 - A 'guerra' contra o Clarín 10 - Crise longa e futuro preocupante

Em 2001, em meio a uma grave crise econômica e política, a Argentina anunciou um calote em sua dívida pública, que na época era de cerca de US\$ 100 bilhões. A decisão abalou a confiança dos investidores, afastou empresas estrangeiras e fez o país ter dificuldades para conseguir empréstimos internacionais. A entrada de dólares ficou dependente da exportação do agronegócio. Mas a economia perdeu competitividade, e a entrada de moeda estrangeira com a venda de grãos e carne também caiu.

Com isso, a Argentina não consegue mais financiar as suas contas externas, e o volume de reservas internacionais – espécie de "poupança" em moeda estrangeira contra crises – vem caindo. Neste início de ano, o volume dessas reservas, que era de US\$ 43 bilhões há 1 ano, caiu para menos de US\$ 30 bilhões. As reservas internacionais brasileiras, para efeitos de comparação, somam mais de US\$ 370 bilhões.

Em 2005, no governo de Nestor Kirchner, o país tentou recuperar credibilidade oferecendo a quem tinha sido prejudicado pelo calote pagamentos com descontos acima de 70%, a serem feitos em 30 anos. Mais de 90% dos credores aceitaram a proposta do governo, mas ações de quem rejeitou o acordo ainda correm em tribunais internacionais.

"De certa forma, a crise de 2001 nunca foi resolvida totalmente, pois parte dos credores não aceitou o calote e foi para a Justiça, o que impede até hoje o país de levantar fundos internacionais de ajuda", afirma Carlos Stempniewski, economista e professor de Comércio Exterior das Faculdades Rio Branco.

Para tentar mudar a situação, o governo adotou diversas medidas que restringem a saída de dólares do país: aumentou impostos sobre gastos no cartão de crédito no exterior, passou a exigir aprovação do banco central para compra de dólar para turismo e impôs restrições ao comércio online.

Com a falta de dólares no mercado, a cotação disparou. Em 23 de janeiro, o peso argentino desabou 11%, a oito pesos por dólar, na maior queda diária desde a crise de 2002. Fora do mercado oficial, no paralelo – que escapa às muitas restrições do governo –, a cotação está ainda mais alta: era de 10 pesos por dólar, tendo se popularizado a expressão "dólar Messi", em referência ao número da camisa do jogador, e já passou a ser negociada por 13 pesos.

A falta de confiança no sistema financeiro do país é enorme, e a "poupança" dos argentinos passou a ser juntar e guardar dólares em casa, o que faz a moeda disparar ainda mais, para desespero do governo. "O que aconteceu foi uma rendição à realidade. O governo que dizia o tempo todo que não iria desvalorizar o câmbio. Na prática, começou a ceder", diz Leonardo Trevisan, que é professor de economia internacional da PUC São Paulo.

"Restou pouco espaço para mágica. Não tem mais o que proibir. Já proibiram tudo por lá. Chegaram ao ápice de controlar até as compras online", diz Carlos Stempniewski. "Pode-se prever mais desvalorização e mais turbulência. É um cenário preocupante que vai exigir remédios amargos que governos populistas resistem a aplicar", completa o economista.

As medidas afetam, além da população, também as empresas argentinas. Para evitar que a balança comercial fique negativa – quando a importação é maior que a exportação –, quem quiser importar precisa compensar com uma exportação no mesmo valor. Há empresas de peças de automóveis, por exemplo, exportando vinhos. Essa política, no entanto, também é responsável por reduzir ainda mais a confiança dos investidores estrangeiros, que se afastam do país e não colocam dólares para dentro da fronteira.

Na sexta-feira, 24 de janeiro, o governo argentino anunciou um relaxamento das medidas de controle e disse que permitirá a compra de divisas estrangeiras pela população para posse e economia. A medida, no entanto, pode ter pouco efeito, visto que os dólares têm sido escassos no país.

A economia pouco competitiva também levou às alturas a taxa de inflação. De acordo com o Instituto Nacional de Estatística e Censo (Indec), órgão oficial do governo, a inflação terminou 2013 em 10,9%. Há suspeitas, no entanto, de que os números têm sido maquiados. Segundo as principais consultorias independentes argentinas, a inflação anual foi de pelo menos 28%.

"Nem o governo acredita nesse índice. A maior prova são os aumentos salariais para os sindicatos amigos. Os caminhoneiros, por exemplo, receberam em outubro reajuste de 25%", afirma o professor Leonardo Trevisan, lembrando que os indícios de maquiagem nos dados oficiais levou a revista "The Economist" a excluir os números do governo argentino das suas publicações.

O Conselho Executivo do Fundo Monetário Internacional (FMI) emitiu no início de 2013 uma declaração de censura contra a Argentina por considerar insuficiente a melhoria de qualidade dos dados oficiais do país, pedida pelo fundo desde setembro de 2012.

Em junho do ano passado, os preços de 500 produtos foram congelados e tabelados como tentativa de controlar a crescente inflação. Grande exportadora histórica de commodities, a Argentina está importando produtos básicos para conter a alta de preços. Recentemente, o país anunciou que iria comprar tomates do Brasil.

"O dólar não pode ter um valor que o governo imagina que ele tem. Mas se deixar o câmbio livre, a pressão inflacionária será ainda mais forte. Como o governo não quer mudar o modelo econômico, ele cede um pouco no câmbio e aperta do outro lado, como acaba de fazer ao restringir as compras online", afirma Leonardo Trevisan.

Leonardo Trevisan, da PUC, explica que, mesmo com uma economia pouco industrializada e baseada na exportação de carne, soja e trigo, a Argentina conseguiu de fato uma melhora nos primeiros anos após a moratória. "Apesar da forte pressão contra a classe média, que compra cada vez menos, de fato há hoje uma distribuição de renda muito mais significativa. Quase 12% dos argentinos muito pobres deixaram a linha de pobreza desde 2004. Mas este tipo de modelo cobra o seu preço, basta ver o que acontece no setor de energia", afirma o professor, citando os recentes blecautes. "Há 25 anos não se constrói nenhuma nova usina de geração de energia na Argentina".

"A família Kirchner entrou pisando no acelerador e a forte demanda externa por commodities

ajudou muito a encobrir os problemas. Mas aí veio a crise financeira de 2008, 2009, a China passou a comprar menos, o dólar ganhou força no mercado internacional e agora a conta está chegando", afirma o economista Celso Toledo, da LCA, em referência ao período entre 2004 e 2007, com o presidente Néstor Kirchner, marcado por taxa de crescimento acima de 6% e crescimento das reservas internacionais.

"O fato concreto é que a Argentina não possui uma estrutura produtiva diversa e competitiva capaz de gerar superávits na conta corrente do país (quando há mais dinheiro entrando no país do que saindo)", avalia Cristina Helena Pinto de Mello, professora de Economia da ESPM.

Além da falta de investimento e da dificuldade de atrair capital estrangeiro, analistas apontam uma regressão institucional no país. "O que está faltando na Argentina são instituições sólidas e confiáveis, e regras confiáveis. É o único país do mundo de renda média baixa que faz maquiagem de dados econômicos", afirma Rodrigo Zeidan, professor de economia e finanças da Fundação Dom Cabral.

A situação do governo Kirchner se complicou em outubro de 2012. Cristina, que já enfrentava uma oposição mais forte, com diversas críticas ao seu governo, sofreu um revés nas eleições legislativas, quando sua coalizão perdeu nos principais distritos – apesar de manter a maioria no Congresso.

"Com o resultado, o governo não tem maioria parlamentar que permita uma reforma para a reeleição de Cristina pela segunda vez. Com isso, ela encerra sua presidência em 2015", diz Luis Fernando Ayerbe, coordenador do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais da Unesp.

A ausência da presidente na campanha, as dúvidas sobre seu verdadeiro estado de saúde – ela ficou afastada para uma cirurgia de drenagem de um hematoma cerebral –, as incertezas sobre a economia do país e o medo da violência pesaram na hora do voto, fazendo do pleito para legisladores uma prévia das eleições presidenciais de 2015.

Cristina retomou seus compromissos semanas após a eleição, em 18 de dezembro de 2013. Na data, anunciou novos ministros da Economia e da Agricultura – medida que surpreendeu a imprensa local.

"Ela fez uma reforma ministerial importante. Colocou pessoas de confiança, mas que tem independência, voo próprio. O kirchnerismo tem uma forte influência do presidente nas decisões cotidianas. Agora ela nomeou pessoas com maior capacidade de gestão e mais independentes", explicou o professor Luis Fernando Ayerbe.

Logo após a reforma ministerial, Cristina saiu de cena e ficou mais de um mês sem aparições públicas – um contraste com a personalidade midiática e a agenda de intensas atividades. No período, passou férias em sua casa em El Calafate, no sul do país, e fez despachos internos na Casa Rosada.

Marcos Castrioto de Azambuja, que já foi embaixador do Brasil na Argentina e na França e é membro do Conselho Curador do Centro Brasileiro de Relações Internacionais (CEBRI), acha que a mudança de perfil se deve a uma consciência de Cristina de que o modelo utilizado por ela se esgotou.

"Como ela estava jogando não estava dando certo. Sua popularidade está caindo. Ela teve um susto relacionado à saúde, um problema que podia ser muito sério, deu a ela a ideia da precariedade das coisas", disse. "É um problema de quem vive um fim de festa, fim de feira. O mundo vai pior hoje do que nos anos iniciais do Néstor Kirchner, quando os países de commodities tiveram seu mercado imensamente ampliado. Hoje há uma diminuição real da capacidade de crescer".

A falta de credibilidade do governo também tem influência no posicionamento da presidente. Segundo o embaixador, a Argentina cometeu "um pecado muito grave da mentira sistemática dos números da economia". "Ninguém acredita no que sai da boca dela [Cristina]. Há uma presunção de que tudo é uma mentira. Agora ela se deu conta que tem menos tempo, menos prestígio e menos pano de onde cortar. O que faz ela sobreviver é que na Argentina não há alternativa ao peronismo", afirmou Azambuja.

Para o professor Ayerbe, tanto a saída de cena quanto a reforma ministerial evidenciaram a necessidade da presidente de focar na sucessão. "A situação está difícil para o kirchnerismo.

Para o governo agora a questão é viabilizar uma candidatura própria, apesar dos percalços econômicos".

Os problemas, para Rubens Ricupero, ex-embaixador, ex-ministro e atual diretor da Faculdade de Economia da Faap, criam um clima perturbador no país. "A Argentina talvez seja o país da América do Sul em que haja mais chance da vitória da oposição – se bem que os dois principais candidatos saíram mais ou menos do setor que era anteriormente do governo" explica. "A derrota do governo é muito forte, e sem dúvida o novo presidente vai herdar uma situação difícil".

Os dois principais nomes da oposição são Sergio Massa, ex-prefeito de Tigre e deputado eleito pela província de Buenos Aires, e Mauricio Macri, prefeito de Buenos Aires que já lançou sua candidatura à presidência para 2015.

Os analistas concordam que Cristina enfrenta sérias dificuldades para ter um sucessor com chances de vitória. Deste modo, a oposição tem amplas chances, apesar de não haver nenhum candidato com grande promessa de renovação.

"A ideia geral é que o kirchnerismo sai em 2015. Eles não têm um candidato que seja viável eleitoralmente. Isso só seria possível se a situação estivesse muito boa, como foi o caso de Lula e Dilma no Brasil em 2010. Para construir um candidato viável, é preciso gerar melhoras. E esse ano vai ser um ano de baixo crescimento", explica o professor Luis Fernando Ayerbe.

Para o embaixador Azambuja, o que faz Cristina ter sobrevivido aos últimos anos é que na Argentina não há alternativa política ao peronismo – corrente da qual ela é a mais recente "encarnação". Além disso, a crise nos setores populares tem sido menor que nos médios e altos. "O peronismo é uma grande ameoba, governa às vezes para a esquerda, às vezes para a direita, mas é a força motriz da Argentina. Não há como escapar desta grande ameoba que vai mudando de forma, que reúne nacionalismo, populismo e estadismo com doses maciças de corrupção".

"As diversas modalidades de peronismo são muito poderosas. Não se viu até hoje uma força verdadeiramente independente do peronismo", afirma o embaixador Ricupero. Para ele, mesmo com uma derrota nas próximas eleições, o kirchnerismo não deve ser visto como derrotado. "A Cristina já tem um certo esquema de sucessão, com seu filho, com a juventude. É difícil imaginar que o kirchnerismo desapareça".

Quando Cristina conseguiu voltar do afastamento médico e realizou a mudança inesperada de gabinete – que levou o foco do país novamente para as iniciativas presidenciais – novos problemas surgiram, criando uma sensação de crise. Um deles foi a greve de policiais, que resultou em protestos da categoria e saques generalizados no interior do país. Pelo menos nove pessoas morreram em enfrentamentos.

"Ela estava saindo da doença, tinha nomeado o novo gabinete, era uma fase que aparecia como de retomada, e acontece algo assim, que cria um clima de insegurança. Ficou mal para ela", analisa o professor Ayerbe.

O embaixador Ricupero, entretanto, lembra que graves protestos e saques não são inéditos na Argentina, apesar da gravidade da situação. "As pessoas se alarmam muito quando isso acontece, mas talvez em outro país fosse um sinal muito mais grave. Evidentemente é grave, mostra uma deterioração muito séria da coesão nacional, da capacidade dos governos de controlar o que está acontecendo. Mas é um fato que se repete há muito tempo", explicou.

Para o embaixador Azambuja, é preciso lembrar que o descontentamento na Argentina é um estado permanente. "A Argentina é um país de insatisfeitos, há uma sensação de que perdeu o bonde da história, uma irritabilidade, uma frustração. Você tem essas greves todas, mas como não há caminho, não há alternativas".

Desde 2009, o governo argentino e o grupo de comunicação Clarín estão em uma batalha judicial para a colocação em vigor da Lei de Meios, que obriga a empresa a se desfazer de várias de suas posses. No fim de 2013, a Suprema Corte da Argentina declarou a lei constitucional.

O jornal, que já fazia oposição ao governo Kirchner, passou a viver praticamente em guerra com a presidente durante os anos de brigas judiciais. Para os especialistas, entretanto, a parte mais grave da disputa já passou, e não deve influenciar o governo no futuro próximo.

"Há muita controvérsia com a Lei de Meios, mas quando ela foi apresentada passou tranquilamente, foi aprovada sem problemas. Quando começou a se caracterizar esse conflito, começou a se associar que ela era para prejudicar o grupo Clarín, criou-se a polêmica, a lei foi contaminada", explica o professor Luis Fernando Ayerbe. "Mas isso agora terminou. O grupo está fazendo um ajuste, o governo vai aprovar, e o conflito não deve ser mais tão grave, apesar de o Clarín continuar na oposição".

A forte desvalorização do peso argentino nos últimos dias é um indicativo de esgotamento do modelo econômico e da série de medidas lançadas pelo governo de Cristina Kirchner. Para os especialistas ouvidos pelo G1, a situação pode estar perto de entrar em um caminho sem volta, de consequências preocupantes.

Ainda que o cenário atual seja o resultado do acúmulo de crises e de problemas antigos não resolvidos, os analistas destacam que a situação das reservas internacionais se agravou no comando de Cristina, quando as receitas com exportações deixaram de ser suficientes para garantir o equilíbrio das contas.

"O conjunto da obra é até pior do que o de 2001. A dinâmica inflacionária, no nível em que está, só se rompe com um choque, não tem choro nem vela. Eu diria que a chance de ter uma recessão daquelas em que o PIB cai 4% nos próximos anos é de quase 80%", diz o economista Celso Toledo, da LCA. "O triste é que já aconteceu com eles. Historicamente, todos os males da Argentina são iguais aos do Brasil, mas um pouco piores. Do governo militar ao plano de estabilização".

A receita econômica para situações como a da Argentina costuma, invariavelmente, incluir a adoção de medidas como desvalorização cambial, mudanças tributárias, aumento na taxa de juros e controle dos gastos públicos. "A Argentina pode dar a volta por cima, basta seguir a cartilha. Vai doer, mas olha o que está acontecendo com países como Grécia e Portugal", diz Rodrigo Zeidan, da Fundação Dom Cabral.

Para os analistas, entretanto, o cenário político com vista às eleições presidenciais de 2015 continuará se impondo, com poucas chances de uma mudança de rota na política econômica no curto prazo. Para eles, caso o cenário internacional não se altere muito, a tendência é que a crise não melhore nem se intensifique.

Para o embaixador Rubens Ricupero, a atual realidade lembra crises do passado, mas sem tanta gravidade. "Não há perspectiva de melhora econômica e política. Há fatores que podem complicar a situação, como o julgamento sobre a dívida externa argentina. O tempo vai se esgotando, a situação é grave, mas ainda não se chegou a um colapso do sistema, como já ocorreu antes".

Para o professor Luis Fernando Ayerbe, há um consenso até mesmo na oposição de que a situação não vai piorar – mas grandes mudanças também não são esperadas. "O governo não vai gerar uma alternativa que melhore a situação econômica. O que se discute é levar as coisas até o final do mandato".

A capacidade de flutuação do país, de conseguir manter-se entre diversas crises, é lembrada por Azambuja. "A Argentina surpreende pelo que não conseguiu fazer, por não ter aproveitado oportunidades extraordinárias. É intrinsecamente um país rico. O que surpreende não é que ela vá mal, mas como ela não consegue ir bem. O país não seguirá muito bem, mas não se prepare para nenhum colapso. Não devemos subestimar a Argentina".

BERNALES, Florencia. **El corazón en Pernambuco**. Clarín. 12.janeiro.2014. Viajes. Disponível em: <http://www.clarin.com/viajes/corazon-Pernambuco_0_1064893542.html> Acesso em: 22 dez. 2014.

Pocos lugares calaron tan hondo en mi corazón como Pernambuco, en Brasil. Por su gente cálida y su exquisita cultura, amo esa tierra hermosa, a la que siempre quiero volver.

Paré en casa de dos grandes músicos y amigos pernambucanos, Rodrigo "Caçapa" y Alessandra Leão, colaboradores en mi nuevo disco "Por la Huella", grabado en Recife y Buenos Aires.

“Caçapa” hizo los arreglos de un tema inédito de Manzi y Demare, y Ale participó en voces y percusión.

Uno de mis viajes coincidió con el Carnaval, para mi gusto, el mejor de Brasil. En Recife (capital de Pernambuco) y Olinda (a 6 km) el pueblo entero sale a las calles. Todo es música, danzas y alegría, en todos los ritmos: el sonido alucinante del *frevo* –la gran estrella de este carnaval– hace hervir la sangre de los bailarines, que saltan y se contorsionan en plena ebullición, agitando sombrillas multicolores por los muchos escenarios de las fiestas callejeras. El increíble *afoxé*, uno de mis favoritos, alienta a subir y bajar las colinas de Olinda cantando y bailando. El *forró* suena en todas sus cadencias; el *maracatú* y las *cirandas* se bailan en grandes ruedas y suenan como nunca las bandas de pífanos, coco y *caboclinhos*. Desfilé con Flor da Lira, un tradicional *bloco* (comparsa) *de frevo*.

Fue uno de los momentos más bellos de mi vida.

Recife –fundada en 1537– fue la primera capital de Brasil. Las iglesias coloniales, con sus campanarios de adobe, conviven con rascacielos de acero y cristal frente a una playa alucinante. Invitada por Alessandra, canté en dos sitios emblemáticos: la Rua da Moeda, en el corazón del casco antiguo, y el Patio de São Pedro, centro de celebración de la música de raíz africana. La Noche de los Tambores Silenciosos es la más maravillosa del Carnaval, frente a la iglesia de San Pedro.

Recorrí el mercado de São Jose, el más grande y colorido; mi paseo dilecto para comer, visitar iglesias, descubrir rincones y tiendas donde comprar *chita*, tela típica de los trajes tradicionales del nordeste. La mejor hora es al atardecer, cuando el ocaso tiñe de oro las antiquísimas calles.

Todo es diversidad en Pernambuco. Como con los ritmos, hay infinidad de comidas en puestos callejeros. Las *tapioqueras* apostadas en la vereda con sus braseros portátiles cocinan panqueques de fécula de mandioca. La típica de queso y coco me encanta, pero los *espetinhos* (pequeñas brochettes) de carne con lonjas de tocino rebozados en *farofa* son mi manjar preferido. Se venden camarones secos y ostras en bolsitas, huevos de codorniz y un rico queso asado (versión de nuestra provoleta) que se prepara en el momento. El delicioso coco helado y el caldo de cana (jugo de caña de azúcar con hielo y limón) son mis bebidas favoritas para el día.

Entrada la noche, lo mejor es el caldo de *feijão*: un concentrado de proteínas de frijol negro al que se le agrega una cucharadita de charque, camarón disecado, aceituna, huevo de codorniz y una pizca de picante. El *axé* es una poderosa bebida –para tomar con cautela– que se acompaña con semillas de guaraná, y puede ayudar para estar a la altura del desvelo y el frenesí de los locales. Me animé a comer de todo y acá estoy, ¡vivita y extrañando! Qué ganas tengo de cantar otra vez: “*Voltei, Recife, foi a saudade que me trouxe pelo braço...*”.

Pernambuco es una tierra infinita y generosa.

CARMO, Marcia. **Mau humor social no Brasil às vésperas da Copa intriga argentinos.** Site Clarín em português. 9.junho.2014. Disponível em: <<http://www.clarin.com/br/nem-brasileiros-comemoram-Copa_0_1153685211.html>>

Acesso em: 6.jan..2015.

Mau humor social no Brasil às vésperas da Copa intriga argentinos

"Por que nem todos os brasileiros comemoram a Copa?" Essa tem sido uma pergunta frequente aqui nos últimos dias em Buenos Aires. "O brasileiro mudou?", tentam saber. E eles mesmos, de certa forma desconcertados, buscam explicação, como ocorreu, nesta segunda, 9, ao vivo, numa emissora de televisão da capital argentina. Nova pesquisa de opinião reiterou a rejeição de parte dos brasileiros ao evento. E um especialista canadense acha que o saldo da Copa será positivo. Da série. 'o que andam falando da gente'.

O desconcerto dos argentinos diante das manifestações no Brasil foi comentado assim na TV.

"Se tivessem me falado que os protestos ocorreram na África do Sul, eu até entenderia, mas no Brasil? Realmente é surpreendente", disse o âncora da emissora de televisão, TN (Todo Noticias), de Buenos Aires.

Uma colega a seu lado completou: "Houve uma mudança na sociedade brasileira e talvez ela esteja ligada à maior inclusão social que ocorreu durante os governos de Lula e de Dilma Rousseff".

A TN tinha acabado de transmitir um vídeo do Youtube com imagens do Brasil e a música "Desculpe Neymar", do compositor brasileiro Eduardo Krieger, como pano de fundo. Nela, o artista pede desculpas por não apoiar a seleção nesta Copa, diante dos gastos bilionários e dos problemas existentes no país.

Pesquisa

A três dias da abertura do Mundial, uma nova pesquisa de opinião divulgada nesta segunda confirmou, uma vez mais, como os brasileiros estão divididos em relação à realização do campeonato no Brasil.

De acordo com o levantamento da TNS Brasil, chamado "Brasil além da bola", 53% dos brasileiros acham que sediar a Copa foi "uma decisão errada" e 52% afirmaram que o legado do Mundial será "negativo".

Ao mesmo tempo, 39% disseram que a imagem do Brasil no exterior ficará "comprometida" após o Mundial. O estudo contou com 968 entrevistas em nove capitais brasileiras, entre maio e junho deste ano.

Copa, protesto e eleição

Não é o que pensa um analista estrangeiro.

De passagem por Buenos Aires para um seminário fechado no qual o Brasil foi o tema central, o professor canadense de ciências políticas Philippe Faucher, do Centro de Estudos e Pesquisas Internacionais da Universidade de Montreal, no Canadá, afirmou ao **Clarín em Português** que a Copa vai beneficiar a imagem do país no exterior:

"Aconteceu com a África do Sul, na Copa de 2010, com as Olimpíadas de Pequim, na China, com os Jogos de Inverno (de Sochi), na Rússia. E certamente ocorrerá com o Brasil", disse.

Na opinião de Faucher, que fala português e tem vários amigos no Brasil, os protestos dos brasileiros têm pelo menos uma justificativa.

"Talvez os brasileiros protestem para não perder o pouco de avanço que conseguiram nos últimos tempos". Ele acredita que o Brasil "avançou muito em termos sociais nos últimos tempos" mas deixa a desejar em várias áreas, como de infraestrutura.

Para ele, apesar das manifestações, a Copa acabaria influenciando a reeleição da presidente Dilma Rousseff, na eleição de outubro próximo – cerca de dois meses após o campeonato.

"Mesmo que ela decida não aparecer nos estádios, o governo estará presente. E se o Lula aparecer na plateia de algum jogo da na Copa já estará ajudando à reeleição da presidente. A imagem é que é o importante", disse.

Olhar pessoal

Quanto à surpresa dos argentinos, lembro que quando cheguei aqui, pela primeira vez, há quase vinte anos, um ano depois da Copa de 1994, cada vez que o assunto futebol surgia algum argentino lembrava que o Mundial é para ser visto com “desconfiança”.

Era o que dizia, por exemplo, o popular radialista Mario Pergolini lembrando que na Copa de 1978, quando a Argentina foi campeã em casa, o ditador Jorge Rafael Videla (1925-2013) abraçava os jogadores enquanto torturadores agiam nos porões da ditadura.

Hoje, em tempos democráticos, a poucos dias do campeonato, pouquíssimas lojas, restaurantes e ruas aqui de Buenos Aires estão enfeitadas para o Mundial. Mas talvez menos enfeitadas do que em outros mundiais.

Mas a Copa será no Brasil e a rejeição que gera entre setores da sociedade brasileira é realmente intrigante para nossos vizinhos argentinos.

“Por que agora, perto do Mundial, ainda existe tanta insatisfação?”, pergunta um professor argentino de literatura, que já esteve várias vezes no Brasil.

“Será que o brasileiro mudou”, pergunta uma universitária da Universidade San Martín, da capital argentina.

Por seu peso político e econômico, o Brasil costuma ser tema frequente na primeira página dos jornais e sites do país. E, geralmente, ao contrário do que pensam brasileiros, a rivalidade parece ser menor entre argentinos do que entre brasileiros.

"Alegria é brasileira"

Até recentemente, antes das incertezas em relação ao desempenho da economia brasileira, o “sucesso” do Brasil era tema frequente nos debates políticos, transmitidos ao vivo do Congresso Nacional, e em seminários de economistas e universidades. “O que os brasileiros fizeram que nós não fizemos?”, perguntavam publicamente pelo menos até o ano passado.

Agora, o clima é outro. Existe preocupação com a economia brasileira – aspiradora por exemplo de 60% dos 80% de veículos que a Argentina produz para exportação.

E a tal da inquietação com o novo comportamento brasileiro – que como seu vizinho, a Argentina, aderiu aos protestos como forma de conquistar demandas.

Os argentinos sugerem que há “algo novo” no país “da alegria”, como eles costumam dizer (“la alegría es brasileña, dizem”), mas ainda não está muito claro o que – e o que ocorrerá quando a Copa de fato começar.

“Ah, não, para mim o Brasil é sinônimo de alegria, de alto astral. Quando a bola começar a rolar, eles vão torcer pelo Brasil. Aí todos participam da festa”, diz a universitária, quase inconformada com a nova atitude de setores da sociedade brasileira.

COLOMBO, Sylvia. **São Paulo será tema de feira de Buenos Aires.** Blog Latinidades - Folha de S. Paulo. 25.março.2014. Disponível em: <<http://sylviacolombo.blogfolha.uol.com.br/2014/03/25/sao-paulo-sera-tema-da-feira-de-buenos-aires/>> Acesso em: 02.jan. 2015.

São Paulo será tema da feira de Buenos Aires

POR SYLVIA COLOMBO - blog Latinidades

Como as fotos acima ilustram, São Paulo (dir.) e Buenos Aires (esq.) já foram muito parecidas. Enquanto a capital argentina, aqui fotografada por Horacio Coppola (1906-2012), conseguiu preservar muito de seu casario histórico, apesar de ter de lutar muito contra o “boom” imobiliário, São Paulo, clicada acima pela suíça Hildegard Rosenthal (1913-1990), levou abaixo a arquitetura de seus primeiros tempos e transformou-se nesse caos urbano que enfrentamos todos os dias. O diálogo de paulistas e portenhos hoje, grosso modo, limita-se ao turismo, a negócios específicos e algum intercâmbio cultural. É pouco, mas abril será um mês especial nessa relação.

A partir do dia 24, e até 12 de maio, a Feira do Livro de Buenos Aires terá São Paulo como cidade-tema. Como faz todos os anos, o evento elege um ponto do mapa e reúne autores de ficção e não-ficção desse país ali, além de atrair editoras de distintos tamanhos sediadas na base escolhida. No ano passado, foi Amsterdã, e o Brasil teve uma participação tímida, porém bela, com uma homenagem aos 100 anos de Vinicius de Moraes no pavilhão brasileiro.

Apesar de esforços de ambos os lados, porém, houve resistência do lado brasileiro em bancar a ida de grandes nomes ao evento. A feira, em trabalho conjunto com a biblioteca Mário de Andrade, resolveu então fazer a aposta de focar a programação em autores da periferia. Serão, assim, revividos no espaço da La Rural, no bairro de Palermo, os saraus que viraram febre nas comunidades paulistana nos últimos anos. “É um elemento forte nas duas culturas, Buenos Aires também tem uma tradição de literatura dos bairros afastados, dos ‘baldios’, que irá dialogar diretamente com a experiência desses autores que estão vindo”, diz Gabriela Adamo, diretora do evento portenho.

A lista de convidados não está fechada, mas figuram como confirmados Arnaldo Antunes, Ferréz, Sergio Vaz, Milton Hatoum e outros. Haverá uma intensa programação também com antropólogos e urbanistas. “O desafio é que nos conheçamos mais. Apresentar esses autores aos argentinos, já que a literatura brasileira viaja pouco, mesmo a países próximos”, completa. O estande brasileiro terá 147m².

Além disso, a feira celebrará seus 40 anos. A abertura será uma homenagem ao cartunista Quino, 81, célebre criador da personagem Mafalda. Estão entre os convidados ilustres também o norte-americano Paul Auster e o sul-africano J.M. Coetzee, além do uruguaio Mario Bellatín e a espanhola Almudena Grandes.

Apesar de ser um êxito de público, e reunir mais de 1 milhão de visitantes de vários países, a feira tem sofrido com a queda da venda de livros. Ainda, na atual onda de protecionismo argentino, as pequenas editoras e as universitárias têm tido dificuldade em importar volumes. Por outro lado, os últimos anos viram uma explosão das casas editoriais de pequeno porte, que passaram a apostar em traduções de autores ou títulos pouco convencionais. Na edição passada,

o stand que reunía editoras como Interzona, Eterna Cadência, Adriana Hidalgo e outras ganhou o prêmio de melhor espaço.

Outra discussão polêmica é o local da feira. Há anos ocorrendo na Rural, no coração do bairro de Palermo, nos últimos tempos o governo kirchnerista quis desloca-la, levando-a a Tecnópolis, um grande e afastado local de eventos e exposições científicas bancado pelo Estado. Editores, expositores e a direção do evento posicionaram-se contra. “A feira está relacionada com Palermo, seus bares e parques, todo o entorno compõe sua tradição. Continuamos aqui”, diz Adamo. A Rural é identificada com os empresários e proprietários de terras anti-kirchneristas e causa desconforto entre intelectuais que apoiam o governo. Por outro lado, a ida a Tecnópolis significaría una politización do evento e uma apropriação para fins propagandísticos. Por enquanto, a feira está ganhando a queda de braço.

A programação da Feira do Livro de Buenos Aires está aqui: <http://www.el-libro.org.ar/>

DOMÍNGUEZ, Soledad. **Una argentina en Río: la fantasía de vivir en el país del “tudo bem”**. Clarín. 18.janeiro.2014. Viajes. Disponível em:

<http://www.clarin.com/sociedad/argentina-Rio-fantasia-vivirpais_0_1068493248.html> Acesso em: 22.dez. 2014.

Una argentina en Río: la fantasía de vivir en el país del “tudo bem”

Desinhibidos. Muchos argentinos sienten que en Brasil existe un ambiente donde el afecto surge a flor de piel, las apariencias importan menos, la gente se arriesga a lo espontáneo y la música es diálogo. Qué hay de cierto y qué de mito en estas sensaciones.

Mi decisión de vivir en Río de Janeiro nació con música. Cuando tenía entre siete y diez años escuchaba canciones de Chico Buarque, Elis Regina, Vinícius de Moraes y otros grandes. Sus voces me acompañaban en los viajes en auto que hacía con mis padres y mi hermana a Florianópolis. Quizás influyó también el mar de Brasil, no tan frío como el de Villa Gesell, las curvas constantes del camino, los morros verdes y las lluvias abundantes que Elis Regina y Tom Jobim celebran en **Águas de Março: É a chuva chovendo/ É um pinga pingando/ É uma prata brilhando/ É a luz da manhã/ Fechando o verão** (“la lluvia lloviendo/ la gota goteando/la plata brillando/ la luz de la mañana/ cerrando el verano”). Pronto me daría cuenta de que el tema iba más allá de la música y de la geografía. Yo **percibía en Brasil una manera de ser espontánea** que se conectaba mejor con mi interior. Por momentos sentía que ese modo diferente de estar en el mundo caracterizaba también al idioma. Todavía recuerdo la primera vez que escuché hablar en portugués. Yo estaba medio dormida mientras mis padres averiguaban, en forzado portuñol, si había lugar para alojarnos en una posada. Cuando el dueño respondió me pareció reconocer una sonoridad que, no sé por qué, asocié al francés que había estudiado en el colegio. Y en este caso con el agregado de **cadencias rítmicas que despertaron en mí un amor a primera vista**.

En viajes posteriores mi otra gran sorpresa tuvo que ver con las playas. Observé que ahí las brasileñas podían ser gordas, voluptuosas, con o sin celulitis, y que los brasileños podían ser barrigones, calvos o lo que fuera, pero que ninguna de esas condiciones físicas resultaba molesta para nadie. En todos los casos hombres y mujeres se exhibían tranquilos ya sea en biquinis mínimas o en las clásicas sungas masculinas.

No tenían vergüenza de mostrar sus cuerpos. Los adultos que me rodeaban decían que esa era una diferencia marcada con los argentinos, más recatados, siempre en shorts y hasta con mallas enterizas. Un verano, ya en plena adolescencia, compré un vestido tejido a mano. Era colorido, corto y entallado y me acompañó en toda mi juventud. Pero el vestido estuvo casi todo el tiempo colgado en el placar. Cada vez que lo veía me parecía exótico, lindo, sensual... Pero aunque tuviera muchas ganas de usarlo **no me animaba en la Argentina**. Me lo ponía solamente cuando me sentía segura en la informalidad de la tierra brasileña.

De regreso a Buenos Aires fui incorporando ese estilo relajado a mi cotidianidad. Lo primero que se me ocurrió fue experimentar con las danzas y me inscribí en un curso de ritmos afrobrasileños. A cada compás de percusión **sentía que conectaba la música con mi cuerpo**.

Al principio intentaba seguir los pasos de mi profesor bahiano –alto, moreno y con una paciencia de oro– pero mis pies sólo reproducían una secuencia de torpezas que, de a poco, fueron cediendo a movimientos más armónicos. Y cuando me olvidé de seguirlo solté por fin las caderas al son del quiebre y requiebre de los tambores de la gran banda Olodum y su alegría contagiosa.

Olodum tá hippie, Olodum tá pop/ Olodum tá reggae/ Olodum tá rock/ O Olodum pirou de vez (Olodum está hippie, Olodum está pop, Olodum está reggae, Olodum está rock, Olodum enloqueció).

Pasado un tiempo empecé a ampliar mis conocimientos sobre el país vecino. Uno de los libros que especialmente me marcó entonces fue **Raíces de Brasil**, de Sérgio Buarque de Holanda, que me acercó a una comprensión de los procesos de formación social. Y fue a partir de otras lecturas que conocí mejor una cultura que ya me estaba tomando por completo. Después de años de hablar el idioma y acumular datos y vivencias tomé una decisión: me postulé a una beca de posgrado para una especialización en Humanidades en América del Sur. Elegí como opción de lugar la ciudad de Río de Janeiro, gané la beca y me animé a dar el paso. Desembarqué en Río en 2005, comenzando así lo que llamo **la etapa carioca de mi vida adulta**. Poco a poco fui descubriendo similitudes y diferencias entre la realidad y la fantasía que había construido con los años. No llegué a Brasil con expectativas claras. Pero sí con la convicción de que **nada podía salir mal en el país del tudo bem**.

Durante los primeros meses me mudé de casa cinco veces en una ciudad superpoblada donde los exigentes requisitos para alquiler de vivienda no son fáciles. Eso no era todo. También me la pasaba haciendo colas para tramitar la visa de estudiante junto a chinos, estadounidenses y colombianos. Supe así hasta qué punto era extranjera en mi Brasil querido. A eso se sumó la demora del depósito del dinero de mi beca que no llegaba por cuestiones administrativas. A mis preguntas en la Facultad, la respuesta era calma: “Está todo bien, no se preocupe, seguro que llegará a tiempo”. Reacciones de ese tipo me sonaban exageradamente optimistas. Parecía que todo iba a resolverse por obra y gracia de voluntades bien intencionadas. Pero la realidad no es así, pensaba yo con mi mente argentina. A esa altura empecé a desconfiar del *tudo bem*. Sin embargo, percibí luego que esas expresiones componen una forma particular de encarar los hechos sin dramatismo. Es lo que también me enseñó una sabia canción de Iván Lins.

Já tivemos muitos desenganos/ Já tivemos muito que chorar/ Mas agora acho que chegou/ a hora de fazer valer o dito popular/ Desesperar jamais (Ya tuvimos muchos desencantos/ ya tuvimos mucho que llorar/ Por eso llegó el tiempo de volver al dicho popular/ Desesperar jamás). El descubrimiento me ayudó a aliviar preocupaciones. También aprendí a escuchar al otro evitando la confrontación. Nunca vi en Brasil **fuertes discusiones sobre política en las reuniones sociales**. Los desacuerdos se expresan pero sin la vehemencia que observo en Buenos Aires. Las novedades sobre el dólar, la inflación, la política o el fútbol aparecen en la Argentina de manera recurrente y agotadora. No digo que Brasil se mantenga al margen de esas cuestiones. Pero todo sucede con un énfasis menos marcado.

El optimismo y la alegría me acompañaron desde que llegué. Fueron visibles por ejemplo en el trato amigable de mis compañeros de la universidad. Ellos me hicieron sentir confianza desde el primer contacto físico, tan usual en Brasil, que consiste en **dar y recibir dos besos y un abrazo**. Debo aclarar que esa intimidad no necesariamente significa compromiso verdadero. Se trata más bien de una calidez que se refleja incluso en los diminutivos cariñosos que se usan para nombrar a las personas. Yo siempre fui Sol (difícilmente Soledad) así como algunas compañeras son llamadas Paulinha (nunca Paula) o Gigi (nunca Gizella). Pude sentir esa proximidad, también, al experimentar el **estilo frontal de los cariocas a la hora de acercarse a una mujer**. Más de una vez, en una fiesta, me han tomado de la mano o de la cintura para bailar. Casi sin palabras. En esos casos, la mirada o un ligero gesto alcanzan. No obstante confieso que extraño a veces el galanteo discursivo y los gestos de caballerosidad de los argentinos.

Existe un lugar donde me reencuentro con mis ideales de un Brasil abierto y tropical. Me refiero a las playas cariocas, principalmente Ipanema. Es ahí, junto a sombrillas rojas y bebiendo

caipirinha de fruta preparada al instante, donde disuelvo tensiones. Desde que vivo en Río pude entender mejor la naturalidad brasileña tan mentada por mis padres.

Hasta mi cuerpo se expresa de una manera más desinhibida. Y eso, como he dicho, nada tiene que ver con trajes de baño pequeños y exuberancia de contornos. Es algo más ligado a una actitud de comodidad y soltura al andar que también adopté. Aclaro que eso, por ejemplo en la mujer, no significa mostrar todo ni ser presa fácil, **una imagen estereotipada de las brasileñas en el exterior que me molesta** bastante. Sí noto un culto al cuerpo y su cuidado. En cualquier caso se mantiene una actitud razonablemente pudorosa. Por mencionar un ejemplo, nunca había visto hacer topless en el país de la supuesta desinhibición. Hace algún tiempo, un grupo de mujeres realizó en Ipanema lo que se llamó *toplessazo*, una acción favorable a la naturalización de esa práctica en las playas. Acudí a la convocatoria pero no estuve cómoda. Si bien no me quitó la parte de arriba de la biquini, me sentí de algún modo **manoseada por un ejército de ojos curiosos**, fotógrafos y camarógrafos que registraban unos pocos pechos al descubierto como si fueran rarezas secretas y justificadamente prohibidas. A ese hecho se sumaron algunos comentarios agresivos que me hicieron entender que el topless no es tan natural en Brasil como sin duda lo es en Europa.

La sensualidad corporal es sólo una parte del carnaval de Río. No todo pasa por el *sambódromo*. De hecho la gran fiesta se da en las calles de los barrios que convocan a la gente a cantar y a bailar con los disfraces más diversos: antenas de neón, pelucas enruladas, tutú y vinchas coloridas.

Bastó ver a mis amigos disfrazados de bebés, corneta en mano, para atesorar el más lindo recuerdo que tengo de la celebración mayor. Ahí resulta suficiente saltar al ritmo de tradicionales canciones populares como *mamãe eu quero, mamãe eu quero, mamãe eu quero mamar*, evocando a la Carmen Miranda de los años '40. Esa alegría, cabe añadir, ayuda a amortiguar el efecto innegable de la suciedad y los olores que quedan en las calles después del miércoles de ceniza. En el Río de postal tampoco se ven las sombras de la pobreza. Pero **la desigualdad social es notoria**. Recuerdo que un día caminaba por la calle Barão da Torre, en Ipanema, y vi una entrada lateral a la favela del morro de Cantagalo. Observé ahí cómo, por un sendero de barro, la gente subía y bajaba en medio de una aglomeración de casas precarias. Pobreza y opulencia en la misma cuadra. Y casi nadie parecía extrañarse.

Durante todo este tiempo tuve muchas idas y vueltas entre Buenos Aires y Río de Janeiro. Por ahora, soy carioca. Hace cuatro años hice la experiencia de vivir en Porto Alegre, un punto intermedio. Allá los inviernos son duros y los *gaúchos* se parecen más a los argentinos. Percibí que soy poco tolerante a los días nublados y que el frío es una sensación térmica que ya perdí. Y algo más. Descubrí que me identifico más con el bullicio de Río. Es una especie de música que me hace sentir acompañada aún estando en casa. La informalidad de “aquel abrazo” apretado de Gilberto Gil *O Rio de Janeiro continua lindo/ O Rio de Janeiro continua sendo* la llevo conmigo en cada viaje a Buenos Aires, donde siempre me quedo esperando el segundo beso en la otra mejilla.

FELDMAN, Martín. **EL inolvidable relato de un hincha argentino que vio el 7-1 en el Mineirao rodeado de brasileños**. Canchallena. 9.julho.2014. Disponible en: <<http://canchallena.lanacion.com.ar/1708432-el-relato-de-un-hincha-argentino-que-vio-el-7-1-en-el-mineirao-rodeado-de-brasilenos>> Acceso en: 15.dez. 2014.

MUNDIAL BRASIL 2014

El inolvidable relato de un hincha argentino que vio el 7-1 en el Mineirao rodeado de brasileños
Una vivencia en primera persona del triunfo de Alemania para pasar a la final del Mundial
BELO HORIZONTE.- En la Argentina, muchos sonrieron, hubo miradas cómplices, bromas en los programas de TV. El 7-1 de Alemania ante Brasil generó todo tipo de reacciones. En el Mineirao, lleno de hinchas locales, apenas hubo un puñado de fanáticos albicelestes. Aquí, el relato en primera persona de uno de ellos, quien vio el histórico encuentro rodeado de brasileños.

Eran los primeros días de junio y, en la última venta de entradas por Internet de la FIFA, la semifinal de Belo Horizonte figuraba disponible. No lo dudé y compré una entrada. No sabía qué partido terminaría siendo, pero al ver el fixture posiblemente ese 8 de julio estaría en la cancha Brasil, con el sueño de conseguir el hexa.

Estoy en el Mundial desde el primer día y fui a todos los partidos de Argentina. Ahora, viajo en micro rumbo a San Pablo para llegar a tiempo al encuentro contra Holanda. Valió la pena este plan chino. De Brasilia a Belo Horizonte. De Belo Horizonte a San Pablo. Había que aprovechar esa entrada comprada casi por casualidad para ver nada menos que un Brasil vs. Alemania.

Fue un partido tan extraño como histórico. Difícil de describir. Un 7-1 inolvidable, que festejé por dentro, rodeado de brasileños en una de las cabeceras del Mineirao. Ellos que en cada partido de la selección argentina se empeñaban en hacerme la vida imposible, con cantitos, provocaciones, o lo que fuera, ahora se despedían por la puerta de servicio del Mundial, con una humillante derrota. Puse mi mejor cara para disimular cada alegría que me corría por dentro en una tarde muy especial.

Desde que llegué al Mineirao, me di cuenta que era la jornada de los hinchas brasileños. Ellos iban a empujar de un carro averiado, de un equipo sin Neymar, la gran figura. Fui a la cancha temprano y había una marea de camisetas amarillas en cada rincón. Los cánticos eran la mayoría en contra de la Argentina. Por suerte, me había puesto una remera amarilla, el ambiente no estaba como para decir que uno era argentino.

Cuando entré al estadio, me tocó en una de las cabeceras, rodeado de brasileños. Los alemanes que había en la cancha estaban del otro lado. Me senté y el hincha brasileño de al lado de mí me preguntó de dónde era. "Perú", le respondí, después de escuchar un rato antes "América Latina unida, menos Argentina".

La hora se acercaba. Era tal el ambiente que el himno alemán no llegaba a escucharse. El himno brasileño fue una locura, erizaba la piel. Me imaginaba en el cuerpo de los alemanes y no podía predecir la reacción que tuvieron unos minutos después. Empieza el partido: el murmullo y los gritos son ensordecedores, también los silbidos cuando la pelota la lleva un europeo.

Müller mete el 1-0 y veo los primeros lamentos de la tarde. Me mimetizo con ellos. De pronto, llega el momento que nunca voy a olvidar, esos cuatro goles en seis minutos, algo increíble. Veo a los brasileños shockeados, sin reacción. Si al principio sentía cierto temor, esos rostros boquiabiertos parecían inofensivos, sin fuerza para hacerle daño a nadie. El estadio estaba en silencio, asistía atónito a una pesadilla jamás imaginada.

En media hora, Brasil pierde 5-0 la semifinal de su Mundial. No puedo creerlo. Parece un sueño, pero lo vivo con los sentidos alerta. Veo a lo lejos a un alemán que grita los goles, no le dicen nada, pero uno no puede descuidarse. Te das cuenta a medida que avanzan los días que los argentinos ya no somos tan simpáticos para ellos. Se termina el primer tiempo, con estruendosos silbidos. Voy al baño, hay discusiones, algunas peleas entre hinchas. Me vuelven a preguntar de dónde soy, respondo en inglés, como si no entendiera lo que me decían.

El segundo tiempo es realmente para disfrutar. Los veo callados, sin entender lo que ocurre, se desesperan porque se pierden un gol que sería el 5-1. Silban a Fred, gritan ole con los pases de Alemania. Qué baile. Hasta aplauden después del 7-0. No pude gritar los goles, pero sí los festejé por dentro, por esos hinchas brasileños que me cargaban cuando Argentina no podía con Irán o los que no paraban de hablarme cuando Suiza nos hacía el partido imposible.

Igual, llegué a sentir pena por los jugadores de Brasil. Cargaron con tanta presión durante todo el Mundial. Salían a la cancha y ya sentían la guillotina. Los vi a todos juntos, después de ser humillados en la cancha, y los silbaban. Hasta tuvieron que pedir perdón. Cuando salí del Mineirao, imaginaba el peor escenario. Por suerte, no pasó nada, fue muy tranquilo, parecía que nadie podía dejar atrás ese shock. Llegué al hotel, por fin pude celebrar una jornada que nunca voy a olvidar, un día que quedará por siempre en la historia.

FIGUEIREDO, Janaína. Dilma assume presidência do Mercosul defendendo Argentina de ‘especuladores’. Extra. 17.dezembro.2014. Disponível em:

<<http://extra.globo.com/noticias/economia/dilma-assume-presidencia-do-mercosul-defendendo-argentina-de-especuladores-14860026.html>> Acesso em: 10.jan. 2015.
Dilma assume presidência do Mercosul defendendo Argentina de 'especuladores'

PARANÁ, ENTRE RIOS, ARGENTINA - A presidente Dilma Rousseff defendeu a necessidade de aprofundar a integração entre os países do Mercosul na cúpula de chefes de Estado realizada nesta quarta-feira na cidade argentina de Paraná, a 500 quilômetros de Buenos Aires, e aproveitou sua visita à Argentina para reiterar o respaldo do Brasil ao governo da presidente Cristina Kirchner em sua duríssima disputa com os chamados fundos abutres, nos tribunais de Nova York.

— Não podemos aceitar que a ação de um grupo de especuladores prejudique o bem estar de um país — declarou Dilma, que nesta cúpula assumiu a Presidência *pro tempore* do bloco, por um período de seis meses.

— Não podemos deixar de nos manifestar sobre esse assunto, o Brasil vem reiterando sua posição em vários foros — disse a presidente, que também fez questão de homenagear o presidente do Uruguai, José Mujica, que participa de sua última cúpula do Mercosul, já que terminará seu mandato no próximo mês de março.

— Foi um prazer conhecê-lo e conviver durante todo este tempo... seu legado ultrapassa a América Latina — afirmou Dilma, visivelmente emocionada.

Suas palavras levarão todos os participantes do encontro a ficarem de pé e aplaudirem Mujica durante alguns minutos.

A presidente assegurou que os países do Mercosul devem continuar trabalhando pela integração, em momentos em que o preço das commodities, principalmente o petróleo, estão sofrendo forte queda nos mercados internacionais.

— A questão do petróleo vai atingir todas as economias da região... devemos dobrar a aposta pela integração — frisou Dilma.

A presidente celebrou o fato de vários países tem realizado "vibrantes e disputadas" eleições nos últimos meses:

— Foi uma celebração da democracia.

Durante a presidência *pro tempore* do Brasil, a presidente disse que será importante "trabalhar ativamente para revitalizar o comércio". Este ano, o intercâmbio entre os países do Mercosul despencou 20%, em relação a 2013.

— Desde que nasceu o Mercosul, o comércio entre nossos países cresceu 12 vezes — disse Dilma, tentando minimizar a queda dos últimos tempos.

A presidente pediu "um ambiente com regras claras" para recuperar a vitalidade do comércio regional.

FREIRE, Vinicius Torres. **O Brasil pode ajudar a Argentina?** Folha de S.Paulo. 29.janeiro.2014. Disponível em: <

<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/viniustorres/2014/01/1404347-o-brasil-pode-ajudar-a-argentina.shtml> > Acesso em: 15.nov. 2014.

O Brasil pode ajudar a Argentina?

29/01/2014 03h00

O Brasil tem meios para ajudar a Argentina a atravessar a crise. "Atravessar a crise", porém, significa sair dela. Para tanto, seria necessário que o Brasil assumisse mais ou menos um papel semelhante ao do Fundo Monetário Internacional, de preferência com menos tolices perversas, mas ainda assim um FMI.

Assumir o papel de FMI significa, de um modo ou outro, exigir contrapartidas ao auxílio. A fim de que o auxílio não seja mero enxugamento de gelo, a Argentina teria de abandonar a política econômica que causa a crise.

Parece politicamente inviável, não só devido à resistência argentina a condições impostas pelo Brasil. Os problemas estão deste lado da fronteira também. Um deles é que o Brasil teria de solicitar à Argentina que tomasse providências também evitadas pelo governo brasileiro.

O Brasil está muito, muitíssimo longe do descalabro argentino, mas, em essência, na "estrutura", os problemas são semelhantes: excessos de consumo, em especial do governo, problemas que se tornaram ainda mais agudos devido às mudanças na economia mundial. Isto é, crescimento mais vagaroso em geral, agora o da China em particular; o começo do fim da superabundância de capital barato. Enfim, há menos dólares para financiar nossos excessos; temos inflação.

O governo da Argentina tem deficit porque elevou demais o subsídio que dá ao preço da energia e do transporte público, principalmente, e devido a reajustes de salários de servidores. Não tem como financiar seu deficit no mercado internacional, onde está enrolada em processos devido aos calotes de 2001-02.

Não financia seu deficit no mercado doméstico porque teria de pagar juros altos, o que levaria o país à recessão (que, no entanto, será mais ou menos inevitável). No fim das contas, o banco central paga os excessos de gastos do governo, o que é gasolina no fogo da inflação e um método primitivo de fazer política econômica.

O excesso de consumo e a desorganização da atividade produtiva causada pelas intervenções desastrosas do governo causam deficit externos (o país compra mais do que vende no exterior), os quais não pode financiar a não ser por um incerto e cadente investimento direto, daí a escassez de dólares, grosso modo.

O Brasil pode ajudar a Argentina a mudar de dieta de modo mais organizado. A evitar uma desvalorização descontrolada do peso, embora a desvalorização seja requisito para o país sair da crise (seus produtos são caros, dada a inflação muito alta). Mas, para a desvalorização funcionar, o governo da Argentina precisa conter a inflação, controlar gastos, o que no caso implica reduzir subsídios.

Tem de ser aos poucos, para não esfolar o povo, o que de resto provocaria outro caos político. Enfim, a Argentina precisa elevar seus juros, ora negativos (menores que a inflação. Não faz sentido poupar, pois, a não ser em dólares escassos).

Mesmo que comedido, tal programa tende a arruinar a popularidade de Cristina Kirchner; significaria a rendição do modelo político e econômico da última dúzia de anos, que se esgotou após a crise de 2008-09.

Vê-se que o programa que o FMI-Brasil teria de solicitar à Argentina não difere, em essência, do mesmo remédio de que precisamos aqui, embora em escala muitíssimo menor.

HATOUM, Milton. **Conversa com um hermano**. O Estado de S.Paulo. 18.julho.2014. Caderno de Cultura. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,conversa-com-um-hermano-imp-1530479>> Acesso em: 7 nov.. 2014.

Anexar

MARQUES, Camila. **Amo mais a Argentina graças à derrota final**. Folha de S.Paulo.14.julho.2014. Caderno Esportes. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/175942-amo-mais-a-argentina-gracas-a-derrota-na-final.shtml>> Acesso em: 2 jan. 2015.

Amo mais a Argentina graças à derrota na final

CAMILA MARQUESE EDITORA DE "TEC" - esporte - edição impressa - 14/07/2014

Quem me conhece sabe bem. Buenos Aires é um dos meus lugares favoritos do mundo. Vinho argentino? Adoro. O churrasco é fora de série. As ruas de Palermo Viejo só me trazem

lembranças felizes. Tive na vida mais livros de Quino do que qualquer outro autor. O futebol? Jogo de raça, Messi é inspirador.

E na minha lista de alegrias existentes graças à Argentina está a derrota no Maracanã neste domingo. Graças a Deus, perderam!

"Se você gosta tanto assim dos hermanos', do país e blá-blá, como diz, como não torce por eles na final da Copa?" Simples: uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa.

Quem defende lógica e racionalidade no futebol não entende que, para o torcedor (o que sou, uma mera torcedora), trata-se de um esporte apaixonado. Envolve lágrimas e gritos. Envolve raiva mesmo quando se ama.

Pedir para eu torcer para a Argentina por sermos do mesmo continente e do mesmo bloco econômico (juro que ouvi tal argumento!) é a mesma coisa que pedir para eu torcer para o Corinthians na final da Libertadores porque "é Brasil na final". Uma são-paulina roxa jamais torcerá pelo Corinthians. Tão lógico.

Sou daquelas que enche a boca para dizer que, sim, Pelé é melhor que Maradona. Me despeço do taxista em Buenos Aires dizendo: boa sorte na vida, mas não no futebol.

Uma queridíssima amiga argentina, enlouquecida por futebol como poucos, não crê que eu torça contra. Quase se indigna.

Ela diz que seus compatriotas defendem, sim, o Brasil. Chegou a me mostrar a foto de um conhecido enrolado na nossa bandeira para provar a tese.

Como eu disse, uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa. Torcer pelo futebol argentino? Jamais. Sou adepta do "América Latina, menos Argentina". Por quê? Porque sim.

MING, Celso. **Gaúcho não tem salvação**. O Estado de S.Paulo. 12.março.2014. Caderno de Economia. Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,gaucho-nao-tem-salvacao-imp-1139806>> Acesso em: 5.nov. 2014.

Celso Ming - Economia - 12 de março

Preocupada com as fortes quedas das vendas de veículos e autopeças para a Argentina, a indústria automobilística do Brasil está pressionando o governo Dilma para que aceite um novo arranjo que implique a liquidação de operações comerciais com a Argentina, feita não mais em dólares, mas com moeda local. Ou seja, os brasileiros aceitariam pagamento em pesos e os argentinos, em reais - assim como é indiferente a americanos e europeus pagar seus compromissos em dólares ou em euros. O projeto leva a rubrica de Operação Salvamento.

Trata-se de um disparate de enormes proporções, alimentado com alto grau de ingenuidade por autoridades do Ministério do Desenvolvimento. A probabilidade de que seja firmado parece próxima de zero por cento.

Essa conversa é velha de guerra. A escassez de moeda estrangeira nos dois países é recorrente. Lá pelas tantas sempre aparece alguém falando em moeda instituída exclusivamente para liquidar compromissos recíprocos. Em 1987, por exemplo, o presidente José Sarney chegou a assinar um protocolo de intenções com o então presidente da Argentina, Raúl Alfonsín, que previa a criação de uma moeda comum. Até um nome oficial tinha a criatura: gaúcho.

Nunca rolou e não vai ser agora que vai rolar. Começa pelo problema de que a moeda comum não serviria para exercer uma das principais funções clássicas de qualquer moeda, a de unidade de medida. Embora pudessem ser liquidadas em moedas nacionais, exportações e importações entre os dois países continuariam sendo dimensionadas em dólares.

O comércio entre ambos os países é superavitário para o Brasil, como mostra o gráfico. Isso significa que, uma vez aceita a esquisitice, e feita a compensação entre contas, o Brasil teria de morrer com um mico em pesos.

O acerto só funcionaria se os bancos centrais garantissem a conversibilidade para dólares do saldo comercial em moeda local. A partir do momento em que essa ideia fosse sacramentada, o banco central superavitário, no caso o Banco Central do Brasil, seria obrigado a amontoar pesos

argentinos em suas reservas, adquiridos do exportador brasileiro e pagos com dólares verdadeiros.

O problema não pararia aí. Depois do megacalote da dívida externa argentina, em 2001, credores do mundo inteiro vêm se compensando das perdas por meio de sequestros autorizados por tribunais, como o que ocorreu com o veleiro escola Libertad, retido no Porto de Tema, Gana, em 2012. A partir do momento em que fosse obrigado a dar conversibilidade automática de pesos argentinos para dólares, o Banco Central do Brasil ficaria vulnerável a decisões judiciais de sequestro de valores contra a Argentina.

No primeiro bimestre deste ano, as exportações do Brasil para a Argentina caíram 12%. O principal obstáculo são as travas às importações impostas pelo governo da Argentina. Mas o verdadeiro problema é a séria escassez de moeda estrangeira no país de los hermanos.

Se quiser uma solução para perdas de exportações para a Argentina (em 2013, 8% do total), a indústria automobilística e o governo brasileiro teriam de procurar a tal salvação em outras religiões.

MOORES, Ezequiel Fernández. **Cuando juega Brasil**. Canchallena. 17.junho.2014. Internacional. Disponível em: <http://canchallena.lanacion.com.ar/1702185-copa-del-mundo-2014-columna-ezequiel-fernandez-moores> Acesso em: 6.jan.2015.

En Brasil, un Mundial puede ser "veneno". Y también puede ser "remedio". La pelota como "una droga potencialmente letal que oscila con facilidad excesiva entre la plenitud y el vacío". Ayer, en el Bar de Oswaldo, en Barra da Tijuca, decenas de brasileños sufrieron el empate inesperado contra México. Los brasileños saben que, sea veneno o sea remedio, el fútbol define buena parte de su identidad. Del Bar de Oswaldo voy a Librería Nacional, una de las mejores de Río. Decenas y decenas de libros que intentan pensar con los pies. En Veneno-Remedio (2008), el escritor José Miguel Wisnick apela a Chico Buarque de Hollanda, músico como él. Cita la comparación que hizo Chico en pleno Mundial 98 sobre europeos poderosos que se sienten los dueños del campo y sudamericanos que, en cambio, son más artistas con el balón. Unos equilibrados. Los otros equilibristas. Wisnick recurre también a Pier Paolo Pasolini, que hablaba del fútbol europeo como prosa y del sudamericano como poesía. Pero el fútbol también ha cambiado. El Brasil de hoy se parece a la Alemania de ayer. Y la Alemania de hoy al Brasil de ayer. ¿A qué se parece Argentina?

"Veneno-Remedio" es uno de los mejores libros de fútbol que he leído, igual que Fútbol-Arte. La cultura y la manera brasileña de jugar (1988). El fútbol, dice allí Mauricio Murad, como "teatro y danza. Deporte y guerra. Eros y thanatos. Dionisio y Apolo. Sagrado y profano. Síntesis plural de los innegables arquetipos de nuestro inconciente colectivo, de nuestra identidad cultural". Matinas Suzuki jr habla del fútbol que "construyó una moral, una ideología, un sentido de la justicia y de la injusticia". Gilberto Freyre, nombre insoslayable, habla de samba y de capoeira pernambucana. Y de "molecagem" baiana y "malandragem" carioca. Juego y malicia. "El conocimiento de Brasil -dice en el libro Jose Lins do Rego- pasa por su fútbol". "El mejor futbol brasileño -añade Joel Rufino dos Santos- es hijo de la pobreza: millones de garotos acariciando una bola, esperando su día de Pelé". Hasta llegar a Nelson Rodrigues: "Hay ciertos momentos de genialidad en el fútbol que ningún arte produce".

Citado hace poco por la presidenta Dilma Rousseff, el pernambucano Nelson Rodrigues (1912-80), dramaturgo y cronista número uno del fútbol brasileño, hijo de una familia de periodistas, comenzó escribiendo sobre crímenes pasionales ("En un año como cronista de policiales se adquiere la experiencia de un Balzac"). Tiempos de cinco ediciones vespertinas de diario, cada una con un drama nuevo en portada. Precedente de las célebres telenovelas brasileñas que luego impondrían sus horarios aún al rey fútbol. Nelson paseaba de noche por los cementerios para que los muertos le contaran sus secretos y creaba frases que se hacían placa ("El brasileño es un feriado"). Criticaba a los que sólo veían "la caca del pajarito en medio de la floresta". O a "los idiotas de la objetividad" que sólo ven datos concretos y no entienden que el misterio pertenece al fútbol. Si la imagen de la TV contradecía su imaginación, "peor para la TV" ("O videotape e burro"). "En fútbol -escribió- el peor ciego es el que sólo ve la pelota". Para Nelson, "aún el

picado más miserable tiene una complejidad shakesperiana".

Su libro "A patria em chuteiras" (1994) debería ser texto obligatorio. Recorre los Mundiales con pasión. "Quien tiene una pasión es legítimamente ridículo y necesariamente grotesco". El gol de Vavá un minuto y medio después de que Francia intimidó con La Marsellesa en el primer título de Suecia 58. La "desigual" batalla de Mané Garrincha contra once desolados checoslovacos en Chile 62. El pronóstico de que Inglaterra jamás volvería a ganar un Mundial tras la conquista "pirata" de 1966. Y el día que "todos fuimos reyes", cuando O Rei Pelé lideró el Tri de México 70. Nelson Rodrigues decía muchas veces enojado que los brasileños tenían complejo de "viralatas" (de inferioridad). Recurría a personajes como Sobrenatural de Almeida (cuando su Fluminense tenía suerte) o Gravatinha (mala suerte). Hablaba en realidad del imponderable del fútbol. Una vez le preguntaron qué consejo daría a los más jóvenes: "que envejezcan".

Mario Filho, su hermano, director de Jornal dos Sports e impulsor en 1950 de la construcción del Maracanã, tiene otro libro fundamental: "El negro en el fútbol brasileño" (1947). Mi lista, inevitablemente arbitraria, incluye títulos como Footballmania (Leonardo Affonso de Miranda Pereira, 2000), "En el país del fútbol" (Luiz Henrique de Toledo, 2000), La verdadera historia del fútbol brasileño (Loris Baena Cunha, 1988), La locura por el fútbol (Janet Lever, 1983) y Fútbol. Brasil en la cancha (Alex Bellos, 2002). Hay grandes historias en "Anatomía de una derrota", (Paulo Perdigao, 1986, "nunca más Brasil ganará el Mundial de 1950"). Y hay utopía en Democracia Corintiana (Sócrates-Ricardo Gozzi, 2002). Biografías formidables en Estrella Solitaria. Un brasileño llamado Garrincha (Ruy Castro, 1995), Joao Saldanha (Joao Maximo, 1996), Nunca hubo un hombre como Heleno (Marcos Neves, 2012) y Barbosa (Roberto Mulyaert, 2013). Y hay análisis y denuncia en libros del periodista Juca Kfoury y del excampeón de México 70 Tostao.

"Un equipo de Primera. Grandes escritores brasileños hablan de fútbol", es reciente y se publica por el Mundial. Nadie, está claro, lo leía ayer en el Bar de Oswaldo, donde la TV hablaba más de patria que de juego. Sólo importa ganar. Nadie discutía si Brasil era poesía (como lo fue hasta el Tri) o era prosa (como fue luego). "Futebol-arte, futebol-arte, nosotros también fuimos campeones mundiales", me dijo, enojado, meses atrás Cafú, que ahora también habla por la TV en Fortaleza, mientras a mi lado cruzan apuestas, todos con la camiseta de Neymar, incluida Thereza, una prostituta con piernas de Thiago Silva que enseña el trasero desnudo a trabajadores municipales que apuran porque empieza el partido. Se cae Internet en el Bar de Oswaldo. "En media hora llega el técnico", me dice Thiago, el mozo. Hago que le creo. Ya juega Brasil. Río queda paralizada. Algunos, 35 personas, protestan en Candelaria. Gas pimienta para todos. Cruzan insultos con hinchas en un bar. En el Bar de Oswaldo, Gilberto, el hombre que un rato antes organizaba las apuestas, canta emocionado el himno a capella. Cierra los ojos como el capitán Thiago Silva en la pantalla de la Globo.

Imposible que Galvao Bueno, histórico y burlado relator de la Globo, narre como la radio que avisaba las hazañas de Garrincha contra la URSS en el Mundial de Chile 62. "Garrincha amaga que se va por izquierda. No va. Sale por derecha. Lleva la pelota para allá, para acá, y tres rusos quedan desparramados en el césped, Voinov con el trasero empinado hacia el cielo. El estadio estalla de risa". Acaso Garrincha protagonizó el máximo acercamiento entre el fútbol y la música, ambas tecnologías de punta de Brasil, cuando compartió en Roma horas de soledad con Chico Buarque, que lo llevaba en auto para que Mané ganara unos pesos jugando partidos de mala muerte en canchas de periferia. "Lo que importa -escribió alguna vez Chico, imaginativo como Nelson Rodrigues- es el niño y la pelota. Puede ser un coco, una naranja o un huevo, porque yo vi hacer jueguito con un huevo". El gran músico brasileño celebró el domingo sus 70 años en París. "Tengo que terminar mi libro hasta agosto", me responde por correo electrónico. Y aclara: "Por televisión, por supuesto, voy a ver los juegos de Messi y de Neymar, no más".

MOORES, Ezequiel Fernández. **Medio siglo en Brasil**. La Nación. 31.dezembro.2014. La Nación. Disponível em: <<http://www.lanacion.com.ar/1756448-medio-siglo-en-brasil>>. Acesso em: 10. jan. 2015.

Alemania gana 7-1 y el ídolo David Luiz se desploma arrodillado. Le reza a Jesucristo. Postal

inolvidable del año que hoy termina. Dilma Rousseff, insultada en los estadios mundialistas, y tres meses después reelegida presidenta, promete cambios drásticos en el deporte de Brasil. Las "novedades" llegan en diciembre: los clubes, centro de debate en plena crisis del 7-1 por el descontrol de sus cuentas, son autorizados por el Congreso a refinanciar deudas. Pagos de 240 meses y quitas de hasta un setenta por ciento. Un nuevo salvavidas. Sin pedir nada a cambio. La segunda novedad se concretará mañana, cuando Dilma inicie su segundo gobierno con nuevo e inesperado ministro de Deportes: George Hilton, evangélico como David Luiz, pastor de la Iglesia Universal del Reino de Dios (IURD) y expulsado en 2005 del extinto Partido del Frente Liberal (PFL) tras ser detenido en el aeropuerto de Belo Horizonte con unos 600.000 reales, supuesta contribución de los fieles. La ironía, en medio de críticas y decepción, la leí en las redes sociales: "¿Acaso les cobrarán un diezmo a los atletas de los Juegos Olímpicos de Río 2016?".

El deporte, afirman los críticos, no aparece en los 48 proyectos ni en los 93 discursos de Hilton como diputado. Pero su nuevo partido, PRB (Partido Republicano Brasileño, bien cercano a IURD) aporta 21 diputados y un senador, valiosos para el segundo difícil mandato de Rousseff. Tras el Mundial, los 12 estadios de la Copa, construidos a precios obscenos, albergaron 218 partidos con una media de 18.300 personas, además de conciertos de Paul McCartney, Beyoncé, casamientos masivos y celebraciones evangélicas. Están lejos las protestas masivas de los días previos al Mundial. La última protesta política de diciembre incluyó a ciudadanos furiosos por la reelección de Dilma. Pedían la vuelta de los militares que derrocaron en 1964 al presidente Joao Goulart y permanecieron 21 años en el poder. Medio siglo más tarde, en el mismo año del Mundial y de las elecciones, los crímenes de la dictadura brasileña (1964-85) tuvieron por fin dictamen oficial. Y el fútbol, dicen los documentos de la Comisión Nacional de la Verdad (CNV), tampoco quedó a salvo.

La escritora Eliane Brum cuenta el horror a través de los testimonios de los que entonces eran niños. De Ernesto Carlos Dias do Nascimento, dos años y tres meses, a quien simulaban torturarlo para hacer hablar a su padre, que estaba a metros de él, colgado de una barra de hierro, cabeza abajo, sufriendo golpes y descargas eléctricas. De Angela Telma de Oliveira, tres años y medio, que todavía recuerda hasta cómo estaba vestido su padre cuando lo ejecutaron delante de ella. O de Joao Carlos Schmidt de Almeida Graboys y Carlos Alexandre Acevedo, nacidos en cautiverio, en medio de torturas y amenazas, suicidados ambos en 2013. Brum se pregunta cómo puede ser que haya brasileños que reclamen la vuelta de los militares. Son nostálgicos de las famosas "Marchas de la Familia con Dios y por la Libertad" que pidieron el golpe de 1964 invocando "la amenaza comunista", y que fueron apoyadas por empresarios, Sociedad Rural e Iglesia Católica. Y también por la prensa. "Es un recuerdo incómodo, pero que no puede refutarse", se disculpó el diario O Globo en 2013. Derrocado Goulart, volvieron a desfilar bajo el nombre de "Marcha de la Victoria". Le dicen a Brum que el 6 de diciembre pasado, por la Avenida Paulista, de San Pablo, sólo marcharon cuatrocientas personas. "Ciudadanos de bien", acaso como los que insultaban a Dilma llenos de ira en el Morumbí el día que comenzó el Mundial. "Me dicen que son pocos -escribe Brum-, yo digo que uno ya es mucho."

La Corte Interamericana de Derechos Humanos advirtió que el dictamen de la CNV es un paso, pero incumple la obligatoriedad de condenar penalmente a los 377 responsables de la muerte de 434 personas. Algunas de ellas, dicen los documentos, fueron torturadas en el estadio Caio Martins, de Niteroi, a cinco kilómetros de Río. Esa ex cancha de Botafogo fue cárcel de unas 1200 personas. Antonio Carneiro da Silva, líder sindical, llegó allí porque la patota que irrumpió en su casa en 1964 vio una Biblia de tapa roja. Comunista. Todos los presos fueron liberados cinco meses después. Y en agosto el estadio volvió a albergar partidos de fútbol. Otros 108 brasileños, estableció la CNV, fueron torturados por militares brasileños en el Estadio Nacional de Santiago de Chile, casa de terror de Pinochet.

La dictadura vigiló a la selección tricampeona mundial de México 70, quizás el equipo más bello en la historia del fútbol. Echado el DT comunista Joao Saldanha ("Joao sin miedo") apenas antes del Mundial, quedaron el preparador físico Admildo Chirol, auxiliado por Claudio Coutinho y Carlos Alberto Parreira, todos formados en la Escuela de Educación Física del

Ejército, igual que el teniente Raúl Carleso, preparador de arqueros, y que el capitán José Bonetti, supervisor. Jefe de la delegación fue el mayor brigadier Jerónimo Bastos, y jefe de seguridad, el mayor Roberto Ipiranga Guaranys, torturador del régimen. La Confederación Brasileña de Deportes (CBD) era presidida por Joao Havelange, que en 1974 asumió en la FIFA y fue reemplazado por el almirante Heleno Nunes. Quedó fuera de la selección Edú Antunes Coimbra, acaso el mejor defensor de Brasil en 1969, pero cuyo hermano Nando, futbolista y estudiante de Filosofía, cayó preso y fue torturado apenas después del Mundial. El hermano menor, el más famoso, se llama Zico. A Tostao le prohibieron que siguiera hablando de política. Y Pelé fue títere del dictador Emilio Garrastazu Medici. "Acepte señor presidente mis sinceros agradecimientos por elegir a este humilde brasileño" para "la honrosa misión de representar a su ilustre gobierno", escribe una carta Pelé a Medici, al inaugurar la Plaza Brasil, en Guadalajara, apenas meses después del Mundial. "No hay dictadura en Brasil, somos un pueblo libre. Nuestros dirigentes nos gobiernan con tolerancia y patriotismo." Pelé, que dijo estas palabras en 1972, contó décadas después que se negó a jugar el Mundial 74 "porque ya estaba infeliz con la dictadura".

El clima "Prá Frente Brasil" de México 70 y el llamado "Milagro económico", empujaron a Medici, que iba a las canchas con radio pegada al oído, a crear en 1971 el Campeonato Brasileño, uniendo por fin a casi todos los estados. Los 20 equipos iniciales subieron al doble tres años después, a 54 en 1976, a 74 en 1978 y al récord de 94 en 1979. Arena, el partido militar, precisaba votos en las elecciones controladas y el lema era "Donde a Arena le va mal, un equipo más al Nacional". La dictadura financió viajes de los equipos, perdonó impuestos y facilitó dinero para la construcción de 52 estadios, dos de ellos con el nombre de Medici y muchos otros con el de gobernadores eternos, socios civiles del dictador. Hubo sorpresas. Más de cien mil hinchas que colmaron el Beira-Rio, de Porto Alegre, silbaron en 1972 durante los 90 minutos a la selección tricampeona mundial, en un amistoso que fue parte de la fiesta por los 150 años de la independencia de Brasil. No fue un acto de resistencia, sino de protesta porque el DT Zagallo había excluido del equipo a Everaldo, único jugador de Rio Grande do Sul que jugó en México. Otra vez en Porto Alegre, la policía reprimió en 1976 a los hinchas de Inter que hacían un minuto de silencio por la muerte de Goulart, presidente depuesto e hincha del equipo. También hubo jugadores rebeldes. "Usaba mi tribuna porque yo quería vivir en democracia", dijo Reinaldo a la página web Trivela (Tres dedos), en un gran informe sobre fútbol y dictadura. El crack del Atlético Mineiro fue excluido de la selección después de que, en pleno Mundial 78, celebró un gol con el gesto de las Panteras Negras. Hubo más casos, pero el símbolo mayor, claro, fue la célebre "Democracia Corintiana". "Amnistía amplia, general e irrestricta", reclamaba ya en 1979 un cartel de Gavioes da Fiel, hinchada de Corinthians, contra Santos, ante más de cien mil personas en el Morumbi. Sócrates comandó al plantel que comenzó a salir a la cancha exigiendo elecciones libres, finalmente concretadas en 1985. En 1964, Corinthians tenía como presidente a Wadih Helu, colaborador del golpe. A su lado, pidiendo luego investigaciones contra "periodistas subversivos", estaba José María Marín. Es el hombre que aún hoy, último día de 2014, sigue siendo presidente de la Confederación Brasileña de Fútbol (CBF)

MONTEIRO, Marcelo. **As grandes polêmicas de Brasil e Argentina.** GloboEsporte.com. Disponível em

<<http://globoesporte.globo.com/platb/memoriaec/2009/09/04/as-grandes-polemicas-de-brasil-x-argentina/>>. Acesso em: 29 out. 2014.

As grandes polêmicas do superclássico Brasil x Argentina

A história de Brasil e Argentina é repleta de jogos emocionantes. E também de polêmicas. No recém-lançado livro "Brasil x Argentina – Histórias do maior clássico do futebol mundial (1908-2008)", o escritor Newton César de Oliveira Santos relata algumas das brigas que

marcam a história do confronto. Segundo Newton, “em quase 50% dos jogos entre as duas seleções houve algum tipo de conflito (brigas, discussões, abandono de gramado, etc)”.

A relação entre os dois selecionados, inicialmente muito boa, sofreu o primeiro grande abalo em 1920. A seleção brasileira estava em Buenos Aires para um amistoso. Em 3 de outubro, o jornal argentino “Crítica” publicou uma charge em que jogadores e integrantes da delegação brasileira eram retratados como macacos. O desenho era acompanhado de um texto, escrito pelo uruguaio Antonio Palacio Zino, bastante ofensivo aos brasileiros (imagem ao lado).

O texto chegou às mãos de jogadores do Brasil no dia do amistoso, programado para o dia 6. E causou um racha entre os atletas. O capitão Sisson tentou convencer os companheiros a não entrar em campo, como forma de protesto pelo artigo. Outros atletas achavam que o time deveria jogar a partida, em respeito ao público. E seis se dirigiam para o Club Sportivo Media Vuelta. Inicialmente, o Brasil entrou em campo com 11. Chefe da delegação e autor do primeiro gol da história da seleção, mas já um ex-jogador, Osvaldo Gomes aceitou atuar. Mais quatro argentinos completaram o ‘Brasil’. Mas logo após o começo do amistoso, torcedores locais perceberam que o adversário estava remendado e passaram a atirar objetos no gramado.

O jogo foi interrompido. Diante da impossibilidade de devolver o dinheiro pago pelos ingressos, chegou-se a uma solução, no mínimo, estranha: cada time jogaria com apenas sete jogadores. Do lado brasileiro, além do chefe da delegação como jogador, uma outra ‘novidade’: o goleiro Kuntz atuando como zagueiro. No fim, a Argentina venceu por 3 a 1 e, no dia seguinte, os brasileiros foram homenageados com várias manifestações de solidariedade.

Dezessete anos depois, argentinos e brasileiros voltaram a se enfrentar em Buenos Aires, para decidir, em um jogo-extra, o Campeonato Sul-Americano de 37. Mais de 60 mil pessoas superlotaram o estádio do San Lorenzo. Após algumas jogadas ríspidas, o clima esquentou de vez aos 36 minutos da etapa inicial, quando o argentino Varallo foi atingido por Carnera com um pontapé. O atacante revidou com um soco. O brasileiro partiu atrás do oponente e foi cercado por adversários.

“Foi então que a maioria dos atletas em campo se envolveu em autêntica batalha, que recrudesceu quando o gramado foi invadido primeiramente por torcedores e depois pela polícia”, descreve Newton César em seu livro.

Os brasileiros chegaram a abandonar o gramado. Depois de 42 minutos de paralisação, o jogo foi reiniciado. Mas uma nova briga (entre o brasileiro Roberto e o argentino Cherro) voltou a causar um grande conflito, com nova invasão do campo.

O juiz uruguaio Luiz Angel Mirabal encerrou o primeiro tempo antes da hora. No intervalo, jogadores argentinos foram ao vestiário dos brasileiros para tentar acalmar os ânimos. O que, surpreendentemente, ocorreu. O segundo tempo correu sem maior problemas, e o 0 a 0 obrigou a realização da prorrogação. E a Argentina fez dois gols no período suplementar, vencendo por 2 a 0 e conquistando o título. E o final da batalha foi ainda mais inesperado.

“Os campeões deram uma volta olímpica ao redor do gramado e foram acompanhados pelos brasileiros Jaú, Jurandir, Brandão e Afonsinho. Todos os presentes respeitaram os acordes dos hinos nacionais dos dois países, e uma salva de palmas encerrou a grande final”, relata Newton.

Nova batalha campal ocorreria quase uma década depois. Mas as consequências foram piores. Em 1946, Argentina e Brasil novamente decidiram o Sul-Americano em Buenos Aires. A tabela deixou o confronto entre os dois favoritos para a última rodada, em 10 de fevereiro. Com quatro vitórias, os donos da casa jogavam pelo empate. O Brasil, por ter empatado com o Paraguai (1 a 1), precisava ganhar para ficar com o troféu.

Oitenta mil argentinos compareceram ao estádio Monumental para assistir ao confronto tão esperado. Antes do pontapé inicial, o zagueiro Battagliero, que havia fraturado a perna na final da Copa Roca do ano anterior, em disputa com Ademir de Menezes, foi ao gramado, amparado por duas pessoas, saudar o público. O sentimento de vingança tomou conta de boa parte dos torcedores. E o acaso contribuiu para o pior. Após alguns desentendimentos entre os jogadores, Jair Rosa Pinto dividiu uma bola com o zagueiro Salomón aos 28 minutos da etapa inicial. O argentino levou a pior na jogada e ficou estirado no gramado...com a perna quebrada.

Jogadores argentinos partiram para cima de Jair, o que gerou um confronto generalizado em

campo. Policiais invadiram o gramado e agrediram jogadores brasileiros. A principal vítima foi o ponta-esquerda Chico, que sofreu um ferimento na altura de olho esquerdo.

Depois de muita confusão, a delegação brasileira foi para os vestiários decidida a não retornar a campo, mas foi ‘aconselhada’ a mudar de ideia pelo chefe do policiamento, que dizia não poder garantir a segurança dos visitantes se o jogo não recomeçasse. Uma hora e 12 minutos depois da briga, as equipes voltaram a campo. Intimidado, o time brasileiro não resistiu ao adversário e perdeu por 2 a 0.

Depois da batalha campal de 46, argentinos e brasileiros somente voltariam a ficar frente a frente dez anos depois em um gramado de futebol.

Uma nova batalha futebolística ocorreria em solo argentino 32 anos depois. Em plena ditadura argentina, os rivais se enfrentam pela segunda fase da Copa do Mundo de 78. Como uma resposta à esperada catimba adversária, o treinador brasileiro Cláudio Coutinho recorreu ao volante Chicão pela primeira vez – e única - no Mundial. O jogador do São Paulo era famoso não pela técnica, e sim pelo jogo duro. Às vezes, violento.

O jogo, que ficou conhecido para a história do futebol como a “Batalha de Rosário”, não teve gols. Mas não faltaram pontapés, empurrões etc dos dois lados. O empate por 0 a 0 manteve as chances das duas equipes de chegar à decisão do Mundial. Na última rodada da fase, o Brasil venceu a Polônia por 3 a 1. Duas horas depois, a Argentina entrou em campo sabendo que precisaria superar a seleção do Peru por quatro gols de diferença. Fez seis.

Terceiro colocado, o Brasil saiu como ‘campeão moral’. E a Argentina com a Taça Fifa, após superar a Holanda na final.

MOTA, Vinícius. **Por uma cabeça**. Folha de S.Paulo. 17.fevereiro.2014. Caderno Opinião. Disponível em: <<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/152570-por-uma-cabeca.shtml>>. Acesso em: 12.dez. 2014.

SÃO PAULO - Para quem gosta de alimentar a competição entre brasileiros e argentinos, vai uma dica. Foi-se o tempo em que a renda per capita brasileira, medida em dólares, era uma pequena fração comparada à argentina.

Em 1983, quando o vizinho do sul saiu da ditadura, o PIB por habitante no Brasil não chegava a um terço do argentino. Três décadas depois, estamos a cinco pontos percentuais da igualdade. Por uma cabeça, como diz o tango de Carlos Gardel.

Se cotejamos o volume total das duas economias, o cavalo lusófono dispara na pista. Para cada US\$ 100 produzidos no Brasil hoje, a Argentina faz apenas US\$ 22 ""contra US\$ 71 há 30 anos. O desempenho do Brasil no período foi apenas razoável. Foi a Argentina que afundou, e as explicações sobre esse desastre nacional convergem para a política.

A redemocratização argentina passou ao largo da necessidade de regularizar, aprofundar e estabilizar as instituições de mercado. A moeda nacional foi rifada na gestão Menem (1989-1999), no plano para erradicar a inflação com dólares alheios.

O modelo ruiu quando os dólares globais buscaram abrigo nos EUA no final da década de 1990. Na Argentina, isso produziu uma das mais severas recessões de que há registro. A deterioração financeira logo se tornou catarse política, que derrubou o presidente Fernando de la Rúa em 2001.

O ciclo seguinte em nada inovou. Reascendeu a velha cepa populista argentina, que distribuiu fartos recursos públicos sob a forma de subsídios, controlou preços e afugentou investimentos. Esse grupo gozou de conforto no poder enquanto durou a exuberante arrancada chinesa da primeira década do século 21.

A bonança chega ao fim sem que a Argentina tenha se modernizado. O peso afunda em descrédito, e a crise financeira está perto, a uma cabeça, de desaguar em convulsão política.

PALÁCIOS, Ariel. **Um país e sua história de crises**. O Estado de S. Paulo. 10.maio.2014. Caderno Economia. Disponível em:

<<<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,um-pais-e-sua-historia-de-criises,184408e>> Acesso em: 06 jan. 2015.

Um país e sua história de crises

ARIEL PALÁCIOS, DE O ESTADO DE S. PAULO

10 Maio 2014 | 11h 38

Há 40 anos, a Argentina ainda ostentava a imagem de ser "uma parte da Europa na América do Sul". Seu padrão de vida estava entre os melhores do planeta, exibia a menor pobreza da América Latina, os melhores índices de alfabetização e industrialização da região, enquanto seus habitantes se orgulhavam de ser um "paraíso da classe média" e ufanavam-se de terem sido os pioneiros na energia nuclear no Hemisfério Sul. Porém, os golpes militares eram parte do cotidiano, as empresas começavam a exibir sinais de falta de renovação tecnológica e os conflitos sindicais eram constantes. Um ano depois o país teve o primeiro grande ajuste econômico, "El Rodrigazo". E nunca mais foi o mesmo.

De 1975 até este ano a Argentina padecia de seis graves crises econômicas, sem contabilizar as de médias e pequenas dimensões. De lá para cá, o país foi governado por 19 presidentes, entre militares, civis (nestes, incluindo os provisórios). Nestas quase quatro décadas passaram pela pasta da Economia 33 ministros, enquanto o Banco Central - sem autonomia real - teve 33 presidentes. Os vários políticos que passaram pela cadeira presidencial implementaram estatizações de empresas, privatizações e reestatizações. Também aplicaram confiscos bancários e calotes a credores estrangeiros, junto com momentos de abertura comercial misturadas com elevado protecionismo.

Em 1969, poucos anos antes do início da decadência argentina, o economista americano Simon Kusnetz (1901-1985) tentou definir a Argentina: "Existem quatro modelos de países no planeta. O primeiro modelo é desenvolvido, dos ocidentais capitalistas. O outro é o subdesenvolvido, dos países do bloco comunista. Depois, estão o Japão...e a Argentina!". Outra versão, do próprio Kusnetz, foi mais irônica: "Existem três tipos de países no mundo. Os normais. O Japão. E a Argentina."

Kirchnerismo. Em 2001, quando o então presidente provisório Adolfo Rodríguez Saa decretou o calote da dívida pública com os credores privados, o país devia US\$ 144,5 bilhões. No entanto, apesar das promessas de "desendividamento" do casal Néstor e Cristina Kirchner - que chegaram à Casa Rosada em 2003 - em 2013 a dívida pública acumulada foi recorde, de US\$ 196,143 milhões, segundo disse ao Estado o jornalista Jorge Lanata, autor de 10 K, A Década Roubada. Sob o kirchnerismo - que completará 11 anos no poder em 25 de maio -, a dívida cresceu apesar das reestruturações dos títulos com os credores (2005 e 2010).

O aumento da dívida - junto com a queda dos investimentos no país, um déficit fiscal de 2% em 2013, além da falta de segurança jurídica e da desvalorização de 21% do peso desde o início do ano (sem que isso tivesse um impacto positivo nas exportações, que caíram) - é um dos vários sinais do imprevisto na administração na economia.

Outro sinal é a redução persistente das reservas do Banco Central, que colocam a Argentina e a Venezuela como os únicos dois países da América do Sul que nos últimos anos registraram a diminuição significativa dos fundos das respectivas entidades monetárias. Durante o mandato de Néstor Kirchner (2003-2007), as reservas do BC cresceram de forma gradual a partir de US\$ 14 bilhões em 2003. Em janeiro de 2011 alcançaram o recorde de US\$ 52,54 bilhões. Mas, de lá para cá, devido ao uso dos fundos do BC para o pagamento da dívida pública e da importação de energia, entre outros, caíram para a atual faixa de US\$ 28 bilhões. Analistas afirmam que Cristina poderia deixar a seu sucessor apenas US\$ 20 bilhões.

A falta de uma política consistente na área energética é outro problema. Estudo elaborado por vários ex-secretários de energia indica que, enquanto as reservas comprovadas de petróleo em 2003 eram de 448 milhões de metros cúbicos, em 2012 haviam caído 16%, para 374,2 milhões. No caso das reservas de gás a redução é mais drástica, de 52%, de 664 milhões de metros cúbicos em 2003 para 315,5 milhões em 2012.

Em 2012 a presidente Cristina expropriou as ações que a empresa espanhola Repsol tinha na YPF, renacionalizando a companhia petrolífera (que havia sido estatal até 1991) em nome da "soberania energética". Mas em 2013, sem conseguir investidores, fez um acordo - com cláusulas secretas - com a americana Chevron. Parte do kirchnerismo radical ainda tenta digerir a aliança com o símbolo do "império ianque".

O país também é assolado pela inflação, velho fantasma dos argentinos. A alta entre 2003 e 2013, segundo o governo Kirchner, foi de 105,8%. Mas, esse índice oficial é rejeitado por sindicatos, associações empresariais e as principais consultorias econômicas. Em média, os economistas dizem que a inflação real acumulada nesses dez anos superou o dobro, com 220,4%. Para este ano, as previsões de economistas indicam uma inflação em torno de 30%.

Para combater a inflação cuja existência nega, o governo implementou nos últimos 12 meses três tentativas de congelamento de preços. Todas fracassaram. À inflação, soma-se o risco de um crescimento de apenas 0,5% do PIB este ano, segundo previsões do FMI.

PALACIOS, Ariel. Inflação argentina acumula mais de 33% desde janeiro (tudo isso com uma pitada de Edvard Munch enquanto o país teme saques a estabelecimentos comerciais em dezembro). O Estado de S.Paulo. 25.nov..2014. Internacional. Disponível em: <<<http://internacional.estadao.com.br/blogs/ariel-palacios/inflacao-argentina-acumula-mais-de-33-desde-janeiro-enquanto-o-pais-teme-saques-a-estabelecimentos-comerciais-em-dezembro/>>> Acesso em: 27 dez.. 2014.

Inflação argentina acumula mais de 33% desde janeiro (tudo isso com uma pitada de Edvard Munch enquanto o país teme saques a estabelecimentos comerciais em dezembro)

ARIELPALACIOS

25 Novembro 2014 | 21:21

Em 2012, durante uma dissertação na Universidade de Harvard, nos EUA, a presidente Cristina Kirchner disse que um país com uma inflação de 25% seria “ingovernável” e que “a Argentina explodiria”.

Na nota acima uma paródia do quadro do pintor norueguês Edvard Munch (1863-1944), “Skrik” (O Grito). Esta é uma nota com intervenção artística da comunidade “Los billetes andan diciendo” (“As notas estão falando”) que nas redes sociais conta com mais de 200 mil seguidores. Seus participantes, – com a típica ironia argentina – “intervêm” artisticamente as notas de pesos, que cada vez valem menos. Ou, que no caso das notas de 2 pesos, não servem para quase mais coisa alguma, a não ser fazer desenhos em cima delas. As efígies originais são transformadas em personagens como Walter White, o protagonista de Breaking Bad; Ossama Bin Laden, o vilão dos Jogos Mortais, Charles Chaplin, Darth Vader e até um disco voador...

O governo da presidente Cristina Kirchner anunciou por intermédio do Instituto Nacional de Estatísticas e Censos (Indec) que a inflação de outubro foi de 1,2%. Segundo o Indec a inflação acumulada de janeiro a outubro foi de 21,4%. No entanto, este índice é desconsiderado por economistas, empresários, sindicatos e organizações sociais (e humoristas, que fazem piadas sobre os dados do governo), que ressaltam que a administração Kirchner persiste na maquiagem de preços, apesar das críticas e do descrédito.

Os números do governo são substancialmente inferiores aos cálculos de diversas entidades que nos últimos anos criaram índices paralelos.

Segundo a média do cálculo das principais consultorias econômicas portenhas, divulgada pelos partidos da oposição no Parlamento (denominado de Índice-Congresso) a inflação argentina de outubro foi de 2,25%. A alta acumulada desde janeiro teria sido de 33,25%. Nos últimos doze meses o aumento da inflação foi de 41,25%, segundo o cálculo elaborado no Parlamento.

O Índice-Congresso começou a ser elaborado há três anos como alternativa ao manipulado cálculo oficial. Segundo os parlamentares, “a recessão continua elevada, apesar do contexto recessivo”.

Outro índice, do Departamento Geral de Estatísticas da cidade de Buenos Aires, sustenta que a inflação de outubro foi de 1,9%. O total acumulado neste ano é de 33,6%. A inflação dos últimos doze meses seria de 33,6%.

Outra medição paralela da inflação, a realizada pelo movimento social de esquerda “Bairros em Pé”, que organiza refeitórios populares nos bairros pobres, o aumento da inflação acumula mais de 33% desde o início deste ano.

Outra intervenção artística. Neste caso, a nota de 50, com o presidente Sarmiento transfigurado em Capitão América. Atualmente, só sendo mesmo super-herói para defender o desvalorizado valor das notas. Com uma destas, há 10 anos, uma pessoa solteira fazia sua compra do mês no supermercado. Atualmente, essa pessoa compra um pacote de pão de forma.

MANIPULAÇÕES - O Indec é alvo de acusações de manipulação dos índices desde janeiro de 2007, quando o organismo foi colocado sob intervenção federal, que implicou na demissão dos técnicos que não concordaram em participar da alteração dos dados. Além de críticas dentro da Argentina, a maquiagem dos índices também foi condenada pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), que aplicou sobre o governo Kirchner uma “moção de censura”.

O Prêmio Nobel da Economia de 2008 Paul Krugman, escreveu em sua coluna no jornal “The New York Times” que “a Argentina parece realmente ter muito mais inflação do que o governo admite”.

Os analistas em Buenos Aires sustentam que o combate à inflação terá que ser uma prioridade para o próximo governo, a ser eleito em outubro do ano que vem.

Segundo a consultoria Ecolatina, o PIB terá uma queda de 4% no último trimestre deste ano em comparação com o mesmo período do ano passado. A consultoria Miguel Bein e Associados considera que a queda será 5%.

O economista José María Fanelli, do Centro de Estudos de Estado e Sociedade (Cedes) em conferência no seminário anual da consultoria Abeceb, afirmou que “economia alguma tolera por muito tempo a estagflação”.

O jedi Obi Wan Kenobi nesta nota de 2 pesos em superposição à efígie original, do presidente, jornalista e historiador Bartolomé Mitre.

TEMOR A SAQUES E PEDIDO DE ALIMENTOS - O secretário de Segurança Sergio Berni declarou na segunda-feira que recebeu “relatórios confidenciais” sobre a preparação de possíveis “saques localizados” a estabelecimentos comerciais ao longo de dezembro, especialmente ao redor do Natal e Reveillon. Segundo Berni, os organizadores dos planos de saques seriam a organização social “Bairros em pé”, partidos da oposição, além de setores do “velho e arcaico” peronismo, em referência aos grupos do Partido Justicialista (Peronista) que não estão alinhados com o governo da presidente Cristina Kirchner.

A Casa Rosada e governadores das províncias, além de prefeitos, temem uma nova fase de saques, tal como os ocorridos em dezembro do ano passado, quando mais de 3 mil lojas foram saqueadas em toda a Argentina. Fontes do governo indicam que as autoridades distribuirão sacolas com alimentos nos dias prévios ao Natal para acalmar os ânimos dos setores empobrecidos pela escalada inflacionária. As principais ações estarão focalizadas nos municípios da Grande Buenos Aires, onde concentram-se os conflitos sociais.

O secretário Berni, que gerou polêmica há um mês ao respaldar uma proposta para a deportação de imigrantes estrangeiros que cometam delitos na Argentina, afirmou que o governo está organizando-se para enfrentar a ameaça. Segundo ele, os saques não são decorrência de “conflitos sociais”, mas sim, protagonizados por grupos políticos que “pretendem provocar uma explosão social”.

Na semana passada organizações sociais comandadas pela “Bairros em pé”, exigiram de 25 supermercados na região metropolitana de Buenos Aires a entrega de comida para 8 mil famílias para “ter um Natal e Reveillon digno”.

A “Bairros em pé” retrucou as acusações do secretário Berni, afirmando que não planejam saques e que pedem alimentos “de forma pacífica”.

A “Bairros em pé” é um movimento de esquerda que durante vários anos foi aliado do governo de Cristina Kirchner, até que rompeu com a Casa Rosada. A organização mobilizará seus militantes à Praça de Mayo amanhã (quarta-feira) para insistir no pedido de distribuição de comida gratuita para setores empobrecidos.

Há dois meses, em discurso em rede nacional de TV, a presidente Cristina afirmou que acredita que “alguns setores” estavam preparando “manobras” de desestabilização por intermédio de “explosões sociais” montadas.

CHINESES ASSUSTADOS - A Federação de Supermercados e Associações Chinesas da Argentina fez um apelo ao governo para que em dezembro forneça uma segurança reforçada aos estabelecimentos comerciais que pertencem a integrantes dessa comunidade. Nos últimos 20 anos os chineses implantaram pequenos supermercados nos bairros mais pobres da Grande Buenos Aires, evitados pelas grandes redes. Os chineses controlam quase a totalidade dos supermercados de pequeno e médio tamanho da área metropolitana de Buenos Aires.

No ano passado vários comerciantes chineses foram agredidos durante os saques. Um deles morreu queimado defendendo seu estabelecimento ao qual os saqueadores haviam atado fogo. “Este é um ano mais sensível”, afirmou Miguel Calvete, porta-voz da Associação.

DESEMPREGO E RECESSÃO - Na semana passada o governo Kirchner admitiu que o desemprego no país aumentou de 6,8% para 7,5% da população economicamente ativa ao longo do último ano. A cidade de Córdoba, um dos principais centros industriais, localizada na região central da Argentina, está sendo afetada por uma onda de demissões de montadoras e fábricas de autopeças. Ali, o desemprego passou de 8,99% para 11,6%. Córdoba foi o cenário dos principais saques a estabelecimentos comerciais e residências no ano passado.

As consultorias econômicas em Buenos Aires sustentam que 2014 será encerrado com uma queda de 2% a 3% do PIB. No entanto, o governo Kirchner afirma que o PIB crescerá 0,5%.

Enquanto que os cálculos dos economistas para 2015 indicam que o PIB oscilará entre uma queda de 1% e um aumento de apenas 0,5%, o ministro da Economia, Axel Kicillof, prevê uma alta de 2,8%.

ARGENTINA TEM HISTÓRICO DE VINTE E CINCO ANOS DE SAQUES

O histórico dos saques em massa na Argentina começou em 1989, quando centenas de estabelecimentos comerciais foram depredados nos arruinados municípios da Grande Buenos Aires durante o período da hiperinflação. O governo do então presidente Raúl Alfonsín (1983-89) decidiu apaziguar a população com a distribuição de comida grátis durante meses.

Nos anos 90 foram registrados saques em pequenas cidades do interior, que empobreceram rapidamente a partir do processo de privatizações do governo do ex-presidente Carlos Menem (1989-99).

Em dezembro de 2001 a Argentina estava à beira do colapso total, já que a crise econômica – agravada pelo “corralito” (o maior confisco bancário da História argentina) – levou à pobreza milhões de argentinos de um dia para outro. As principais cidades do país transformaram-se em um violento cenário de batalhas campais entre desempregados que saqueavam supermercados e a Polícia.

Em dezembro do ano passado, junto com o ressurgimento dos problemas sociais no interior do país, dezenas de milhares de pessoas aproveitaram uma onda de greves das forças policiais em dois terços das províncias argentinas para saquear mais de 3 mil lojas e supermercados além de 1.500 residências, especialmente nas cidades de Córdoba e Tucumán. Os saques, intermitentes, duraram uma semana.

MENOS CARNE – A Câmara da Indústria da Carne (Cicra) anunciou que o consumo da carne bovina – elemento fundamental da mesa cotidiana dos argentinos – registrou uma queda de 6% desde o início deste ano. Em média, os diversos cortes de carne bovina tiveram aumentos de 56% desde janeiro.

PALACIOS, Ariel. Argentina deixa para trás o “Dolar-Messi” e vai na direção do “Dólar-Baile de debutantes” (e um dicionário de ‘dolarês’ portenho). O Estado de

S.Paulo. 3.set.2014. Internacional. Disponível em: <<<http://internacional.estadao.com.br/blogs/ariel-palacios/argentina-deixa-para-atras-o-dolar-messi-e-vai-na-direcao-do-dolar-baile-de-debutantes/>>> Acesso em: 20.nov.2014.

Argentina deixa para trás o “Dólar-Messi” e vai na direção do “Dólar-Baile de Debutantes” (e um dicionário de ‘dolarês’ portenho)

ARIELPALACIOS - Blog Os Hermanos

03 Setembro 2014 | 15:43

Dólar no mercado paralelo na Argentina está na faixa dos 14 pesos e avança persistentemente na direção do patamar dos 15 pesos.

“Dólar-Messi”, “Dólar-Tevez” e “Dólar-Mascherano” foram algumas das denominações que o ácido humor portenho utilizou para batizar os diversos pontos da escalada da cotação do dólar no mercado paralelo desde o início do ano. Os apelidos aplicados eram uma alusão aos números das camisetas desses jogadores da seleção (10, 11 e 14 pesos). Mas, perante a persistência da escalada do paralelo, que nesta terça-feira encerrou a jornada em 14,25 pesos, os argentinos já batizaram a próxima etapa: “Dólar-Baile de Debutantes”. Isto é, 15 pesos.

O dólar oficial encerrou a jornada de terça em 8,47 pesos. Desta forma, existe uma brecha cambial de quase 68,2% entre as duas cotações. Economistas na city financeira portenha indicam que o dólar oficial poderia chegar ao Reveillon em uma faixa entre 9,50 e 10 pesos. Os analistas também especulam que o dólar paralelo – também chamado de “blue” – poderia encerrar o ano oscilando entre 18 e 19 pesos.

Por trás desta alta do dólar, além da inflação, estão as incertezas geradas pelo calote parcial dos títulos da dívida pública argentina com credores nos Estados Unidos a partir de julho, junto com o conflito que a presidente Cristina Kirchner deflagrou com os “holdouts”, denominação dos credores que não aderiram às reestruturações feitas em 2005 e 2010 pela administração Kirchner. O presidente da Bolsa de Comércio, Adelmo Gabbi, sustenta que “se as pessoas investem em dólares é porque não confiam no ministro da Economia, Axel Kicillof”.

Segundo o Centro de Implementação de Políticas Públicas (Cippec) a desvalorização do peso desde o início deste ano implicou na alta de 27% dos vencimentos que as províncias argentinas devem enfrentar. A cidade de Buenos Aires tem 98% de sua dívida em dólares, enquanto que na província de Buenos Aires é de 46%.

A falta de dólares está provocando prejuízos no setor automotivo, já que diversas montadoras não estão conseguindo importar a totalidade das peças que precisam por falta de acesso ao dólar.

IDÍLIO VERDE – A relação de culto da moeda americana por parte dos argentinos começou em 1827, quando – depois de fracassar diante de falsificadores na impressão de cédulas made in Argentina – o governo de Buenos Aires encomendou a fabricação de pesos nos EUA. A gráfica contratada pelos argentinos preparou as cédulas de pesos com as legendas em espanhol. Mas na hora de decorar a cédula os donos da gráfica optaram por colocar uma figura conhecida.

Por isso, a efígie, em vez de ser a de um herói da independência argentina, foi a de um americano, George Washington. De quebra, colocaram no meio um canguru (australiano) como ilustração (ora bolas, pelo menos era um bichinho que morava ao sul do Equador, se bem que na Oceania). Desta forma, em seus primórdios os pesos já exibiam certa aspiração – involuntária – de querer ser o dólar. --- incluir no capítulo 1 – história

“O dólar é uma opção da população para defender sua capacidade de poupança”, afirma um veterano doleiro portenho ao **Estado**. “Para quê vou guardar pesos se estarão valendo menos amanhã?”, pergunta. Terceira geração de doleiros de sua família (suas tias-avós começaram vendendo libras e francos nos anos 50 e passaram aos dólares nos anos 60), explica que “na hora do jantar, nos lares de outras famílias, falava-se de futebol e das fofocas do bairro. Mas em minha casa, quando era criança, o assunto de conversa era o câmbio”.

O doleiro sustenta que anos 50 e 60, o dólar era comprado somente por pessoas da classe média alta e alta, que buscavam na moeda americana uma forma de ter reservas de segurança. No entanto, explica que a partir do colapso econômico causado pelo “Rodrigazo” (plano de ajuste econômico de Celestino Rodrigo, ministro da peronista presidente Isabelita Perón) em 1975,

com a desvalorização de 201% do peso – o que disparou a inflação de uma forma nunca vista antes na Argentina – os argentinos, da classe operária à alta, perante um panorama de incertezas, passaram a considerar o dólar como o único refúgio seguro. “E aí começou a grande obsessão argentina”, explica.

A obsessão também afetou os integrantes dos governos de plantão. Em junho de 1981, o ministro Lorenzo Sigaut, declarou: *“aquele que aposta no dólar, perde”*. O dólar era cotado a 4.269 pesos. Em menos de três meses, o dólar estava em 10.000 pesos. A frase de Sigaut tornou-se um exemplo, para os argentinos, de que desconfiar do governo é a melhor forma de sobreviver.

Alejandro Rebossio, co-autor de *“Sou Verde”*, livro que dissecou a relação dos argentinos com o dólar, disse ao **Estado** que “no resto do mundo os ricos adquirem dólares e investem nessa moeda. Mas, na Argentina, além dos ricos, a classe média também compra dólares, bem como os operários”. Segundo Rebossio, os argentinos são o povo – depois dos americanos – que mais possuem cash em dólares per capita, em média de US\$ 1.300. “A economia argentina não está dolarizada, já que você não paga um café e um sanduíche com dólares no dia a dia. Os argentinos usam os dólares para guardar, já que possuem poucas opções seguras para investir e sabem que mais cedo ou mais tarde sempre ocorrem desvalorizações”.

Uma pesquisa elaborada pela consultoria Polidata sustenta que 72,3% dos argentinos acompanham cotidianamente a cotação do dólar com diversos graus de atenção. Somente 23,7% não se importam com a moeda americana.

“Mesmo que as pessoas não comprem dólares, as pessoas estão informadas sobre ele, pois é uma variável de como está a economia”, explica Rebossio.

BREVE DICIONÁRIO DE ‘DOLARÊS’ PORTENHO

O MÉTIER DO DÓLAR CLANDESTINO:

Arbolito: “Arvorezinha”. Denominação dos cambistas. Antigamente era aplicada apenas às pessoas que ficavam na cêntrica rua Florida vendendo e comprando dólares. Eram chamados assim porque ficavam imóveis, no meio do calçadão, tal como os vasos com arbustos que nos anos 70 existiam nessa via. Atualmente o termo é aplicado para qualquer tipo de doleiro.

Cuevas: Escritórios nos quais trocam-se pequenas e grandes quantias de dólares. Alguns lugares são recônditos. Outros, mais óbvios, estão dissimulados como agências de turismo, brechós e lotéricas.

Delivery de dólar: O serviço feito pelas “cuevas” para a entrega de dólares aos clientes em seus domicílios.

AS COTAÇÕES:

Dólar Baile de Debutantes: Denominação criada de forma antecipada para quando o dólar paralelo chegue à faixa dos 15 pesos.

Dólar Blue: Denominação do paralelo. O nome “Blue” (azul) começou a ser utilizado em 2011. O nome vem de “blue chip”, jargão da operação que pode ser feita pela bolsa de valores para transferir dólares para o exterior. O dólar usado pelos cambistas passou a ser chamado com a mesma cor.

Dólar Messi: Nome que o dólar paralelo recebeu quando chegou aos 10 pesos, em alusão ao número dez que o astro argentino Lionel Messi do Barcelona FC possui em sua camiseta. Essa cotação já é parte do passado, bem como o “Dólar-Tevez”, relativo aos 11 pesos.

A CRUZADA ANTI-DÓLAR

Corralito Verde: Expressão irônica para designar a bateria de restrições aplicadas pela presidente Cristina, que praticamente impedem que os argentinos adquiram a divisa americana de forma legal.

Pesificação: A transformação de dólares para pesos. Os ministros do governo Kirchner afirmam que é preciso “pesificar” a dolarizada economia argentina.

VALORES:

Luca verde: Mil dólares. Uma luca, na gíria portenha, equivale a mil.

Palo verde: Um milhão de dólares. Um “palo” equivale a um milhão.

TURRIS, Antonio E.De. **Un gran dilema ético que plantea el Mundial.** LaNacion. 11.junho.2014. Disponível em:<<http://www.lanacion.com.ar/1700172-un-gran-dilema-etico-que-plantea-el-mundial>>Acesso em: 06.jan.2015.

Un gran dilema ético que plantea el Mundial

El Mundial de Brasil ha abierto un inesperado debate que puede resumirse en una simple pregunta: ¿Es razonable, ético, que países con enormes deudas sociales vuelquen parte de sus recursos a organizar gigantescos eventos deportivos?

Una parte de la sociedad brasileña ha respondido que no y lo hizo de una forma que se refleja en la violencia urbana que obligó a militarizar ciudades enteras y a una represión feroz por parte de las fuerzas de seguridad; también, con paros de trabajadores del transporte público que dejaron a millones de ciudadanos atrapados en las autopistas.

Los sectores disconformes con el Mundial, que no son sólo los que protestan, entienden que los más de 10.000 millones de dólares que su país gastó para hacer la competencia debieron haber sido puestos al servicio del transporte, la educación y la salud públicos. Así de simple.

En una dimensión infinitamente menor y por lo tanto incomparable, el Mundial brasileño también tendrá un costo para el Estado argentino: los 202 millones de pesos que el Gobierno aceptó gastar para que el certamen pueda ser visto gratuitamente por televisión en todo el país.

Aunque, como informó LA NACION, ese gasto se aproxima a lo que el Ministerio de Desarrollo Social invierte en un mes en su plan Seguridad Alimentaria, la cuestión no justifica que los argentinos salgan a las calles a enfrentarse con las fuerzas de seguridad y los gremios dispongan paros que generen más caos del que habitualmente hay en la Capital y el conurbano, pero eso no impide que la sociedad se haga preguntas similares a aquéllas. ¿Es razonable, ético, que habiendo miles de niños que comen salteado, hospitales públicos sin los insumos mínimos, y maestros, médicos y policías que ganan sueldos miserables se gasten 202 millones de pesos para que en todo el país se pueda ver el Mundial?

No hace falta que los economistas aclaren que 202 millones de pesos son una gota en el presupuesto del país, ni que los funcionarios K digan que las cosas así planteadas constituyen un golpe bajo o que algún sociólogo explique que un buen momento frente a la tele puede reemplazar un plato de sopa. La cuestión es otra. Se trata de apuntar a la ética de la solidaridad, algo que solía citar Raúl Alfonsín cuando pregonaba la necesidad de asegurar justicia social y condiciones favorables para los más necesitados. Que no pasan justamente por ver partidos de fútbol por televisión.

Miles de brasileños están enojados, también, porque sospechan que los costos de las obras del Mundial pudieron haber sido menores, y están esperando que el su gobierno clarifique las cuentas.

Aquí, en cambio, no hay dudas: los 202 millones podrían no haber salido de las arcas públicas si se hubiese vendido publicidad a los privados, algo fácil, tratándose nada menos que de un Mundial de fútbol. Se optó, en cambio, por mantener la línea del Fútbol para Todos de entrecasa: el único que puede mandar mensajes a la inmensa audiencia que tendrán los partidos es el Gobierno.

Paradójicamente, esos pobres que casi no tienen para comer y de quienes Cristina dice, y con razón, que tienen derecho a mirar el Mundial, verán que antes, durante y después de los partidos la televisión les habla de un país maravilloso, lleno de gente feliz que concreta sus sueños. Una tomadura de pelo lindante con la crueldad. ¿O no?

Si al equipo de Sabella le va bien y llega a la final y el país entero se encandila con el Mundial y se olvida de todo, estas líneas quedarán como un canto a la estupidez y al resentimiento. Si, por el contrario, la pelota no entra y la televisión argentina termina transmitiendo partidos entre selecciones que nada tienen que ver con nosotros y los diarios llenan sus páginas para explicar por qué Messi no fue el del Barcelona y cuestionar la ausencia de Tévez, algunos se preguntarán si la costosísima parafernalia para transmitir el certamen valió la pena. Es así. Lo ideal sería que la sociedad se plantee sus dudas aun con Messi levantando la copa. Pero esto es fútbol y es la Argentina.

SEIFERT, Roberto. **Brasil aplica nuevas trabas al ingreso de frutas desde la Argentina.** La Nacion. 15.outubro.2014. Disponível em: <<http://www.lanacion.com.ar/1735556-brasil-aplica-nuevas-trabas-al-ingreso-de-frutas-desde-la-argentina>> Acesso em: 22.jan. 2015.

Brasil aplica nuevas trabas al ingreso de frutas desde la Argentina

Las licencias de importación de peras y manzanas las aprobaba el Ministerio de Agricultura de ese país; desde el viernes, otros organismos se suman al trámite, lo que implica dilatar los tiempos

La aplicación de nuevas licencias de importación que Brasil comenzó a instrumentar desde el viernes pasado para las peras y manzanas argentinas ha provocado mucha preocupación en el sector, que teme que la demora en las autorizaciones genere un impacto financiero negativo en el sector.

En efecto, el 3 de este mes, Brasil notificó a importadores y despachantes de Aduana que comenzaría a aplicar desde el 10 una licencia adicional a la ya existente, medida que tiene alcance también para las frutas de Paraguay y Uruguay.

"Hoy la manzana de la Argentina, para poder ser importada, requiere una autorización del Ministerio de Agricultura, Pecuaria y Abastecimiento de Brasil a través de una licencia. Ahora se le suma otra licencia, que abarca también a las peras y en la que, además, intervienen en la aprobación el Departamento de Sanidad Vegetal de ese ministerio y otros organismos a nivel nacional y estadual, según sea el destino de la fruta, lo que puede llegar a generar demoras en las autorizaciones", dijo a LA NACION el director ejecutivo de la Cámara Argentina de Fruticultores Integrados (CAFI), Marcelo Loyarte.

Según el directivo, con la reglamentación vigente el trámite demora unos 15 días, con una dinámica bastante normal. "Pero ahora no sabemos a cuánto se puede extender, aunque de lo que estamos seguros es de que se van a prolongar por varios días y ello va a ralentizar las operaciones y provocará un impacto financiero negativo, ya que se acumula el ingreso de fruta. Y a mayor volumen, menor precio", explicó.

Loyarte agregó otra preocupación, y es que el segundo semestre del año es cuando Brasil se convierte en el mercado excluyente para las peras y las manzanas argentinas.

"No sabemos cuál fue el argumento de Brasil para tomar esta determinación. Hemos solicitado al Ministerio de Agricultura de la Nación, al Servicio Nacional de Sanidad y Calidad Agroalimentaria (Senasa), a la Cancillería y a la embajada que por favor soliciten la eliminación de esta medida en la próxima reunión del Mercosur", agregó Loyarte. A propósito, el directivo de CAFI señaló que, en términos de la normativa del Mercosur, "una medida de esta naturaleza no debería implementarse".

Brasil representa entre el 30 y el 35 por ciento de las exportaciones argentinas de peras y manzanas, que anualmente suman entre 190.000 y 200.000 toneladas por unos 200 millones de dólares. Un 60% corresponde a peras y el resto, a manzanas.

"Por ser un mercado cercano, el impacto de una medida de esta naturaleza afecta a pequeños, medianos y grandes exportadores, sin distinción", agregó el industrial.

En noviembre de 2011, Brasil ya había implementado medidas de esta naturaleza con un agravante: en aquella época, los camiones que estaban en tránsito no pudieron entrar porque la medida se aplicó de un día para el otro y eso generó un daño importante porque había muchos vehículos parados en la frontera. El perjuicio fue varias veces millonario en dólares y afectó a todos los exportadores.

En esta ocasión, en cambio, los camiones que estaban en tránsito al momento de anunciarse la medida pudieron ingresar sin problemas.

"No obstante, ya comienzan a concentrarse muchos camiones en la frontera. Cabe aclarar que el tránsito con fruta hacia Brasil es muy fluido y emplea unos 600 camiones al año para el transporte", concluyó Loyarte.

WERNECK, Rogério L. Furquim. **A argentinização do setor elétrico**. O Estado de S. Paulo. 14.fevereiro.2014. Caderno Economia. Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,a-argentinizacao-do-setor-eletrico-imp-,1130168>> Acesso em: 2 jan. 2015.

A argentinização do setor elétrico

ROGÉRIO L. FURQUIM WERNECK* - O ESTADO DE S.PAULO

14 Fevereiro 2014 | 02h 06

Na esteira do desalento com a inconsequência da atuação do governo, vem-se disseminando o temor de que o País acabe transformado numa imensa Argentina. Embora o pesadelo seja compreensível, não faltam bons argumentos para convencer os mais pessimistas de que ainda falta muito para que a Brasília de Dilma se converta na Buenos Aires de Cristina. Mas há que se reconhecer que, em certas áreas, a argentinização vem avançando de forma assustadora. Um bom exemplo é o do setor elétrico.

Esse é um setor em que, há muitos anos, o governo se tem permitido ser particularmente irracional. Em meados de 2003, a então ministra de Minas e Energia, Dilma Rousseff, apresentou uma proposta de reestruturação do setor elétrico que simplesmente não fazia sentido. Entre "pontos inegociáveis" e delírios voluntaristas, a proposta mostrava completo descaso por incentivos e fatores de risco que pautam decisões de investimento no setor. Bem mais de um ano se passou até que, com o País mais uma vez convertido em custoso navio-escola, especialistas de fora do governo conseguissem convencer a ministra a transformar a proposta em algo menos rudimentar.

Mas o vezo voluntarista e o desprezo pelo mercado não puderam ser eliminados. E, não tendo conseguido construir um ambiente regulatório que engendrasse tarifas módicas naturalmente, o governo vem, já há algum tempo, tentando assegurar modicidade tarifária na marra. No caso das hidrelétricas da Amazônia, fixou tarifas arbitrariamente baixas e, depois, despejou sobre os projetos de investimento todo o dinheiro público que se fez necessário para torná-los "viáveis".

Há cerca de um ano e meio, preocupado com a inflação, o governo decidiu reduzir tarifas de energia. Poderia ter diminuído a carga tributária que incide sobre as tarifas. Mas preferiu partir para a redução de preços pagos aos produtores de energia, por meio de truculenta antecipação do vencimento dos contratos de concessão. Até hoje o setor não se recuperou da desorganização deflagrada por essa intervenção.

Tendo conseguido impor expressiva redução tarifária, o governo logo se deu conta de que tal redução estava fadada a ser revertida, em decorrência da necessidade de repassar aos consumidores os custos de operação das usinas térmicas. E, para evitar que isso ocorresse, permitiu-se, mais uma vez, adotar solução flagrantemente populista: repassar a conta das térmicas para o Tesouro.

Ter tudo isso em mente ajuda a perceber com mais clareza o entalo em que agora se meteu o Planalto. A precariedade do suprimento de energia elétrica com que hoje conta o País se tornou evidente. E a probabilidade de que um racionamento se torne necessário já passou a ser preocupante.

Em condições normais, caberia ao governo reconhecer o problema e adotar medidas preventivas de racionalização da demanda, como elevação de tarifas e estímulos à conservação de energia. O grande problema é que, a sete meses e meio das eleições, o governo se recusa terminantemente a reconhecer a simples existência do problema. E é fácil perceber por quê. Tendo feito o que bem entendeu no setor por 11 anos, a presidente não tem a quem culpar. É a única e exclusiva responsável pelo quadro de precariedade da oferta de energia que hoje se vê. A palavra de ordem, portanto, é não admitir, sob nenhuma hipótese, que o problema sequer exista. Negar, negar e negar.

Salta aos olhos que essa negação, conjugada com a aposta desesperada nas águas de março, é estratégia altamente arriscada. E, até que saiba o desfecho da aposta, o governo estará exposto a grande desgaste. Para evitar que o custo de operação das térmicas seja repassado aos consumidores, o Tesouro terá de arcar com gastos da ordem de R\$ 18 bilhões em 2014. Se, num surto de inconsequência, o governo decidir ir em frente com o repasse desse custo para o

Tesouro, quando o País se defronta com um quadro de oferta de energia tão precário, o escandaloso populismo da decisão deverá marcar alarmante escalada no processo de argentinização do setor.

Buenos Aires: o que fazer de graça na capital argentina

Eduardo Szklarz Especial para o G1, de Buenos Aires

<http://g1.globo.com/turismo-e-viagem/noticia/2013/04/buenos-aires-oferece-arte-musica-e-danca-de-graca-seus-visitantes.html>

Assistir a um concerto numa das mais renomadas salas de espetáculo do mundo, dançar tango na casa onde viveu Carlos Gardel ou apreciar obras de Van Gogh, Picasso e Monet são algumas das atrações gratuitas que a capital argentina oferece a seus visitantes.

O **G1** preparou um roteiro de atividades grátis ou muito baratas para quem quer vivenciar a essência de Buenos Aires sem gastar muito. Confira abaixo:

Teatro Colón

Vista interna do Teatro Colón (Foto: Prefeitura de Buenos Aires/Divulgação)

Construído em 1908, o Teatro Colón é o templo da música clássica em Buenos Aires e oferece concertos de graça quase todo mês. O salão principal, com forma de ferradura, tem capacidade para 2.478 lugares e possui uma das acústicas mais perfeitas do mundo. A beleza da arquitetura também é páreo para ícones como o Scala de Milão ou o Royal Opera House de Londres. O fosso da orquestra tem capacidade para 120 músicos.

Mesmo que não seja para ver um espetáculo, entrar nesse lugar lendário já vale o passeio.

O edifício principal e os anexos ocupam uma superfície de 58 mil m² divididos em 7 andares, a maior parte deles no subsolo. É lá que funcionam as oficinas de adereços, calçados, alfaiataria, escultura e maquiagem. Para ter acesso a esses lugares, é preciso agendar uma visita guiada.

Teatro

Colón

Endereço: Calle Tucumán, 1.171; telefone: (+54)11-4378-7109. Os ingressos podem ser retirados 48h antes de cada espetáculo, das 10h às 20h, na bilheteria do teatro. As entradas são entregues até completar a capacidade da sala.

Manzana de las Luces

Neste quarteirão ("manzana", em espanhol) do bairro de Montserrat, o turista encontra a maior concentração de edifícios históricos por metro quadrado de Buenos Aires. O primeiro museu, a primeira universidade, o primeiro cartório e a primeira Assembleia Legislativa, além do Arquivo Geral. Tudo construído nos séculos 17 e 18.

Os grandes símbolos da época jesuíta (eles fundaram o local, em 1661) são a igreja e o Colégio de San Ignacio – hoje chamado de Colégio Nacional de Buenos Aires. Toda segunda, às 19h, há uma sessão de cinema gratuita na Manzana, com filmes do mundo inteiro e de todos os gêneros. Visitas

guiadas, oficinas de arte, exposições e espetáculos de música são pagos à parte -- os preços variam de R\$ 15 a R\$ 50.

Outra atração da Manzana de Las Luces são os túneis subterrâneos que podem ser observados ali. Até hoje, não se sabe quem os construiu nem por qual motivo. A hipótese mais aceita é que formavam uma rede que conectava igrejas, edifícios públicos e o forte da cidade. Os túneis teriam sido usados para proteger os moradores de ataques de piratas e corsários, ou para esconder mercadoria contrabandeada.

Certo é que a estrutura subterrânea foi abalada pelo impacto dos ônibus, do metrô e das obras mais modernas. “Por isso, quem visita a Manzana pode avistar uma parte dos túneis, mas não percorrê-los”, explica Alejandra Cersósimo, pesquisadora da Comissão Nacional da Manzana de las Luces, que faz parte da Secretaria de Cultura da Argentina.

Manzana de las Luces
Quartirão formado pelas ruas Bolívar, Moreno, Peru e Alsina; telefone: (+54)11-4343-3260; site: www.manzanadelasluces.gov.ar.

* Para o cinema grátis de 2ª feira às 19h, a entrada é pela Rua Peru, 272.

Cemitério da Recoleta

Uma mulher coloca uma foto de um parente desaparecido no túmulo do ex-primeira-dama Eva Perón no cemitério da Recoleta, em Buenos Aires. (Foto: Marcos Brindicci/Reuters)

O Cemitério da Recoleta é uma "minicidade" gótica no bairro mais elegante de Buenos Aires. O local abriga túmulos de gente importante, como o escritor Adolfo Bioy Casares e o ex-presidente Bartolomé Mitre. A maior atração é a cripta da família Duarte, onde está sepultada a ex-primeira dama María Eva Duarte de Perón – a mulher mais amada e odiada do país. “A tumba de Evita é muito simples: tem arquitetura clássica e fachada revestida em mármore. As pessoas se surpreendem porque esperam ver algo monumental”, diz o guia turístico Luis Leoz, especializado no cemitério.

Outra tumba famosa é a de Rufina Cambacéres, uma garota que morreu no dia em que fez 19 anos.

Há diversas histórias sobre ela, inclusive que teria sido enterrada viva. O cemitério impressiona pelas obras imponentes e os cerca de 2.400 vitrais.

E, além disso, guarda muitas curiosidades: um túmulo familiar, por exemplo, possui esculturas de um homem e uma mulher que estão de costas um para o outro. “O casal se dava mal durante a vida e manteve o rancor até mesmo após a morte”, explica o guia.

Também curioso é o túmulo de um empresário obcecado com a ideia de que seria sepultado vivo. Ele mandou construir um ataúde especial, com um dispositivo que permitia abri-lo por dentro e um botão que faria soar um alarme em caso de emergência.

Cemitério *da* *Recoleta*
Endereço: Junín, 1.760, Recoleta. Grátis

* Aberto todos os dias, das 7h às 17h45.

Plaza Dorrego

Rua de San Telmo num domingo

(Foto: Prefeitura de Buenos Aires/Divulgação)

San Telmo é o bairro mais boêmio de Buenos Aires, e a Plaza Dorrego é o símbolo do bairro. Foi nessa praça, em 1816, que os moradores da cidade festejaram a declaração de independência. Em 1978, ela foi tombada como Monumento Histórico Nacional.

O ideal é conhecê-la no domingo de manhã, quando se enche de visitantes e artistas dançando tango nas ruas.

O passeio começa com uma enorme feira de antiguidades, que abrange a praça e as galerias vizinhas. Lá é possível encontrar de tudo: vitrolas, discos de vinil, talheres de prata, joias, tigelas de porcelana, candelários (peças de cristal das luminárias) e sifões usados para gaseificar bebidas. Ao longo da Rua Defensa, o público é surpreendido por shows de artistas de rua e uma orquestra de tango que se apresenta ao ar livre – com direito a piano, violino, bandoneón (a "sanfona" do tango) e contrabaixo.

A poucos metros dali, na Rua San Lorenzo, 380, fica a casa mais estreita da cidade. Conhecida como “Casa Mínima”, ela tem apenas 2,5 metros de frente. Foi construída no início do século 19 e hoje está abandonada. Ninguém sabe ao certo quem foi seu dono. Os vizinhos contam que nela vivia um escravo liberto. Mas desconfie: essa é provavelmente uma das tantas lendas que fazem de San Telmo um lugar único.

Plaza *Dorrego*

Esquina das ruas Humberto 1° e Defensa, San Telmo.

Buenos Aires de bike

Bicicletada teatral é opção divertida para

circular

pela cidade e participar de montagem itinerante

(Foto: Prefeitura de Buenos Aires/Divulgação)

Nem táxi, nem metrô. Para conhecer a capital argentina, uma ótima opção é sair pedalando por aí. A Prefeitura lançou um programa para fomentar o uso da bicicleta como meio de transporte rápido, ecológico e saudável. Quase 100 km de ciclovias estão sendo construídos em diversos bairros.

Para usar bicicletas de graça, basta ir até uma das 24 estações disponíveis e se registrar com cédula de identidade ou passaporte, além de um certificado de domicílio (turistas informam o hotel onde estão hospedados).

Com o registro, ganha-se uma senha para retirar uma bicicleta e usá-la durante uma hora, para então devolvê-la na estação mais próxima. Boa pedida é retirar uma bicicleta na estação da Universidade Católica (UCA), em Puerto Madero, e pedalar pela avenida Costanera Sur – situada na beira do Rio da Prata. Pela Costanera, se tem acesso à maior reserva natural da cidade.

A Prefeitura também oferece bicicletadas teatrais, uma maneira divertida de passear por Buenos Aires e, de quebra, participar de espetáculos baseados em clássicos da literatura. Os circuitos geralmente são feitos aos sábados, domingos e feriados e partem às 14h do Museu do Humor (Avenida de los Italianos, 851, Puerto Madero). Mas é preciso se inscrever antes no site www.bue.gob.ar. Como as bicicletadas duram cerca de 2 horas e cada um precisa levar sua bicicleta, o mais recomendável é alugar uma. Diversas empresas oferecem o serviço, no valor médio de 20 pesos (R\$ 10) por hora.

Programa Bicicletas de Buenos Aires

Site: <http://mejorenbici.buenosaires.gob.ar>.

* Ver mapa com as estações no site. O serviço é gratuito e funciona de segunda a sexta, das 8h às 20h, e sábados, das 9h às 15h. Não abre nos feriados.

Museu Casa Carlos Gardel

(Foto: Divulgação/Museos de Buenos Aires)

Museu

Casa

Carlos

Gardel

Para quem se interessa por tango, mas quer fugir dos shows para turistas, uma boa dica é fazer uma aula grátis na casa onde Carlos Gardel morou. Situada no bairro Abasto, a residência foi recuperada e transformada em museu para refletir exatamente como era nos anos 1930. “Bailar um tango na casa de Gardel é como tocar no piano de Chopin”, diz Horacio Torres, diretor do museu.

As aulas duram duas horas e meia e são divididas em dois níveis: quarta-feira para os principiantes, sexta-feira para os avançados.

“Chegamos a contar com 50 pessoas por aula e vamos precisar limitar a quantidade para preservar a estrutura do prédio”, diz Torres. O quarto, a cozinha, o escritório e a sala mantêm as feições originais.

As lojas das ruas vizinhas também merecem uma visita. Elas são decoradas com a típica técnica local de pintura sobre madeira: o fileteado portenho. O nome do bairro remete ao antigo mercado central que funcionou de 1883 a 1984 e abastecia Buenos Aires. Hoje transformado no Shopping Abasto, o edifício também mantém a arquitetura original.

Museu

Casa

Carlos

Gardel

Endereço: Calle Jean Jaurés 735, Abasto; telefone: (+54)11-4964-2015; site: www.museocasacarlosgardel.buenosaires.gob.ar

* Segunda, quarta, quinta e sexta, das 11h às 18h. Sábado, domingo e feriados, das 10h às 19h.

Entrada: 1 peso (R\$ 0,50); quarta-feira, grátis. As aulas de tango grátis são toda quarta e sexta, às 18h.

Museu Nacional de Belas Artes (MNBA)

Sala do Museu Nacional de Belas Artes (Foto: MNBA/Divulgação)

Este museu é a oportunidade para ver mestres como Van Gogh, Picasso, Gauguin, Degas, Cézanne, Chagall, Rodin, Goya, Renoir, Monet e Manet. Todos num só lugar, e sem pagar um tostão. Inaugurado em 1895, o MNBA possui o principal patrimônio de arte do país. Suas 34 salas abrigam quase 13 mil obras, entre pinturas, esculturas, desenhos, gravuras e objetos. São tantas peças que em 1983 o acervo teve de mudar do antigo prédio (onde hoje funcionam as Galerias Pacífico, na rua Florida) para o atual casarão, na Recoleta.

O impressionismo é o carro-chefe do museu. A "Ninfa Surpresa" (1861), por exemplo, é um dos poucos nus pintados pelo francês Édouard Manet. O "Moinho da Galette", de Vincent Van Gogh (1886), integra a série com esse nome feita pelo artista holandês. Já o erotismo de "Mulher do Mar" (1892) revela a paixão do francês Paul Gauguin pelas nativas do Taiti, onde morou.

Museu Nacional de Belas Artes de Buenos Aires

Endereço: Av. Del Libertador, 1.473; Telefone: (+54)11-5288-9945; site: www.mnba.org.ar.

* Terça a sexta, das 12h30 às 20h30. Sábado e domingo, das 9h30 às 22h30. Segunda não abre. Entrada gratuita.

Museu de Arte Latino-Americana (Malba)

'Abaporu' (1928), de Tarsila do Amaral

(Foto: Sérgio Amaral /G1)

Aqui está o Abaporu, de Tarsila do Amaral, a obra mais famosa do modernismo brasileiro. O museu também abriga quadros de outros pesos-pesados da região, como o colombiano Fernando Botero, a mexicana Frida Khalo, o cubano Wilfredo Lam e o brasileiro Di Cavalcanti.

O acervo é privado e pertence ao argentino Eduardo F. Constantini. No total, são cerca de 500 obras estimadas em mais de US\$ 50 milhões.

Além do Abaporu, o museu destaca outras três obras-primas: "Auto-retrato com Macaco e Papagaio" (1942), de Frida Kahlo; "Retrato de Ramón Gómez de la Serna" (1915), do mexicano Diego Rivera; e "Festa de São João" (1939), de Cândido Portinari. "A coleção permanente exhibe as principais correntes artísticas da região ao longo do século 20", diz o curador-chefe, Marcelo Pacheco.

De quinta a domingo, a partir das 18h, há projeção de quatro filmes diários no Cine Malba. O prédio foi projetado especialmente para o museu e possui ainda uma loja e um charmoso café.

Museu de Arte Latino-Americana de Buenos Aires

Endereço: Av. Figueroa Alcorta, 3.415, (+54) 11-4808-6500, site: www.malba.org.ar

* Entrada: 23 pesos (R\$ 11). Quarta-feira é grátis para estudantes, professores e maiores de 65 anos, mas é preciso levar documento. Para o Malba Cine, a entrada geral é 23 pesos (R\$ 11); estudantes e aposentados pagam 12 pesos (R\$ 6).

Museu da Cidade

Bonecas do século 19 no Museu da Cidade (Foto: Eduardo Szklarz/Especial para o G1)

Outro museu? Calma, este é bem diferente: não tem grandes obras nem a seriedade dos espaços desse tipo. "Nosso foco são os usos e costumes portenhos. Falamos das pessoas comuns", diz a funcionária do Museu da Cidade Carolina Fierro Colom. "Mostramos os objetos que as pessoas usavam e como eles foram mudando ao longo das primeiras décadas do século 20."

Há um toque de humor em todas as partes, a começar pelo nome das exposições. A mostra "Quando os portenhos tinham outras coisas na cabeça", por exemplo, exhibe os chapéus e lenços que os habitantes da cidade usavam nos anos 20 e 30. Eles viajavam à cidade costeira de Mar del Plata com seus chapelões de feltro e palha. No hipódromo, as senhoras da alta sociedade usavam abas largas com gigantescos alfinetes "que poderiam servir muito bem como armas de defesa", diz um cartaz.

O museu também expõe as toucas e gorros dos bebês, além de bonecas e brinquedos que fizeram sucesso no passado. As luvas, que hoje quase não são vistas nas ruas da cidade, eram geralmente feitas de couro napa, lã, veludo e peles de cabrito e pecari – conhecido no Brasil como queixada ou

porco-do-mato.

O museu ocupa um edifício construído em 1894 e sua ambientação é de 1910-1915. Dois aposentos foram conservados no estilo da época: uma sala de reuniões (usada para receber as visitas antes do jantar) e um quarto infantil (cujo berço, feito em madeira, tem o formato das costelas de um peixe grande).

Museu da Cidade de Buenos Aires
Endereço: Defensa, 219, Montserrat; telefone: (+54)11-4331-9855;
site: <http://museos.buenosaires.gob.ar/ciudad.htm>.

* Segunda a sexta, de 11h às 19h; sábado, domingo e feriado, de 10h às 20h. Entrada: 1 peso (R\$ 0,50); segunda e quarta, grátis.

Passeios guiados

Caminito de La Boca, em Buenos Aires

(Foto: Sitio oficial de turismo. Gobierno de la Ciudad de Buenos Aires www.bue.gob.ar)

Quem é adepto do turismo no estilo “faça você mesmo” pode, em vez de contratar um guia, baixar da internet as explicações, os mapas e o áudio sobre 12 circuitos da cidade – entre eles La Boca, San Nicolás e Retiro. Depois é só ir ao local de início do circuito e fazer o trajeto escutando o áudio em seu aparelho (iPod ou qualquer um que toque MP3).

Para baixar os roteiros é só acessar o site da Prefeitura de Buenos Aires, clicar na opção *Recorridos* (Trajetos) e depois em *Autoguiados*. As explicações são em espanhol, mas, como é uma gravação, se algum detalhe escapar, é só ouvir de novo.

VENTURA, Andrea. **DEL ¡vamos Argentina! A la alemanización de Río.** Canchallena. 13.julho.2014. Disponível em: <<http://www.lanacion.com.ar/1708804-del-vamos-argentina-a-la-alemanizacion-de-rio>> Acesso em: 15.dez. 2014.

Del ¡vamos Argentina! a la alemanización de Río

Lo recuerdo claramente y creo que no lo voy a olvidar nunca. Sucedió un mes atrás caminando por las calles de Río de Janeiro, a horas del puntapié inicial del Mundial, cuando Brasil todavía tenía la ilusión campeona en flor.

¡Aaargentina, Aaargentina! El aliento ensordecedor venía de un grupo de manifestantes brasileños que estaba en contra de la Copa por los gastos que le ocasionó a la ciudad (y al país) y los presupuestos que se resignaron en otras áreas, como salud y educación.

Los manifestantes que marchaban por la tarde carioca con la samba a cuestas cortando calles, cuando vieron camisetas albicelestes paseando por la avenida Atlántica en Copacabana, la costanera más famosa del mundo, empezaron a alentar a nuestra selección con todas sus fuerzas. Querían especialmente que la Argentina sea el nuevo campeón.

Había una explicación y Tania, una de las manifestantes, se encargó de darla. "El alcalde de Río

de Janeiro, Eduardo Paes, dijo que si la Argentina sale campeón del mundo..., se suicida", comentó. Y como estaban en contra de la organización del Mundial y también, claro, del alcalde, decidieron sumarse a la *torcida* argentina y alentarla, a pesar de su corazón *verdeamarelo*.

Ahora me pregunto, cuando hoy la Argentina se enfrente a Alemania en el Maracanã por la gran final, ¿también alentarán a los germanos, como parece que casi todo Brasil lo hará? ¿Finalmente les dará pena que el alcalde se mate? Aunque ya no tengo forma de comunicarme, Tania, esa mujer morena que habla perfecto español, ¿gritará por la Argentina? Su causa contra el déficit hospitalario parecía más fuerte que cualquier partido, más fuerte que la eterna rivalidad futbolística entre Brasil y la Argentina, que hasta logró *alemanizar* a uno de los países más calientes y alegres del mundo.

También recuerdo especialmente la visita a la favela de Santa Marta, una de las primeras en ser pacificadas en Río de Janeiro. En el barrio de Botafogo está abierta a los turistas. Allí, José Carlos fue el guía que me llevó a recorrer la laberíntica comunidad de más de 6000 habitantes.

Subiendo por las escaleras comentó que en el hostel que hay en Santa Marta había muchos argentinos, que hasta se habían hecho amigos y muchos chicos brasileños ya se paseaban con camisetas argentinas.

Incluso me regaló una figurita del álbum del Mundial que tenía repetida como símbolo de amistad entre los países, que a mi hijo le vino muy bien: de pura casualidad era una de las pocas que le faltaban para llenar.

Otros muchos, muchísimos por las calles, en la playa, en los negocios al descubrir mi portuñol me dijeron que nos veríamos en la final, que no podíamos perder antes... Por ese entonces todavía no se escuchaba el hit *Brasil, decime qué se siente*. De todas maneras no me imagino a Río alemanizado. Creo que ni el fútbol lo puede lograr.